



Filipe Alberto Patroni

A VIAGEM DE PATRONI PELAS PROVÍNCIAS BRASILEIRAS

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

176

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Viagem pitoresca, originalmente escrito em língua espanhola pelo genovês Bartolomé Bossi (1819-1890), em 1863, com desenhos a partir de fotografias tiradas pelo próprio autor, é um relevante documento histórico, mineralógico, etnográfico e geográfico. Inclui-se na bibliografia dos cronistas e viajantes estrangeiros no Brasil. Bossi foi escritor, jornalista, armador, comerciante e fotógrafo, entre outras atividades. Em 1862, empreendeu a viagem de que trata o livro, começando por Montevideu e Buenos Aires, entrando pelo interior de Mato Grosso, percorrendo o alto Paraguai, os sertões da serra dos Parecis, descendo pelo Arinos. Estudou as regiões visitadas do ponto de vista geográfico e das produções naturais. A intenção era, também, fazer um levantamento para a elaboração do primeiro mapa da região, em grande parte inexplorada. Dedicado ao barão de Mauá, Bossi afirmou na introdução que fez a seu livro: “Esta pequena obra, se algum mérito possa ter, será a exatidão rigorosa de seus pormenores.”

VOLUME 101

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Viagem ao rio Prata e ao Rio Grande do Sul, publicado em 1835, obra de Arsène Isabelle, vem somar-se à bibliografia dos viajantes estrangeiros. Desta vez, é o Rio Grande do Sul, tendo o Uruguai e a Argentina como parte de suas anotações. O estudioso dessa região do país encontrará aqui material abundante sobre o Brasil e o Cone Sul da América Latina. Mesmo nas observações sobre o Brasil, nem sempre lisonjeiras, observa-se, contudo, um atento cronista e homem envolvido com as questões humanas e políticas.

Arsène estava mais preocupado com o homem e a organização social do que com o elemento natural. Este, que lamentava a extensão de terra não cultivada no Rio Grande, quando operários franceses morriam de fome, posteriormente, emigra para o Uruguai. Diz o tradutor: “Um tema que o apaixona e absorve é o da colonização destas vastas regiões por elementos europeus selecionados, à base das observações que recolhera em sua viagem à província do Rio Grande”. Pouco se sabe sobre Arsène Isabelle, além de ter sido colaborador no jornal de exilados *Patriote Français* e agente consular francês. Seu livro teve boa repercussão na França e mereceu citações em outros trabalhos sobre o mesmo assunto.

Este livro não é um simples relato de viagem, mas um conjunto de notas relevantes sobre a geografia, a economia e a formação geológica e sociológica das regiões por onde Arsène empreendeu sua viagem.

A viagem de Patroni pelas províncias brasileiras

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre

PRESIDENTE

Senador Eduardo Gomes

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Humberto Costa

2º VICE-PRESIDENTE

Senadora Daniella Ribeiro

1ª SECRETÁRIA

Senador Confúcio Moura

2º SECRETÁRIO

Senadora Ana Paula Lobato

3ª SECRETÁRIA

Senador Laércio Oliveira

4º SECRETÁRIO

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

Senador Styvenson Valentim

Senadora Roberta Acioly

Senadora Soraya Thronicke

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Caichiolo

Esmeraldina dos Santos

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Miguel Sanches Neto

Nathalia Henrich

Rafael André Vaz Chervenski

Victorino Coutinho Chermont de Miranda

Filipe Alberto Patroni

A viagem de Patroni pelas províncias brasileiras

De Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Gerais e
Rio de Janeiro, nos anos de 1829 e 1830

Edições do Senado Federal
vol. 176

2ª edição

Brasília, 2026

SENADO FEDERAL



O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: Cristiano Ferreira

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Capa: Thomas Gonçalves e Leonardo Matoso

Projeto gráfico e diagramação: Eduardo Franco

Revisão: Mariana Sanmartín

Revisão técnica: Joana D'arc Macedo

© Senado Federal, 2026

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

Todos os direitos reservados

Patroni, Dr., 1798-1866.

A viagem de Patroni pelas províncias brasileiras de Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, nos anos de 1829 e 1830 / Filipe Alberto Patroni. — 2. ed. — Brasília : Senado Federal, 2026.

148 p. — (Edições do Senado Federal ; v. 176)

ISBN: 978-65-5676-750-5

1. Viagem, memórias, Brasil. 2. Brasil, descrição, séc. XIX. I. Título. II. Série.

CDD 918.1

Às cinzas venerandas
de seu amado pai e senhor
Joaquim Antônio de Sousa e Azevedo,
Laboriosíssimo, honradíssimo, religiosíssimo,
que sabia educar sua mulher, seus filhos e domésticos,
no amor do trabalho, no amor da independência,
no amor da Religião;

Igualmente
À sua ilustre e cara mãe e senhora
D. Joaquina Maria de Jesus Gomes Franco
Mulher laboriosa, mulher honrada, mulher religiosa:
Oferece, dedica, consagra
Este breve e singelo monumento de respeito e gratidão,
monumento de amizade e ternura filial,
em memória de tantos benefícios da educação
física, intelectual e moral,
sua humilde e obediente e terna filha
Maria Ana de Sousa e Azevedo.

DEDICATÓRIA

Tendo sido sempre, Mariquinha,* uma regra dos escritores consagrar suas obras aos Mecenas e aos Grandes, a fim de ganharem protetores eficazes: a Inquisição e a indigência foi muitas vezes a origem deste uso tão antigo. Mas que tenho eu com o Mundo, eu que a nada mais aspiro do que a gozar para sempre tua amizade e ternura. Augusto foi bem feliz; outros que o creiam eu não: a troca de ser esposo e pai desgraçado, eu não queria ser Deus.

A teus rogos e instâncias, e só para teu recreio, me propus a escrever e publicar esta viagem, que nada tem de interesse mais do que a constância admirável de uma jovem mulher expondo-se a tantos riscos e penosos trabalhos para acompanhar seu marido, a quem ela ama com uma ternura prodigiosa, deixando tudo quanto há caro no mundo para lhe consagrar toda a alma e paixões, desejos e vontade.

Isto, meu bem, é bastante para votar meu escrito ao teu inocente nome. Deixa, portanto, correr com este selo a obra; e se é possível haver uma dama caprichosa que pretenda insolente governar a seu marido e trazer a discórdia no seio de sua casa, aprenda ela de ti a praticar a virtude do tálamo que é muito simples e fácil.

Trabalho, e amor respeitoso
Ao marido, e a mais ninguém:
Ame aos filhos, se os tiver,
E trate a família bem.

Nada de jogos, nem luxo,
Modéstia em tudo, e decência
Eis a regra de passar
A vida com inocência.

* Nome familiar com que o autor chama sua mulher.

SUMÁRIO

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO	13
------------------------------	----

PRÓLOGO	15
---------------	----

PARTE I Viagem de 206 léguas, desde a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, até o arraial do Juazeiro na passagem do Rio de S. Francisco	17
---	----

CAPÍTULO I Da viagem que o autor fez do Pará para o Ceará por mar	19
--	----

CAPÍTULO II Dos preparativos da viagem de terra	27
---	----

CAPÍTULO III Patroni dá princípio à sua jornada e é recebido na vila de Aquiraz por um figurão de sobrecasaca, barba crescida e pés no chão	31
---	----

CAPÍTULO IV Da viagem do Aquiraz até o arraial de S. João. O Vicente Pau-Pelado, e seu sobrinho	35
--	----

CAPÍTULO V Da viagem desde o arraial de S. João até à vila do Icó	39
---	----

CAPÍTULO VI Do que passou o autor na vila do Icó, e jornada que daí fez ao Crato	43
---	----

CAPÍTULO VII Dos sucessos da viagem do Crato e rio de S. Francisco até o Juazeiro	47
--	----

PARTE II	Viagem de 197 léguas, desde a passagem do rio S. Francisco no arraial do Juazeiro, até o casal do Regapu, no termo da vila de Caitité, na província da Bahia	53
CAPÍTULO VIII	Viagem do Juazeiro para Jacobina Nova: adocece a mulher do autor; consequências e tratamento desta moléstia	55
CAPÍTULO IX	O autor chega à vila de Cachoeira, e vai depois à Bahia: sucessos notáveis desta importante viagem	61
CAPÍTULO X	O autor atravessa o Paraguaçu para S. Félix e continua sua viagem até passar o Rio das Contas. Notícia de um famoso caloteiro e tratante	71
CAPÍTULO XI	Entrada do autor no Regapé, e seus divertimentos neste casal. Festa do menino Jesus. Um rei mago ladrão de cavalos. O brás escolhido para noivo pela cor. O Sr. Joaquim Chato. O vinho de açai	79

PARTE III	Viagem de 148 léguas, desde o casal do Regapé, na província da Bahia, até a cidade de Ouro Preto, capital de Minas Gerais	85
CAPÍTULO XII	Partida do Regapé. O Sr. Moreira, caçador de perdizes com arte. Mineração de ametistas. Registo do Rio Pardo. O Abraão brasileiro	87
CAPÍTULO XIII	O autor chega ao arraial da Itacambira, e compra a lavra da chapada. Descrição deste casal, e de seu gabinete filosófico. O rio das Mucaúbas, e o da Jequitinhonha. O doutor João Fernandes. O tejuco e a junta. O redator do <i>Eco</i> . O comércio dos diamantes	95

CAPÍTULO XIV	Vila do Príncipe. Um rábula sujo de sempiterna jaqueta. Errada notável de caminho. Forma cínica de beber água. O arrieiro fazendo tutu a uma criança para topar com o seu amo perdido. O fado tocando matraca em quarta-feira de trevas	103
--------------	--	-----

CAPÍTULO XV	Casas de encomenda. Os naturalistas caçando todos os dias. Serra do Caraça. O corpo de S. Pio. O Irmão Lourenço. Estalagem das Cabaças. O pajem do Sr. Manuel o infeliz. Dirceu e sua amada. Marília de Aprinto (Patroni).	109
-------------	--	-----

PARTE IV	Viagem de 74 léguas, desde Ouro Preto, capital da província de Minas Gerais, até a cidade do Rio de Janeiro	115
----------	--	-----

CAPÍTULO XVI	A questão do Rio Pardo decidida. Salubridade e passadio em Ouro Preto. Sepultura em que esteve enterrado o autor. Instruções para os registos	117
--------------	---	-----

CAPÍTULO XVII	O mar de Espanha coberto de capim. O volta tu, não volto eu. A ordem dórica do Sr. Padre José Pinto. Os anarquís- tas do Xipoto. As canelas da mãe Catarina na cama. O lugar comum das histórias do Campelo. O tenho meu moinho. O Sr. Vidal e os boletins do imperador. O registo da Paraibuna ...	121
---------------	---	-----

CAPÍTULO XVIII	O <i>qui pro quo</i> de Paraíba. A Sra. Ana e o pati do alferes. A Sra. Clemência e o carácter brasileiro. Os olhos cegos do governo. Os ladrões da Corte. O pinhal da Azambuja. Fim da viagem	127
----------------	---	-----

ROTEIRO	131
<i>Dos lugares em que esteve e passou o autor desta viagem</i>	

ELUCIDAÇÃO JURÍDICA	141
---------------------------	-----

*Dos direitos fiscais sobre os escravos ladinos, ou do uso e serviço dos viajantes
na província de Minas Gerais feita pelo autor desta viagem, por ocasião da
controvérsia que teve com o administrador do registo do Rio Pardo*

DOCUMENTO DE QUE SE FAZ MENÇÃO NO § 8 DO CAP. XVI DA VIAGEM	148
--	-----

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

Na presente edição de *A viagem de Patroni pelas províncias brasileiras*, a grafia das palavras foi atualizada conforme as normas vigentes do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Esta edição também foi cuidadosamente cotejada com a publicação original, o que permitiu identificar e reintegrar conteúdos que não constavam da última edição impressa pelo Senado Federal. Com isso, busca-se oferecer ao leitor um texto mais completo, preservando-se o valor histórico da obra e ampliando-se sua fidelidade à fonte original.

PRÓLOGO

O autor desta obra é Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, natural da província do Pará. Achava-se ele exercendo a advocacia na corte do Rio de Janeiro, quando foi nomeado juiz de fora da Praia Grande e Maricá, em ocasião que tratava de partir para sua terra natalícia a efetuar seu casamento, cujos ajustes, entabulados no ano de 1822, tinham sido suspensos pela prisão e processo que o levou a Lisboa por causa da fala dirigida ao rei, em novembro de 1821, contra os ministros lusitanos que tanto atraíçoavam as coisas do Brasil.

Partiu com efeito para a sua província em janeiro de 1828, casou, e depois de alguns meses saiu para o Rio de Janeiro a tomar conta do seu emprego, e vinha embarcado. Mas, passando muito mal do estômago, a vomitar todos os dias e a toda a hora, resolveu entrar no Ceará e desembarcar, para prosseguir por terra a sua jornada, como o fez em verdade; e é a viagem que faz agora o objeto desta relação escrita.

O leitor já colige, portanto, que uma tal viagem foi casual e não feita de pensado; a lei da necessidade motivou a empresa, e a conduziu ao cabo sem alguma intervenção da ardilosa e feliz curiosidade; viajou-se para chegar a uma terra do seu domicílio, e não para analisar e ver os fenômenos, observando-os com olhos de naturalista ou de um visitador encarregado de fazer grandes descobertas.

Não há pois a esperar nada importante desta história, que o autor não chegaria certamente a escrever e a publicar pelos tipos, se não fosse instado por sua mulher, a qual, desejando ter para seu recreio uma obra joco-séria feita por seu marido (que se propunha, aliás, satisfazê-la com alguma novela ou coisa semelhante), lhe inspirou a ideia de ordenar em um breve composto dos apontamentos tomados na carteira a respeito dos nomes e distâncias dos lugares por onde passaram; única utilidade talvez que o público pode encontrar neste pequeno livro.

O autor, entretanto, não saberia bem suplicar a indulgência do leitor para ter sempre em vista os ditames daquele chefe d'obra do saber humano, o mais bem acabado modelo de filologia, a *Epístola horaciana aos Pisões*, que todos os homens de todas as classes devem primeiro ler, estudar, aprender, e meditar, antes que presumam aparecer no grande mundo das ciências como poetas ou como consultos, naturalistas ou teólogos, políticos ou moralistas. O raciocínio exatíssimo, nascido mesmo nas entranhas da Natureza virgem, faz a alma daquele sistema; e é este raciocínio a base única da verdadeira filosofia. *Bentham*, o consumado e imortal Bentham, retratando os pedantes e charlatões nos sofismas, nada alterou a verdade enunciada 18 séculos antes pelo venurino: *Vultum verba decent, iratum plena minarum, ludentem lasciva, severum seria dictu*.

Tais são as regras que o autor se prescreveu na composição deste breve escrito, onde o leitor de inteligência e meditação encontrará sempre a Natureza e mais nada. Que ele possa aproveitar aos homens em alguns ditames e verdade que encerra.

PARTE I
VIAGEM DE 206 LÉGUAS, DESDE A
CIDADE DE FORTALEZA, CAPITAL
DO CEARÁ, ATÉ O ARRAIAL DO
JUAZEIRO NA PASSAGEM DO RIO
DE S. FRANCISCO.

CAPÍTULO I

DA VIAGEM QUE O AUTOR FEZ
DO PARÁ PARA O CEARÁ POR
MAR

No dia 19 de janeiro de 1829, saí da capital do Pará para o Rio de Janeiro, embarcado na escuna *Amizade*, trazendo comigo minha família. O navio tinha apenas velejado 24 horas, quando me senti tocar o cume da dor e de desesperação. Minha jovem e amável esposa era inconsolável nas saudades que tinha da sua mãe e irmão, a quem deixava pela primeira vez, depois de haver há poucos meses perdido seu pai, que a morte nos arrebatou no mesmo dia destinado para os nossos desposórios, e cuja perda ainda hoje ela chora amargamente, sem haver coisa alguma que a possa distrair da lembrança terna e saudosa de um homem virtuoso que adorava a Deus no Céu e a ela na Terra; de um pai verdadeiramente digno do culto eterno de seus filhos agradecidos. Não era pois tanto a ausência de sua mãe e irmão o que minha terna esposa pranteava: deixando, porém, sua terra natalícia, ela não podia ser invencível à memória de um pai extremoso, o qual, muitas vezes antes e depois de consentir em nosso consórcio, não suportava, sem derramar um copioso pranto, a terrível ideia de lhe arrancar eu de seus braços uma única filha que fazia suas delícias e que devia fazer a consolação e o prazer de sua próxima velhice.¹

1 Os céus o livraram de um lance tão desgraçado para ele: os céus os chamaram à doce habitação dos justos no mesmo dia designado para eu casar com sua filha: sábado, 19 de abril de 1828!!! Que o leitor indulgente me permita consagrar estas linhas à memória de um brasileiro respeitável, que tem direito à homenagem dos vindouros. Bom esposo, bom pai, bom cidadão, bom amigo, o Sr. Joaquim Antônio de Sousa e Azevedo será sempre considerado como homem de bem, e credor à veneração e estima de todos os homens honrados. Ele era natural da província do Pará, filho do paulista Antônio de Sousa, e neto do capitão João de Sousa, célebre

As cruéis sensações, que agitavam a alma de minha inocente esposa, traspassavam igualmente minha alma aflita; eu via seus olhos sempre arrasados de lágrimas; eu ouvia de contínuo seus soluços frequentes, seus amiudados suspiros. Ah! não tenho com que possa comparar a dissolução em que ela se achava! “Teus doces encantos”, lhe dizia muitas vezes, “sobrepõem mais que nunca: une lábios aos meus para ver se devoro essa mágoa que te aflige.” Então eu a animava, fazia-lhe ternos

na história do Brasil por haver sido o primeiro que fez a viagem de S. Paulo para o Pará pelo Amazonas. Sem instrução de livros, pois que não frequentou estudos alguns, o Sr. Joaquim Antônio de Sousa e Azevedo possuía contudo o bom senso em grau tal, que sem esforço e naturalmente praticava todas as ações boas que o mais consumado filósofo moralista pode oferecer nos seus sistemas para modelos de virtudes. A primeira desta era para ele o *trabalho*: na sua casa não se sabia o que era estar ocioso um momento; sua mulher e seus filhos trabalhavam igualmente; os pretinhos de oito anos já tinham a dar uma pequena tarefa de algodão descarado; e por esta maneira, educando seus filhos no amor da riqueza, conseguiu inspirar-lhes aquele nobre e admirável sentimento que o mais profundo político não saberia bem louvar e apreciar, o *amor do trabalho*, esta fonte inexaurível dos bens sociais, e origem fecunda de todas as virtudes civis e religiosas. Em consequência, nada de festas, nem de visitas e companhias, nada de luxo: mas tudo modéstia, independência, trabalho, e utilidade para si, sua família, e sua pátria, que com este gênero de proceder ganhou a posse de duas pessoas estimáveis, sua viúva ilustre a Sra. D. Joaquina, casada atualmente com Sr. José Batista Camecrã, e seu filho o Sr. João Antônio de Sousa e Azevedo, que faz honra à memória de seu pai, e que é um dos cidadãos mais dignos, laboriosos e ricos da província do Pará, em cuja capital reside muito bem estabelecido, e venerado por seus conterrâneos.

A sentimentos tão generosos eu devo sem dúvida a grande fortuna de possuir uma esposa idolatrada, que a índole excelentemente meiga e a um coração de inexplicável ternura para comigo reúne admiravelmente o sublime dom da economia, que a faz entregar-se toda aos cuidados de sua casa, e aborrecer em extremo a ociosidade e mais vícios das cidades corrompidas. Nem o Eterno podia deparar melhor sorte a um homem, que, escrevendo o *Código das Recompensas*, e o *Direito Constitucional da Natureza explicado pelas leis físicas do mundo*, tomou por bases de seus sistemas políticos a Riqueza e a Sabedoria, que são as causas naturais e únicas da ventura, e sem as quais não há pátria nem liberdade, mas tudo é servidão, miséria tudo, e tudo despotismo. Possa esta lembrança aproveitar aos pais de família brasileiros para educarem seus filhos no trabalho, dando-lhes uma tarefa por dia, em vez de os terem ociosos quatro horas cada noite nos jogos, danças, e companhias, enchendo mal o tempo, em que deviam trabalhar, para adquirirem a riqueza, que é o primeiro móvel da independência e liberdade.

carinhos e, apertando-a em meus braços, confundia com os dela os meus prantos e soluços.

Por outra parte, que espetáculo triste que ofereciam meus escravos! Aqui uma negra estirada no convés, sem sentidos; ali outra vomitando; as crianças a chorar; os negros maiores pensativos e meditabundos, como sentindo o mesmo que Ovídio, quando deplorava tantos e tão caros objetos que em uma noite deixou: tudo enfim me despedaçava o coração, e me fazia invocar surdamente o gênio de Catão, que se arrependia sempre de haver embarcado, podendo ter feito sua viagem por terra.

A escuna velejava, e pouco a pouco parecia mergulhar-se nas ondas, o bosque denso e verde que dá sombra aos penates da minha amada e também meus: já não se via mais do que o firmamento e as águas que estão debaixo do firmamento; e para cúmulo das minhas penas a Natureza abandonava meu corpo frágil aos sucessos desastrosos daquele salgado elemento, cujos perigos só pode contar quem navega, como dizia um sábio da Palestina famosa.

Um enjoo extraordinário me atacou fortemente: o cheiro do alcatrão me ofendia o olfato; o movimento das vagas, a claridade dos saís, o roucosom do vento que sibilava; tudo me afeta a um tempo os órgãos sensórios e as vísceras extremamente debilitadas; e umedecido o estômago, os vômitos sucedem uns aos outros, e eu não posso comer, nem beber, nem dormir, privado inteiramente do uso das minhas faculdades. Ah! que loucura sulcar os mares podendo viajar por terra enxuta! Ó gênio de Catão! Inspira aos meus patrícios o amor da terra que é mãe dos homens, e mãe fagueira, terna e carinhosa, que amima a todos com seus dons celestes.

Reinava a profusão por toda a parte; meu rancho ministrava todo o cômodo a uma jovem mimosa transportada nos braços de um esposo que a idolatrou sempre. Mas quê! Meus escravos comiam sofrivelmente; minha mulher bebia água frequentes vezes e sempre com satisfação, enquanto que eu apenas podia bebê-la misturada com açúcar e limão. Nem vinho e leite, nem cerveja e doce me passava da garganta: a galinha, quanto mais gorda, mais me enjoava; meu alimento era só bacalhau e carne salgada assada; mas isto mesmo só durava meia hora no estômago. Vômitos frequentes, suores intermináveis, apenas dormitando ao romper do dia, a aurora me apontava o começo dos vexames, que eu

tinha de sofrer eternamente, se devesse ser eterna a louca empresa de arrostar aos perigos do argênteo, mas sempre fero e malfazejo Netuno.

As deferências do ilustre capitão do meu navio, o Sr. *Cristóvão Andrés*, russo de origem, e homem assaz estimável por suas belíssimas qualidades; suas atenções extremosas e cuidados para comigo nada podiam adoçar o rigor do meu sofrimento. Por minha fortuna, porém, havíamos ajustado no fretamento entrar a escuna em qualquer porto do Brasil, onde eu quisesse. O Sr. *Andrés* teve a bondade de prevenir meus desejos; e passando na altura do Ceará, me designou a cidade da Fortaleza para termo de minhas penalidades.

Eram 10 horas da manhã do dia 15 de fevereiro de 1829, quando, já defronte daquela cidade, avistamos ao longe uma vela pequenina que, flutuando nas ondas, se encaminhava para nós. Que portento! Que assombro! Era um mísero pescador, que na sua jangadinha ensinava aos guerreiros e bárbaros assassinos políticos e físicos que a coragem, o ânimo, a valentia deve antes empregar-se contra os peixes e contra o mar do que contra os entes de sua mesma espécie.

O pescador se inculcava perito em pilotagem, e vinha oferecer seus serviços ao meu capitão para lhe conduzir o navio pela barra dentro. Seus serviços aceitos, a escuna ancorada; eu me dirigi ao Sr. *Manuel Caetano de Gouveia*, rico negociante e capitalista do Ceará a quem eu não tinha a fortuna de conhecer, mas de cuja extrema bondade e caráter generoso o Sr. *Andrés* me fizera cabalmente sabedor.

O porto do Ceará não tem abrigo; não pôde o escaler segurar-se na praia com sossego: assim há naquele país o louvável costume de desembarcar a gente limpa em um andor sustentado nos ombros de quatro valentes mariolas. Achamo-nos, portanto, sem o pensarmos, eu e minha mulher canonizados em vida. E se tal acontecimento se verificara em alguma das outras províncias do Império, a população brasileira acreditaria sem dúvida ter havido alguma dispensa pontifícia em nosso favor contra a lei da canonização, que não permite entrar alguém para o catálogo dos bem-aventurados enquanto é vivo, ou tem algum parente habitando ainda neste vale de lágrimas.

Já nós havíamos descansado em casa do honrado patrão-mor, que nos obsequiou grandemente com aquela urbanidade própria do seu caráter, quando eu tive a complacência de receber não só o convite generoso e

franco do Sr. *Gouveia*, mas também a notícia de estar na terra exercendo o emprego de ouvidor o meu ilustre e antigo colega o Sr. *Joaquim Vieira da Silva*, natural do Maranhão, cuja bonomia é notória a todos aqueles que, como eu, tiveram a fortuna de o tratar desde os tempos dos estudos em Coimbra.

Que afabilidade, que agasalho encontramos nós na parte assim do Sr. *Gouveia*, como de sua virtuosa e bela consorte a Sra. D. Francisca! Seus agrados nos surpreenderam; seus extremos nos encantaram: enfim nada nos faltava ali, para recuperarmos aquela tranquilidade que a viagem nos roubara, e pela qual suspirávamos com tanta ansiedade. Mas eu devia ceder às instâncias e solicitações do meu colega o Sr. *Vieira*, cuja antiga amizade, e amizade escolástica, se reanimava com a nossa mútua presença. Eu fui portanto seu hóspede; mas eu segui sempre a regra de não exceder ao terceiro dia da mais franca e sincera hospedagem.

Uma longa experiência devia já ter-me constituído inimigo irreconciliável do mar: nas primeiras sete viagens que fiz, suportei mais ou menos; e nesta última subiu de ponto meu padecimento. Entretanto consultava a gente polida do Ceará a respeito da empresa de continuar minha viagem por terra: todos se me opuseram, à exceção do Sr. *Martiniano de Alencar*, único homem que mostrou ideias sãs das estradas. Uma imensidade de léguas desde o Ceará até o Rio de Janeiro devia com efeito assustar a todo homem que não fosse naturalista, nem viajasse por mera curiosidade ou interesse: restava-me, porém, o conforto da beneficente natureza, que partilhou o raciocínio exato com os varões de inteligência e eu não tinha diante de mim a espada do governo, que a força me obrigasse a tomar como tipo da certeza a pluralidade e o número, que eu sabia muito bem não ser a meta do descobrimento da verdade. Todavia cedi ao prejuízo do número; e a pluralidade foi causa de me deixar atormentar de novo com os mesmos males que acabava de sofrer.

Depois de haver estado 15 dias na cidade de Fortaleza, tentei outra vez a viagem de mar; e o momento de pôr o pé no navio foi também o momento de lançar quase os intestinos fora. Fez-se a escuna à vela; dobrávamos o cabo de Mucuripe, eram apenas 10 horas da manhã, e eu tinha já vomitado cinco vezes sangue vivo, porque nada mais tinha que lançar. Tomando pois uma nova e decisiva deliberação, ordenei ao comandante voltasse para o Ceará, o que fez no dia seguinte, porque

naquele dia não foi possível resistir aos ventos que nos impediam a entrada da barra.

Segunda vez santificados, entramos na cidade de Fortaleza sentados no andor; e eu, celebrando comigo mesmo o triunfo, picava de quando em quando o valor e a influência dos nossos mariolas com promessa de mais avultada gorjeta, receando a cada momento que o deus do mar transformasse as águas em ninfas, crocodilos, focas, ou outros anfíbios, e viesse disputar-me em terra a vitória que eu tinha acabado de ganhar completamente sobre a minha irresolução de fazer a longa viagem, cujos incômodos se nos encareciam tanto, que algum os centuplicou sobre os riscos e trabalhos dos navegantes. Tal era o susto de que me achava possuído, que Gil Brás, fugindo à vingança do biscainho, cuja rica noiva lhe morrera às mãos sendo médico em Valladolid, não corria mais depressa do que eu, de braço com minha mulher, e descrevendo sempre uma curva com o corpo, sulcava as flutuantes areias que formam as belas e duras calçadas das ruas da corte cearense.

Despachei em poucos dias o navio para o Rio de Janeiro, e comecei a tratar dos arranjos da minha jornada por terra, que devia ter princípio em junho, quando cessassem as chuvas e se tornasse mais fácil o trânsito dos caminhos. Cortejado e obsequiado grandemente pelos mais ilustres e guapos cidadãos da capital, eu lhes devo infinitas obrigações, com especialidade ao Sr. Cônego Castro, e ao Sr. João Facundo, o qual teve a bizarria de me ofertar generosamente a residência da casa de seu irmão o Sr. Manuel do Nascimento, que então se achava na corte exercendo as augustas funções de deputado pela sua província.

Minha mulher encontrou todo o gênero de complacência e desafogo na companhia da mimosa consorte do Sr. Vieira, a Sra. *D. Columba de Santo Antônio Gaioso*. Ambas se viram, ambas se amaram; e a familiaridade dos maridos uniu bem depressa as almas das mulheres em uma só alma. Seu formoso *Lulu* (Luizinho, primogênito do Sr. Vieira) com quantas meiguices nos encantava sempre! Ainda me recordo de o ver pulando sobre a mesa do jantar, nu, sem camisa, e vestido somente com uma ceroulinha, que dava um realce a seu corpinho fagueiro, e lhe esmaltava os brincos inocentes da infância.

As lindas praias de Jacarecanga e Mucuripe, e suas altas serras de sutil areia, nos convidavam a frequentes passeios de cavalo: ali alçava eu a mente à Natureza incompreensível, e admirava com profundo acatamento a lei invariável da reprodução dos seres, que mandou ao oceano retirasse o seu curso para dar lugar àquelas praias infinitas, onde crescem e vegetam a *mangaba* e o soberbo *coqueiro*, de que os cearenses fazem grande ramo de comércio.

Na vila de Arronches, distante uma légua da capital, passamos algum tempo, e nos entretínhamos a ouvir as relações curiosas da honesta *Úrsula* e sua boa mãe, que nos fizeram excelente companhia. Aque-la moça nos contava blasfêmias que proferira contra a Divindade por ocasião da penúria a que fora reduzida durante a fome que assolou o Ceará; ela, porém, o fazia com tanta graça que, se a Divindade tivera olhos e orelhas, longe de se irritar, a teria acumulado de seus dons e benefícios. A jovem *Úrsula* se exaltava contra o supremo árbitro da vida dos homens, que alimentava as aves, os peixes e os vermes; e se exaltava com aquela mesma veemência com que o padre Vieira na Bahia dirigiu ao Divino Fundador do Cristianismo as mais severas reprimendas na famosa apóstrofe *Exurge, quare abdormis, Domine?*

O velho *Pontes*, juiz de paz desta vila, e pai de uma numerosa família, nos honrou igualmente com a sua amizade; e minha mulher se comprazia bastante em lhe ouvir tardes inteiras exagerar os milhões e milhões que o Ceará exportava para comprar mantimentos no tempo das secas, que por vezes têm estragado a população e a riqueza daquela província.

A vila não tinha pároco; o templo estava quase abandonado aos morcegos: entretanto, o velho sacristão, devoto honrado que não vivia dos mortos nem das oblações dos santos, mas de duas vacas de leite, que lhe rendiam oito vinténs por dia; este virtuoso ancião era quem fazia de sacerdote *in partibus*, e celebrava as canções noturnas que se entoavam ao Altíssimo. Suas funções, porém, não se restringiam à piedade; ele servia igualmente de assessor letrado ao juiz de fora de Arronches, que administrava em boa-fé a justiça aos seus súditos, sem fazer todavia um só passo vantajoso na leitura das Ordenações lusitanas. O sacristão, portanto, lhe ditava os despachos, e deferindo as petições, uma vez por outra escrevia *amém*, porque se lembrava de haver aprendido que

aquela palavra quer dizer *assim seja*. Estes dois pobres-diabos, o juiz e o sacristão, eram de resto umas almas muito boas; e eu tive o prazer de livrar o primeiro de um lance apertado de judicatura, isentando-o de uma responsabilidade pecuniária de que talvez a ciência do seu pio assessor não poderia isentá-lo nunca.

Assim passávamos no Ceará, até que o meu honrado amigo o Sr. Gouveia nos anunciou ser tempo oportuno para começar a jornada, não só porque já tinham acabado as chuvas, mas também porque se achavam prontos os arranjos, de que ele mesmo se havia generosamente incumbido. Eu não saberia bem descrever os obséquios que devo à munificência e ao caráter deste homem prestável.

À sua própria riqueza o Sr. Gouveia reúne a qualidade de ser casado com a filha e herdeira única do Sr. *Agrela Jardim*, um dos mais poderosos e ilustres proprietários daquela província. Sem ser homem de letras, ele possui contudo uma grande soma de conhecimentos adquiridos nas muitas e dilatadas viagens que tem feito pela maior parte da Ásia e Europa. Os usos e costumes, e línguas estrangeiras têm feito de sua casa o empório do comércio inglês e americano em o Ceará. Tão afável e obsequiador quanto severo em cumprir à risca seus deveres de negociante, ele serve a todo o mundo, posto que sinta prejuízos em seus privados interesses. O Sr. Gouveia é sem dúvida um homem estimável a toda prova, e digno das considerações e respeito que todos lhe tributam.

Eu devo a este homem uma amizade de simpatia; e como se não fossem bastantes mil diversos obséquios com que se dignou honrar-me, quis ainda penhorar mais minha gratidão chamando-nos a mim e a minha mulher para assistirmos, na qualidade de padrinhos, à solenidade do batismo de sua filha assaz linda e encantadora, que a Sra. D. Francisca havia dado à luz poucos dias antes de nossa chegada ao Ceará. Que simplicidade, que natureza no sentimento e caráter do Sr. Gouveia! Não vi pompa, nem festa, nem multidão, nem convivas, no ato glorioso de entrar sua menina para o grêmio dos escolhidos. *Amicus est alter ego*. Eu redobrei, portanto, minha afeição para com ele, pois me honrava de possuir uma parte de seus sentimentos e ideias adequadas e justas de certas coisas do mundo.

CAPÍTULO II

DOS PREPARATIVOS DA VIAGEM DE TERRA

O Sr. *Martiniano d'Alencar* visitou-me diversas vezes, e eu devia pagar-lhe as visitas: mas ele morava na sua casa de campo (Alagadiço Novo), três léguas distante da capital, nos subúrbios da vila de Mecejana, e junto à estrada por onde eu tinha de passar. Havia também afeição e amizade de parte a parte, e minha visita não devia limitar-se a mero cumprimento de urbanidade. Resolvi, portanto, demorar-me alguns dias em sua fazenda, a qual, além de ministrar pasto abundante para os animais, me oferecia igualmente todos os cômodos para arranjar com facilidade a minha tropa, que se compunha de não poucos cavalos.

As estradas do Ceará não têm estalagens nem animais de aluguel: o viajante é por conseguinte obrigado a comprar cavalos e ir provido sempre de tudo, restando-lhe apenas a faculdade de fazer o seu provimento em certos lugares, pois que nem todos têm quanto é preciso a um homem que queira viajar com alguma comodidade. Não há pontes, não há barcas, não há nada, quando aliás podia haver tudo, porque, se há província que tenha todas as boas proporções para ser um jardim, é certamente o Ceará. A Natureza ali é mimosa e pródiga por toda a parte; e seus campos fertilíssimos, águas ótimas e pastos magníficos em todos os pousos, de maneira que não costumam dar milho aos animais. A criação de gado é imensa, os frutos deliciosos, os habitantes ativos, laboriosos, hospitaleiros, e de muito bom caráter e costumes suaves. Mas quê! Tem faltado sempre a *animação* do governo, e isso é tudo. O ofício do governo é unicamente *animar* a ação do povo: e a ação do povo é unicamente a *riqueza*, isto é, a posse e o gozo do maior número de comodidades, e bens. Em consequência de todas as vezes que o governo, as pessoas todas que exercem alguma parte do poder, o bispo, o magistrado, o deputado, o imperador, o general, o capitão; todas as

vezes que estes se desviam daquela esfera de deveres, a sociedade não está em ordem e a política não pode senão abortar monstros. Eis a razão por que no Brasil sempre houve milhões bastantes para se gastarem em homicídios no Sul, Pernambuco, Ceará, Pará, e mais províncias, com o falso pretexto e nome vão de guerra e rebelião, ao mesmo tempo que não tem havido até agora um vintém para se fazerem boas estradas e facilitar o comércio e a comunicação dos homens.

Não obstante, porém, a negligência dos governantes, a viagem do Ceará oferece por toda a parte comodidades e gozos que compensam bem a diuturnidade e extensão dela. E quanto às despesas, guardadas proporções exatas, as que se fazem por terra são ainda menores do que as de mar. É pois fora de toda a dúvida que vale mais ir por terra do Ceará para Pernambuco, Bahia, Maranhão, ou Rio de Janeiro, do que entregar-se ao furor das ondas e aos dissabores do corpo e de espírito, que sempre sofre mais ou menos o viajante embarcado. Ainda esta vez eu invoco o gênio de Catão, e peço aos meus patrícios que se deixem das viagens de mar; que façam caravanas; que andem por terra, e que se lembrem finalmente de haver sido o Brasil talhado pela Natureza para ser um império agrícola, tão venturoso como a China, que não teve certamente melhores elementos.

Eis aqui as circunstâncias em que me achei, empreendendo a viagem por terra do Ceará para o Rio de Janeiro. Comprei cavalos, provi-me de tudo quanto era necessário, e trazia comigo uma casa inteira, quarto de cama, sala de jantar, despensa, e cozinha, para poder habitar algum tempo em qualquer parte, sem incomodar pessoa alguma.

O major *Diniz*, cuja memória será sempre saudosa para seus amigos, e a quem devi obrigações infinitas, me tinha feito mercê de licenciar o soldado *Manuel Vaz*, com o destino de me acompanhar e me servir de guia até a vila do Crato. Este intrépido e valoroso Cipião cearense exercitou no manejo das armas a minha coorte africana, pois que muitos dos meus escravos não sabiam haver-se com os bacamartes. O *Campelo*, o meu fiel criado Campelo, que tem de fazer uma figura importante nesta história, lhe servia de ajudante. A Mãe *Catarina*, minha escrava, crioula do Pará, alta, bonita, magra, e caneluda, cobria a retaguarda, montada no Francisco Félix (era um cavalo que eu tinha comprado a um sujeito

desse nome). Com este forte esquadrão eu me julgava invencível, e não temia arrostar a algum Cartouche que ousasse disputar-me a passagem dos caminhos.

A Sra. D. Maria, viúva de Leonel Pereira e tia do Sr. Alencar, tendo de ir à vila do Jardim tratar de negócios seus, agregou-se à minha caravana, trazendo em sua companhia um filho e uma escrava. Assim, nada mais faltando para começar a viagem, partimos no dia 15 de junho de 1829, deixando saudosos a gente do Alagadiço Novo, o Sr. Alencar e o Sr. Franklin, e suas respectivas famílias, que nos haviam penhorado grandemente com seus extremos de bondade e agrado por todo o tempo que lá estivemos demorados.

CAPÍTULO III

PATRONI DÁ PRINCÍPIO À SUA
JORNADA E É RECEBIDO NA
VILA DE AQUIRAZ POR UM
FIGURÃO DE SOBRECASACA,
BARBA CRESCIDA E PÉS NO
CHÃO.

Apenas se deu princípio à jornada, logo o Campelo fez um destroço no comboio. Eu devo descrever o caráter deste criado com alguma relação de sua biografia, para se fazer dele a ideia justa que merece.

Nem eu sei, nem importa saber que ofício tinha Campelo na sua pátria, a vila do Sobral no Ceará: creio que era peão criador de gado, quando aí passou o coronel França, que o levou consigo para o Rio de Janeiro, e o pôs no serviço de seu irmão, o marquês de Nazaré, Clemente Ferreira França. Por morte do marquês, transportou-se ao Maranhão em companhia do Sr. *Bruce*, em cuja casa o tomei para meu criado, quando lá estive na minha passagem para o Pará em fevereiro de 1828, por ocasião de ter ido celebrar o meu casamento.

Qual outro José nos paços de Faraó, eu o constituí senhor e príncipe de uma herdade minha, incumbindo-lhe especialmente vigiar os animais que eu ali criava, galinhas, patos, porcos, ovelhas, e vacas de leite. Além disto, o elevei aos multiplicados cargos de boleeiro, lacaio, mordomo, e mestre alfaiate, porque, enfim, o Campelo era pau para toda obra.

Tinha, porém, um defeito que só com pena lhe podia relevar: gostava de enfeitar-se e era bastante namorado; coisas que aborreci sempre desde a mais tenra infância, porque nunca pude gostar de gente embonecada, de capadócios, peraltas, brejeiros e *petit-mâîtres*. Não havia festa alguma divina ou profana a que ele não quisesse assistir: na vés-

pera ia pedir a sua ama os anéis, e cordões de ouro; vestia-se de ponto em branco, o colarinho bem alto e duro, anéis nos dedos, cordões no pescoço; ei-lo a pôr-se nas pontinhas dos pés, tão mimoso como um Adônis, não obstante as cãs que já lhe marcavam os 50. Tudo isto entretanto se lhe podia perdoar, se ele não incomodasse a ninguém com as suas peraltices: mas o Campelo era o diabo com os cheiros e pomadas; não havia boticário nem especieiro que o fartasse: as soldadas todas se lhe iam em óleos. Eu receei alguma apoplexia da parte das mulheres menstruadas, e lhe proibi severamente o uso das pomadas, porque até, em certa ocasião, eu mesmo tive uma grande dor de cabeça motivada pelo cheiro ativíssimo que ele exalava dos cabelos e vestidos, estando a falar comigo em distância de quatro passos.

Ajunte-se agora a isto um gênio teimoso, e um modo estouvado de ardelião bule-bule, *multa agendo nihil agens*, quebrando e estragando tudo, hoje um par de botas novas cortadas para fazer chinelas; amanhã um cavalo de sela morto às pauladas por não ter puxado bem a traquitana, quando passava por casa de uma tricana da sua paixão; todos os dias um arreio ou parafuso a consertar; em uma palavra, ninguém podia ter um tal fâmulos, a não querer conservá-lo, como eu, para bons companheiros dos seus escravos, a quem ele divertia grandemente com suas histórias curiosas e galantes. Tinha, entretanto, o Campelo uma virtude consigo, não falava mal de seus amos na presença deles; o que afirmo jurando aos Santos Evangelhos para honra sua e exemplo dos mais criados, posto que não possa afiançar com certeza que ele me não cortasse na pele estando ausente de mim.

Os arranjos e preparativos de uma longa viagem, um certo ar de grandeza na comitiva, a soma grande de poder que ele exercia sobre a maior parte dos escravos que me acompanhavam; tudo isto servia de estímulo ao gênio folgazão e bazófilo de Campelo para fazer do momento da partida uma festa. Em consequência, de acordo com o comandante, o valoroso Manuel Vaz, cada um deles deu um tiro de bacamarte, que retumbou nas abóbadas azuis do Alagadiço Novo e fez espantar os cavalos da tropa, que se dispersou inteiramente, fugindo cada um para seu lado, quebrando-se caixas, e dentro delas frascos de manteiga e de vinho, e havendo um desarranjo tal, que foi preciso demorar-me ainda

duas horas no campo ao rigor do sol, para pôr outra vez tudo em ordem; de sorte que era meio-dia, quando pudemos prosseguir nossa viagem para a vila de Aquiraz, que distava três léguas e um quarto do Alagadiço.

Fizemos portanto naquele dia (e era o primeiro) uma jornada enfadonha e bastante incômoda por causa do calor, e chegamos quase assados, pelas 5 horas da tarde, à vila de Aquiraz, onde fomos recebidos por um figurão de sobrecasaca azul, pés no chão, e barba crescida, que, apenas nos viu, pôs-se de joelho e começou a falar uníssonos e alto, mas tão compassado, que parecia um frade capucho a rezar os salmos penitenciais. Solicitei do juiz de paz uma aposentadoria que não incomodasse pessoa alguma, e felizmente havia uma casa devoluta, onde me acomodei com o desígnio de não viajar mais aquele dia.

Era alta noite, e reinava o silêncio em toda a Natureza, quando acordei sobressaltado no estrondo espantoso de uma voz muito alta e rouca, que bradava por mim: *Sr. Patroni, acuda; querem-me roubar, Sr. Patroni*. Pus-me logo em defesa, e chamei pelos meus domésticos, supondo haver ladrões em casa: mas, sabido o caso, era o mesmo figurão de sobrecasaca azul, doido varrido, que morava paredes meias, e que na tarde antecedente havia aprendido do Campelo o meu nome todo, por um modo célebre, por solfa, a duo: o Campelo entoava *Filipe*, o doido repetia *Filipe*; *Alberto, Alberto*; e assim por diante, alteando sempre as vozes *gradatim*, de maneira que pareciam estar na sagração dos santos óleos, entoando o *Ave santum crisma*. Assim tinham eles levado o resto da tarde a fazer uma algazarra insuportável, e o doido ficou com o meu nome tão decorado que, no dia seguinte, quando estávamos a arranjar a tropa para começar a viagem, não fazia outra coisa mais do que passear por ali, recitando sempre o meu nome, a que anexava também os meus títulos e empregos, de bacharel nas faculdades de leis e cânones e juiz de fora da Praia Grande e Maricá.

CAPÍTULO IV

DA VIAGEM DO AQUIRAZ
ATÉ O ARRAIAL DE S. JOÃO.
O VICENTE PAU-PELADO, E
SEU SOBRINHO.

Deixamos o louco nutrindo a ideia fantástica que lhe inspirava a vaidade de Campelo, de ser minha pessoa tão grande como o meu nome; e partimos pelas 6 horas da manhã do dia 16 de junho para o *Cajueiro do Ministro*, que fica adiante de Aquiraz três léguas e um quarto. Este pouso não tem casa; mas uns poucos de cajueiros, bastante altos e copados, juntos a um pequeno rio de boa água, convidam os viajantes ao descanso, e a tomar ali algum alimento, o que fizemos, depois de nos havermos banhado, eu e meus escravos.

Já nós estávamos para seguir viagem depois do jantar, quando o Campelo e Manuel Vaz apareceram com uma presa importante que haviam feito no campo, onde tinham conduzido os animais a pastar, trazendo um homem com uma égua, que diziam ser furtada. O acusado protestava pela sua inocência; mas o Campelo e Manuel Vaz não sei que sinais lhe achavam no rosto, dos quais inferiam ser ele um refinado ladrão de cavalos; o que me fez a mim supor que a ciência de Lavater não era tão dificultosa e sublime, que não pudesse ser comum aos criados de servir expertos e pensadores, pois que o Campelo discorria e ajuizava com tanta sagacidade e exatidão, como depois observei.

O sujeito, que se via apertado por uns acusadores tão finos e rigoristas, que eram capazes de levar à força um inocente e virtuoso por mais que fosse um Aristides, valeu-se de todos os meios para escapar àquele lance. Chorou; pediu pelo amor de Deus; invocou aos céus para testemunha da sua consciência; prostrou-se aos pés de minha mulher; e como para tocar o zênite da prova de sua inocência, afastou de mim

um moleque que estava abotoando as minhas pernas; e pôs-se ele a abotoá-las, gabando-se ao mesmo tempo de ser um insigne alfaiate, e por consequência absolutamente incapaz de haver furtado a égua. Eu julguei que devia estar por uma lógica tão abundante de raciocínios, visto que um passageiro não devia ser agarrador de criminosos, posto que exercesse o emprego de magistrado em outro território. Deixei-o portanto montar na sua égua; o que ele fez prontamente e com todo o desembaraço, desaparecendo da comitiva em um abrir e fechar d'olhos. Esta fuga inesperada deu ainda ao Campelo uma prova de mais de ter ele roubado a égua, pois havia ajustado ir conosco até o lugar de Cascavel para aí se apresentar ao juiz de paz e a outros magnates da terra, de quem dizia ser muito conhecido como sobrinho do Vicente Pau-Pelado, o qual entretanto no Ceará passava por um singular criador de cavalos, os dele nunca se perdiam, e os de seus vizinhos sempre levavam sumiço, sem saber-se como.

O juiz de paz de Cascavel já tinha notícia da nossa viagem; esperava-nos por conseguinte, e nos deu hospedagem em uma sua casa mística àquela em que morava, e aí nos agasalhou e fez toda a qualidade de obséquios, deixando-nos cativos do muito bom modo com que ele e sua mulher nos trataram: era um homem já ancião, de muita prudência e caráter doce, aplicado ao comércio, e talvez o mais grosso capitalista daquela terra, que, aliás, não é muito pequena, e que, pela regularidade e quantidade de seus edifícios e população, devia já ser uma vila separada da de Aquiraz, que lhe é muito inferior em tudo, e cuja distância de seis léguas e meia é assaz penosa para os habitantes de Cascavel, que têm de solicitar algumas providências nas suas dissensões e arengas particulares.

Saímos de Cascavel no dia 17 de junho pelas 7 horas da manhã, e fomos jantar daí a duas léguas na lagoa do Xoró, onde havia uma casa boa e grande; mas, achando-se ausente o dono dela, sua mulher, que lá estava, julgou que ofenderia a pudicícia do tálamo se recolhesse nela tantas viajantes fêmeas que me acompanhavam, cada uma das quais era de sobejo para espreitar meus passos e não consentir que eu pusesse pé em ramo verde: pousou-se portanto à borda da lagoa, e depois do jantar, fazendo um caminho de três léguas, fomos para a lagoa da Uruabu,

onde apenas havia umas pequeninas choupanas, a cujos donos não quis incomodar, e por isso mandei armar a barraca, e dentro dela dormi com minha mulher a sono solto, como se dormira no Vaticano ou Versalhes.

O dia 18 não tive sucesso algum digno de referir-se; fizemos uma jornada de oito léguas, havendo jantado em Sucatinga, e pernoitado em Carnaúba sem cabeça ou Pirangi, que é uma bela e bem situada fazenda de gado pertencente a um irmão do major Diniz. Devo entretanto notar que a etimologia do nome desta fazenda vem do mais famoso vegetal daquela província; *carnaúba* é o fruto da *carnaubeira*, que é uma longa palmeira, cujos ramos apresentam a configuração do vaso que em nossa augusta religião serve para expor o Santíssimo Sacramento e que vulgarmente se chama *custódia*. Os cearenses fazem uso bastante desta planta, que vegeta com abundância nos seus campos sem cultura alguma; sua madeira serve para esteios e ripas, e suas folhas para cobrir casas, além de outras utilidades que lhes produz o fruto. No dia seguinte, 19, andamos de manhã quatro léguas até à Cruz, que é um lugarejo habitado por quatro moradores pobres; e depois de jantar, posto que a tarde nos anunciasse bastante chuva e escuridão para a noite, contudo partimos pelas 5 horas, e havendo caminhado três léguas e meia, sempre com chuva e escuro, chegamos pelas 9 horas da noite à fazenda chamada Lagoa das Pedras. O esquadrão marchava a um de fundo; mas o da retaguarda não via o seu imediato: tão grande era a escuridão da noite, e contudo ninguém se bateu, ninguém caiu, ninguém topou obstáculo algum no caminho. Sinal evidente de ser ótima a estrada do Ceará.

Na manhã do dia seguinte, 20, caminhamos quatro léguas à lagoa dos Patos, cuja água foi a primeira que achei muito má por estar cheia de bichinhos que faziam nojo ao bebê-la; e de tarde fomos à fazenda do Pau Branco, três léguas, e aí dormimos. O dono desta casa era um velho respeitável, o Sr. *Landim*, que mostrava nos cabelos passar já dos 70: eu o achei de bom humor, e gostei de conversar com ele, não obstante ser um pouco enfadonho em repisar as ações e proezas de sua mocidade; o que me fazia a cada narração recordar-me do *laudator temporis acti do Venusino*. Apanhei-lhe uma aberta, quando ele tomava fôlego, abrindo a boca e fazendo o sinal da cruz sobre ela; dei-lhe as boas-noites, e caminhei mais que depressa para minha cama, pois que tinha de levantar-

-me de madrugada para ir à vila de Russas, duas léguas distante, como efetivamente aconteceu e cheguei lá pelas 6 horas da manhã do dia 21, que era domingo e, por conseguinte, com obrigação de ouvir missa, a que eu não devia faltar.

Ia-se-me acabando o mantimento, e tencionava refazer minha despenheira naquela vila: mas o juiz de paz, o Sr. Padre Joaquim, a quem fui recomendado e que aliás me obsequiou muito, quando estava da sua parte, facilitando-me aposentadoria em uma bela casa, logo me declarou que ali não era possível prover-me de coisa alguma, pois nada havia para comprar exceto leite; e que, por conseguinte, deveria ir fazer meu provimento na fazenda do Sr. José Freire, para o qual me dava uma carta de recomendação. Aceitei seu favor, e me despedi de Russas no dia 22, e fui pernoitar em o sítio chamado Miguel Pereira, na casa de Lourenço da Silveira, depois de haver feito um caminho de três léguas, e pousado para jantar na lagoa do Canto, onde o Campelo e os meus rapazes fizeram proezas caçando marrecos e periquitos.

No dia 23 andamos só duas léguas, e fomos jantar e dormir no Limoeiro, que é uma grande fazenda pertencente ao Sr. Vicente Rodrigues da Silva, clérigo secular, que nos recebeu e tratou com toda a afabilidade, e a quem deixamos no dia seguinte de madrugada para irmos ao arraial de S. João (cinco léguas), onde está a morada do Sr. Padre José Freire de Castro.

CAPÍTULO V

DA VIAGEM DESDE O ARRAIAL
DE S. JOÃO ATÉ À VILA DO
ICÓ.

O arraial de S. João é pequeno e não tem muitos moradores; mas o sacerdote do seu templo, dedicado ao glorioso S. João Batista, atrai ali, por sua riqueza e maneiras extremamente agradáveis, tanta gente nos domingos e dias-santos que nesses dias o arraial se torna uma pequena cidade cheia de povo. Não é pelos obséquios e nem feitos que eu pretendo elogiar aqui o Sr. José Freire de Castro, não: mas é pelo testemunho autêntico de milhares de pessoas que têm tido a fortuna de o conhecer e o tratar, que eu ousa afirmar ser ele um varão por muitos títulos ilustre e respeitável e superior a todos os elogios. Benefícios a todo o mundo, agasalhos a todos os viajantes, e agasalho com um modo que cativa e encanta; nada mais se pode dizer de um homem que se quer chamar muito bom. Eu me demorei em sua casa cinco dias; e depois de me haver provido de tudo quanto precisava, carne, farinha, peias, e cabrestos, saímos na manhã de 29 de junho, trazendo saudades imensas assim do Sr. José Freire, como de seu ilustre sobrinho o Sr. Major *Queixabeira*, que de bom grado tomou parte considerável nos obséquios com que ali fomos grandemente mimoseados.

Gastamos dois dias na viagem, que sem novidade alguma fizemos do arraial de S. João até o de Santa Rosa, 12 léguas, caminhando 6 cada dia; e nunca pousamos em lugar que não tivesse casa, porque nesse meio existem as estâncias do Cabrito, Boqueirão, Pitombeira e Santo Amaro. A estrada é cada vez mais aprazível, porque em diante segue sempre a margem do famoso rio Jaguaribe, cujas águas cristalinas regam e fertilizam a maior parte dos campos e prados da província, que a banham quase toda.

No 1º de julho entramos, pelas 9 da manhã, no arraial de Santa Rosa, onde ficamos dois dias parados por causa de um pequeno incômodo de minha mulher. Aí foi que pela primeira vez me julguei deveras acometido por salteadores, como passo a referir.

Era perto da noite, e eu me achava deitado na rede a conversar com minha mulher dentro de um quarto, quando ouvi uma voz pedir um tição de fogo, e pouco depois dizer: “Ah! Não quer trazer? Pois eu lá vou dentro buscar.” Foi o mesmo que se tivessem desfechado contra mim um tiro de espingarda. Saltei fora da rede imediatamente, chego à porta; eis que vejo um bando de gente, homens e mulheres, uns a pé, outros a cavalo, e cavalo havia que trazia três, e todos armados. Ai! que estou perdido! (disse comigo) são ciganos. E eram com efeito.

Os homens, assim que me viram, cercaram-me, e começaram a querer saber quem eu era: as mulheres e crianças chegaram-se para minha mulher, e fizeram uma lamúria e choraminga dos meus pecados. “Ai! minha gajona, ai! fidalga, que estou morrendo à fome! Até esta hora ainda não comi nada. Um bocadinho de carne, um vintenzinho pelo amor de Deus. Ande, gajona, ora dê-me.”

Eu estava assustadíssimo, e para maior aflição minha, os meus escravos, o Campelo, o meu valente Manuel Vaz, todos eles se achavam a essa hora pescando no rio que distava da casa uns duzentos passos. Entretanto respondi às perguntas dos ciganos; e apenas lhes disse que era juiz de fora, logo todos a um tempo me saudaram com uma genuflexão, pedindo-me igualmente os patrocinasse na vila do Icó, onde pretendiam ir negociar. Tanto é verdade que os maiores ladrões se valem sempre da proteção da gente de justiça!

Tenho, porém, a complacência de confessar que encontrei muitas hordas de ciganos por todas as províncias onde passei; e nunca me constou que alguém se queixasse deles: pelo contrário, observei que entravam em todas as fazendas e povoados, e mantinham relações de comércio com toda a casta de gente rústica e civilizada, pobre e rica. É para deplorar que o governo não tenha colonizado estes bandos numerosos, que vivem errantes nas estradas, obrigando-os a fixar o seu domicílio em alguma parte onde se dediquem a cultivar as terras. Que proveito dão eles ao Estado atualmente? Nenhum. Vagam miseráveis, matam

cavalos prematuramente, e assustam de contínuo aos camponeses, os quais, vendo em seus terreiros um bando de gente estranha e armada, não podem nunca dormir sossegados. E se o governo os domiciliara, o Estado granjearia neles cidadãos laboriosos e úteis, valentes para derubarem matos, constantes para suportarem todo gênero de fadigas, industriosos para se aplicarem a todas as artes e ciências. O século tem suavizado seus costumes, e a nigromancia da *buena dicha* podia bem reverter em benefício da nação brasileira, se o governo aproveitasse a vivacidade que eles têm para tudo.

Na manhã do dia 3, deixamos o arraial de Santa Rosa, e prosseguimos a nossa viagem para a vila do Icó (19 léguas), onde chegamos no dia 5 pelas 8 horas da tarde, havendo pousado sempre em muito bons sítios e fazendas, quais as dos Defuntos, Jaguaribemirim, Torrões, e Riacho do Brum.

CAPÍTULO VI

DO QUE PASSOU O AUTOR NA
VILA DO ICÓ, E JORNADA QUE
DAÍ FEZ AO CRATO.

Eu não tinha conhecimentos na vila do Icó, e não esperava encontrar ali a grandiosa e magnífica hospedagem que achei: mas o meu amigo o Sr. Gouveia, do Ceará, quis surpreender-me, prevenindo a meu respeito o Sr. José Pinto Nogueira, o mais rico negociante do Icó, e homem dotado de raras virtudes, e maneiras assaz polidas e obsequiosas, o qual nos agasalhou em um pomposo alojamento, onde nada faltava para suavizar os incômodos de uma longa e penosa jornada. E como se não fora isto bastante, o meu grandioso hóspede teve a delicadeza de empenhar todos os seus irmãos, parentes, e amigos, a qual mais nos prestasse deferências todo o tempo que nos demoramos naquela vila.

Eu devia prover-me de mantimentos e de cavalos. O Francisco Félix, aquele paciente castanho da retaguarda (que já tive a honra de nomear no cap. II), sucumbindo à pesada carga das imensas canelas da Mãe Catarina, rendeu por fim seu corpo aos corvos, e sua alma aos atônios de Demócrito. O meu generoso hóspede se encarregou voluntariamente de me fazer aprontar tudo; e enquanto ele tratava disso, eu descansava enchendo os dias com passeios pela vila, e visitas aos senhores que me haviam honrado com seus cumprimentos.

O Icó é uma grande vila; sua população, comércio, abundância e riqueza a constituem digna de ser a capital da província do Ceará, com preferência à cidade de Fortaleza, e mesmo à vila de Aracati, não obstante ser marítima. A posição central dela, sua proximidade com o *Cariri*, que é sem dúvida o melhor país da província, seus contornos férteis e populosos; tudo promete um rápido desenvolvimento, e anuncia a futura opulência de uma capital famosa, posto que seu comércio se faça

por carros, os quais vão a Pernambuco buscar fazendas; incômodo este, aliás, que se pouparia, fazendo-se, com pouco trabalho, navegável todo o rio de Jaguaribe.

Com bastante desafogo passei o tempo que estive no Icó: era meu vizinho o muito honrado e muito velho Sr. Malheiros, major de ordenanças e administrador do correio, que, além destes empregos, topava tudo; fazia de médico e cirurgião do lugar, e curava por um livro de Bomtempo, cujas doutrinas e axiomas de *Le Roy* ele respeitava com aquele profundo acatamento com que o doutor Sangrado seguia à risca seus aforismos de água quente e sangria. Sua casa era um *rendez-vous* não interrompido, e eu gastei ali também meus momentos, gozando da sua amável e divertida companhia.

Illustrissime domine, si bene vales, vehementer gaudeo: temos o Sr. Joaquim Teotônio, mestre de gramática latina, que a tinha ensinado a 150 padres, e gordo e baixo, barrigudo e velho, continuava ainda no exercício de sua cadeira com grande aproveitamento da mocidade icoense. Não era um desses gramáticos quinhentistas que se arrancavam os cabelos, uns aos outros, por causa de ser ou não acusativo a terminação *se*, que algum outro queria que fosse caso de nominativo; mas eu respeitava nele um erudito consumado, um *Vives* e *Policiano*; e gostava de ouvir, quando me repetia com ênfase o engenhoso palito, *Forte ad Coimbra venit*. Que afetos tão patéticos, que ardor, que gritaria, quando pronunciava aquele verso: *Irra! nos quoque gens sumus...!* ficava eletrizado, e para fazer ao vivo o *cavalgare sabemus*, montava sobre um banco, e punha-se a sacudir as pernas, como quem esporeava um cavalo para dar um galope.

Tive igualmente a fortuna de merecer a estima dos Srs. Henriques, Agostinho, João André, e muitos outros cavalheiros do Icó, aos quais fui devedor de reiteradas demonstrações de amizade, que exigiram de mim sempre um sincero reconhecimento. Minha mulher deveu também muito às senhoras Pinto, que a honraram com a sua afeição: eu gostei infinito de ver a delicadeza com que se portavam no ato das visitas, o qual, para cortesãs fingidas e refalsadas, constituía uma arte de trejeitos, etiquetas e macaquices. Polidas com nobreza, modestas com urbanidade, as senhoras Pinto são senhoras em tudo, e em tudo dignas de maior consideração e respeito de todo aquele homem

Que têm visto as cidades e costumes,
D'homens avessos à virtude austera.

O Sr. José Pinto finalmente nos anunciou estarem prontos os arranjos que eu tinha exigido dele; em consequência do que partimos do Icó no dia 17 de julho pelas 4 horas da manhã, para evitarmos o acompanhamento processual que nos procurou o nosso hóspede incansável e excessivamente generoso, a quem deixamos saudosos, bem como à demais gente que tanto se interessava em favor nosso.

Levamos cinco dias até a vila do Crato, que dista da do Icó 32 léguas, pousando sempre em sítios muito amenos e aprazíveis, fundados à borda do Jaguaribe. Nas Mangabeiras (ou Tauá) fui eu picado de um verme venenoso ao sair do banho no rio: não se achou o animalejo homicida, julgou-se que seria uma espécie de aranha que vive na areia imunda; o veneno era tão forte que num momento alastrou-me o pé todo; mas uma unção de alho e limão extinguiu bem depressa o vírus e a dor, de sorte que nada mais senti, e pude ainda viajar aquele dia. Foi esta a primeira e única moléstia que tive no decurso da minha longa viagem.

Duas léguas antes de chegar ao Crato, jantei no engenho de Santo Antônio, propriedade do brigadeiro Leandro Bezerra, o qual, sobre nos haver feito um recebimento lisonjeiro, preveniu a respeito de minha chegada a seus ilustres filhos os Srs. Coronel Gonçalo, Capitão-Mor Bezerra e Juiz Ordinário José Geraldo; e todos três nos fizeram a honra do acompanhamento, que se tornou mais numeroso e luzido com o encontro dos Srs. José Dias, negociante, e Cândido, comandante da tropa de primeira linha. Com este cortejo, entramos na vila do Crato pelas 7 horas da tarde de 21 de julho e fomos pousar na bela hospedaria que já nos havia preparado o Sr. José Dias, a quem nos recomendara o Sr. Pinto, do Icó.

Que admiração não foi a minha, quando vi o meu amigo o Sr. Cipriano arranjando no Crato a minha casa de hospedagem, da mesma sorte que o tinha já feito na vila do Icó! Fiquei surpreendido e julguei que ele tinha a virtude de se reproduzir, qual outro Santo Antônio, que foi de Pádua a Lisboa em uma *Ave Maria* livrar da força seu pai. E o mais galante é que tenho de ver terceira vez arranjando-me o jantar na fa-

zenda do coronel Pinto Madeira, e quarta vez me hei de encontrar com ele na vila do Jardim em casa do vigário a obsequiar-me. Parecia um Batista que pregava a vinda do Senhor (*si parvis licet magna componere*) e que andava a preparar-lhe os caminhos no deserto.

CAPÍTULO VII

DOS SUCESSOS DA VIAGEM DO
CRATO E RIO DE S. FRANCISCO
ATÉ O JUAZEIRO.

No Crato demorei-me ainda 11 dias, esperando que aparecessem cavalos para comprar e trocar por alguns dos meus que se achavam assaz estropeados. Entretanto chegou o meu ilustre colega o Sr. Doutor Maier, ouvidor da comarca, que tinha estado em correição; ele se recordou dos nossos tempos de Coimbra, e me prestou sua benevolência, como a exigiam as circunstâncias. Concorreram igualmente a obsequiar-me os Srs. José Severiano, Coronel Pinto Madeira, Frei Lúcio, Monge Bento, e muitos outros a quem devi repetidas atenções.

Eu fui pagar a visita ao Sr. Pinto Madeira, e tive o prazer de jantar em sua fazenda do Cuité (três léguas fora do Crato) juntamente com o Sr. Frei Luís, ambos os quais me fizeram honras extraordinárias, e me deixaram cativo da sinceridade e candura com que me trataram; sendo que o Sr. Frei Luís até me fez a fineza de se achar presente na vila do Jardim, quando lá estive, e acompanhar-me na partida.

Que péssimo caminho que é o de Cuité! Mas que belos sítios que são todas as fazendas do Cariri! Pequenas colinas formando sempre deliciosos vales regados por muitas águas e águas boas; quase todas as fazendas são engenhos de moer cana-de-açúcar, cujo plantio ali não demanda graves cuidados. Desgraçadamente, porém, quase não trabalham açúcar algum; o que fazem muito é *rapadura*, alimento ordinário do povo daqueles contornos até muito além do rio de S. Francisco para a Bahia; de sorte que os tropeiros e viajantes deste rio não comem outra coisa, e aborrecem o uso da carne, galinha, ou outra semelhante nutrição, que lhes faz o mesmo que aquela fez aos meus escravos; desenvolveu-se neles uma formidável desinteria, depois que saímos do Crato, onde ti-

nham dado tanta rapadura, que o Campelo fazia pirâmides delas sobre as cargas dos cavalos.

A vila do Crato é populosa, não pequena; mas, longe de prometer aumento, ao contrário, anuncia decadência e ruína; e os culpados disto são os governantes da província, que até agora não têm cuidado de mandar abrir uma boa estrada do Icó para o Crato e Jardim, para se facilitarem os transportes e conduções, e prosperar por esse meio o comércio daquelas vilas, prosperando também sua agricultura, a qual nunca poderá levantar-se do estado baixo em que se acha, sem primeiro haver aí um comércio considerável, cujos fundos de importação se empreguem no açúcar, que se tenha de fabricar em ambas aquelas vilas para ser exportado e bem vendido no Icó, Aracati e Fortaleza.

Deixamos o Crato no dia 4 de agosto, e saímos acompanhados pelo ouvidor com todos os seus escrivães, meirinhos, alcaides, procuradores, rábulas, advogados e porteiros: ajunte-se a isto que já eu tinha despedido para a cidade da Fortaleza o meu guia Manuel Vaz e em lugar dele havia tomado um pardinho escuro meio velho, mas muito pequenino e magrinho, falando e cantando sempre com uma vozinha e nome de *grilo*, trazendo na cabeça uma garrocha de pele de ovelha, em ar de mitra; e com uma carazinha feia mirrada a modo de quem ia para uma forca ou a ser queimado em uma fogueira da Inquisição; temos o meu acompanhamento parecendo auto de fé. Mas enfim os sacerdotes de Astreia voltaram para o seu santuário depois de duas léguas de marcha, e nós continuamos nossa jornada, jantando na lagoa de Luís Correia, e dormindo em Missão Nova, havendo feito aquele dia oito léguas de caminho.

No dia seguinte andamos três léguas de manhã, e fomos jantar em uma fazenda chamada *Serra do Matos*. Celebrava-se aí então a festa de um casamento; e saindo os noivos para sua casa, eu tive também de festejar-lhes o himeneu sagrado, oferecendo aos seus convivas um pouco de cachaça, que todos beberam, inclusive os esposos, cada um dos quais tomou seu copinho, enquanto a multidão admirava curiosamente o selim de gancho que servia à minha mulher, todos confusos e embasbacados sem poderem resolver o difícil problema da equitação: montar a cavalo de banda.

Jantamos à pressa, e saímos imediatamente, para podermos atravessar com dia a famosa serra do Araripe, que tem seis léguas de chapada, sem haver contudo nela nem casa, nem água. Já teríamos andado uma légua, quando nos apareceu pela retaguarda o Sr. Antônio da Cruz, rico lavrador da vila do Jardim, que se incorporou conosco, e nos serviu de muito para suavizar o enfado do caminho, referindo-nos com toda a vivacidade e calor a história de um pleito judiciário, que trazia com outro, a respeito de um contrato de compra e venda com o pacto acessório de *retovendendo*. Mas o Sr. Cruz, que falava sempre com toda a presteza e ardor, nunca podia pronunciar bem aquela palavra quinquedal, e abreviando-a, dizia *retoevendo* mil vezes repetidos, nos levou até o fim da serra, onde chegamos já quando o sol dourado mergulhava seus raios nas águas do ocidente.

Hoc opus, hic labor. As abas da montanha tinham meia légua, a descida íngreme e de saltos mortais parecia como uma escada de pedra, onde a queda me faria saltar os miolos fora: tendo, porém, o remédio em minhas mãos para evitar esse risco iminente, pus-me a pé e assim caminhei até à vila do Jardim. Minha mulher, posto que mais calouira do que eu na arte da cavalaria andante, contudo sendo de contínuo animada pelo nosso ilustre guia (o tal do *retoevendo*), foi seguindo como vinha; e assim chegamos ao lugar do nosso destino com o favor de Deus sem novidade alguma, pelas 8 horas da tarde de 5 de agosto.

Pousamos na casa da câmara municipal, que os vereadores me cederam em atenção aos rogos do honrado e virtuoso vigário o Sr. Antônio Manuel de Sousa, o qual interessou também todos os seus amigos e moradores daquela vila para me obsequiarem por todas as maneiras que estavam ao seu alcance.

A povoação é grande e cheia de gente; e está admiravelmente situada em um vale, circulado de engenhos, canais, vias e pomares, que tornam sua perspectiva assaz agradável aos olhos e fazem dela um verdadeiro jardim, que lhe deu o nome. Seus habitantes vivem na mais perfeita harmonia; amam-se e prezam-se mutuamente; a ofensa a um é considerada como insulto ao todo, que se apressa a vingá-la; não vi povo a quem quadrasse melhor a essência da sociedade e a natureza da política.

Estive demorado na vila do Jardim cinco dias, porque me haviam furtado o melhor cavalo da tropa, e eu tinha despachado caminheiros a ver se topavam com o ladrão pelo rasto do animal, segundo o costume que ali há para os acharem. Neste meio-tempo, divertia-me a passear pelos arredores, e uma tarde fui conduzido pelos amigos ao engenho do Sr. Miguel Torquato, que nos mimoseou com uma esplêndida ceia, na qual brindamos fraterno generoso à saúde de todos aqueles que nos honravam com sua afeição e estima.

A perda do cavalo, que nunca mais apareceu, me tornou mais cuidadoso e circunspecto, prescrevendo a minha gente como regra infalível a vigilância noturna do pastouradouro. Logo à primeira noite, depois desta ordem, seriam 10 horas, ouviram-se dois tiros de bacamarte fora da vila: em um momento se ajuntou o povo todo alvoroçado supondo que havia guerra. Indagava-se o que era; eis que aparecem presos o Campelo e o Grilo, os quais, vendo bulir as folhas de uma árvore (vento sem dúvida), cuidavam ser algum ladrão que vinha ao cheiro dos animais, e sem cerimônia alguma dispararam para ali dois tiros, que retumbaram estrondosamente no vale do Jardim e pareceram duas peças de artilharia. O juiz de paz conheceu, portanto, a inocente imprudência dos indiciados, e os soltou em boa hora, porque era leigo em matérias de direito e não tinha nem ciência, nem alma de jurisconsulto; sem o que certamente aqueles dois pobres-diabos estariam ainda hoje em alguma cadeia, e a justiça com eles às voltas, cega de ambos os olhos, abertas ambas as mãos.

Resolvi, em consequência, esquecer-me do cavalo, e continuar minha derrota; o que fiz no dia 12 de agosto às 2 horas da tarde, saindo acompanhado dos Srs. Frei Luís, Antônio Manuel, Torquato, e mais ilustres cidadãos do Jardim, que me seguiram uma boa distância até o alto da serra, onde me despedi e os deixei com bastante mágoa e saudades que ainda hoje conservo de sua companhia estimabilíssima.

Na subida deste monte correram risco de vida as duas negrinhas mais pequenas que eu trazia, e vinham sentadas na carga de um cavalo. A cilha não estava bem apertada, tombou a cangalha, e foram à terra as negrinhas, caixas e tudo. A Mãe Catarina, a quem já faltava o Francisco Félix de saudosa memória, abriu as canelas, e com dois passos e meio

galgou 30 braças de terreno para acudir à filhinha, que com a queda dera um grito de susto, crendo sem dúvida que se lhe ia naquele momento a alma pela boca fora: de resto, porém, nada mais sentiram, e arranjadas outra vez no seu lugar, seguimos viagem, e dentro em quatro dias nos pusemos em Cabrobó, pequeno julgado, na margem setentrional do rio de São Francisco, 31 léguas distante da vila do Jardim.

Todo o tempo que durou aquela travessia, topamos sempre lugares muito aprazíveis que nos ministravam bons pousos: à proporção, porém, que nos afastávamos do Cariri, sentíamos uma diferença notável em a Natureza. Que contraste!!! É fora de toda a dúvida que a lei primária do Universo consiste na reprodução dos seres: nem tudo é bom, nem tudo pode ser mau. A natureza, querendo contrabalançar o bem com o mal, deu àquela gente um rio tão famoso e abundante, qual o de São Francisco, quando lhes tirou a fertilidade das terras mais próximas a uma e outra margem. A Natureza aqui sempre estéril parece moribunda; nem água nem planta; *xique-xique* e *cabeça-de-frade*, dois arbustos de espinho, que servem de alimento à pobreza e ao gado nos tempos de penúria e seca.

Estivemos três dias em Cabrobó, arranchados em uma casa da Sra. Maria Josefa, que é uma boa mulher, e que hospeda os passageiros sem algum interesse mais do que o de lhe comprarem mantimentos na sua venda, onde não entra todavia o almotacel para lhe taxar os preços. Aqui topei o velho *Vitorino*, do Ceará, que abandonara seus lares por causa das perseguições políticas; conviveu comigo e me fez ótima companhia ao almoço e jantar, aquele pouco tempo que aí me demorei.

O juiz de Cabrobó, o Sr. *José Correia Brasil*, moço estimabilíssimo por seus sentimentos e virtudes patrióticas, achava-se ausente, mas apenas voltou e soube que eu estava na terra, me brindou logo com um peixe excelente e esquisito do seu grande tanque, comi com a maior satisfação do mundo como havia já tempo que não provava tão bom petisco. Eu devi a este moço atenções mutiplicadas bem como a fineza de me acompanhar ao bota-fora, a que se achou também presente o Sr. Capitão Nunes, indo ambos conosco até à Ponta da Ilha, donde retrocederam para Cabrobó.

Nós seguimos para o Juazeiro, que alcançamos dentro de oito dias em 27 de agosto, andando sempre a bordo do rio. A estrada é bastante alegre

e agradável; por este motivo, em toda a parte há fazendas que servem de casas de campo e recreio aos proprietários do centro, onde eles têm toda a força da sua criação e cultura. Tivemos uma formidável errada depois de Aracapé, porque o sujeito que se meteu a ensinar-nos o caminho não sabia qual era a sua mão direita nem qual a esquerda; e devendo dizer que tomássemos pela esquerda, disse-nos à toa e nos repetiu três vezes que tomássemos o caminho da direita. Descansamos três dias no arraial da Igreja Nova ou Boa Vista, onde fomos grandiosamente hospedados pelo capitão-mor o Sr. *José da Costa Nunes*. E chegando por fim ao lugar da passagem, atravessamos o rio de São Francisco em 28 de agosto na grande barca, onde entrei com toda a minha comitiva e bagagem, sentindo pela primeira vez o terrível jugo imposto aos viajantes de pagar a peso de ouro o trânsito das pontes e caminhos.

PARTE II

VIAGEM DE 197 LÉGUAS, DESDE A
PASSAGEM DO RIO S. FRANCISCO
NO ARRAIAL DO JUAZEIRO,
ATÉ O CASAL DO REGAPU, NO
TERMO DA VILA DE CAITITÉ, NA
PROVÍNCIA DA BAHIA

CAPÍTULO VIII

VIAGEM DO JUAZEIRO
PARA JACOBINA NOVA:
ADOECE A MULHER DO
AUTOR; CONSEQUÊNCIAS
E TRATAMENTO
DESTA MOLÉSTIA.

Minha intenção, chegando ao arraial do Juazeiro, era seguir pelo rio de São Francisco, embarcando em ajoujo (duas canoas juntas formando uma só para acomodar melhor mais carga): entretanto, não havia nem barco nem ajoujo que se comprasse ou fretasse para fazer aquela viagem. Deliberei consequentemente prosseguir por terra para a Bahia; nesta ideia estava, quando minha mulher adoeceu.

Naquele rio venta sempre muito de noite e de dia, e só há pequena diferença em alguns meses do ano. Ora, parece que, por esta razão, deviam as casas do Juazeiro ser bem construídas, para que servissem de abrigo a seus moradores contra a ventania; mas não é assim, acontece o contrário, e morar dentro ou habitar fora vem a ser quase a mesma coisa. As portas, janelas e telhados têm tais frestas e aberturas, que, deitada na cama, apanhou minha mulher uma grave constipação, ao primeiro dia da nossa chegada. Eu quis ver se o tempo acabava a moléstia; mas, vendo que piorava, tratei de me arranjar e sair mais que depressa; o que se verificou na manhã de 2 de setembro, deixando sem saudade um país que tão mal nos recebera, posto que seus habitantes nos tivessem agasalhado com toda a benevolência. O meu guia Grilo, havendo terminado seu ajuste no Juazeiro, voltou a seu domicílio no Crato; e para o substituir, tomei um outro que era todo o oposto dele. Em lugar de uma figurinha exótica e de uma voz de grilo, o meu novo arrieiro era

gordo bastante, já velho e pesado, beíçudo, arrenegado, voz de trovão, e sem dentes; falador como um algarvio e petulante como rábula. Desde que saímos do Juazeiro, não cessou de falar um momento o mestre José Joaquim (era o seu nome) e o mais é ralhando sempre contra os meus cavalos e escravos, e contra mim tão bem, zangado porque lhe não consenti trazer consigo um outro vadio, tratante como ele. O sol era forte, calor excessivo, o pouso longe, distava seis léguas, e não era possível ficar em outra parte por falta de água. Chegamos finalmente pelas 2 horas da tarde a Carnaíba, e o arrieiro, em vez de ir dar água aos animais, tirou-se de cuidados, e foi deitar-se, de sorte que só a muitos rogos e instâncias do Campelo é que se determinou a levantar-se para mostrar o sítio em que deviam os cavalos beber. Eu não pude tolerar mais tanta arrogância e desaforada imprudência: ensinei a um dos meus escravos o papel importante que ia fazer, e fiz vir perante mim o arrieiro... Para que se amofina tanto a si e aos outros? (lhe disse eu) ou voltar para sua casa, ou a querer continuar comigo, há de seguir a regra do bem-viver. Nesta alternativa escolhendo, ele prosseguiu a jornada, chamei o escravo ensinado, o qual se apresentou com um grande *timebunt gentes* em uma mão, e em outra um bacamarte, e dirigiu ao mestre José este lacônico sistema de moral:

Manda quem pode, serve quem precisa,
E a última razão das leis, de tudo,
É pau dum lado, bacamarte doutro
Boca calada, não luntra mosca.

Disse e foi-se; e o mestre José, atônito e espavorido, suando e tremendo, foi deitar-se, e pôs-se a chorar. O Campelo, que era gaiato, e não perdia ocasião de tirar seu ventre de miséria, pois que era veterano no direito de caçar, chegou-se ao bom do velho e começou a fazer-lhe carícias, como quem afagava uma criança: “Não se assuste, mestre José”, lhe dizia ele, “não chore, que meu amo não o quer matar, nem espancar; aquilo é pano de amostra, para você não ser mais tolo nem atrevido; você aqui não é mais do que uma primeira besta que deve guiar os cavalos na estrada para eles se não precipitarem em algum buraco. Ande,

mestre, venha tomar um trago da boa, que é fina, e viva Deus.” Eu não pude conter o riso, ouvindo tal arenga, que serviu bem para me tirar o enfado; fiz logo as pazes com o mestre José, porque observei que o estratagemasurtia todo o efeito; ele se tornou um cordeiro, e diligente nos seus deveres, sem a menor quebra da reputação de que se gabava frequentemente, como quem tinha sido o mestre de todos os arrieiros daquela estrada até à vila da Cachoeira. Minha mulher sentiu bem a jornada deste dia, cresceu a febre, e sobreveio-lhe defluxão. Os pousos eram todos distantes, faltava água, a que havia mal se podia cheirar; demais disso, não havia pasto para os animais: fugíamos, portanto, ao clima insalubre do rio S. Francisco, e buscávamos com ânsia a vila de Jacobina Nova para se fazer aí um termo à moléstia, pois que era uma terra feliz que não tinha médico nem jurisconsulto, nem soldado. Para cúmulo, porém, de nossas tribulações, ao terceiro dia, no rancho do Flamengo, caímos em um descuido imperdoável certamente. Minha mulher tinha as mãos muito pisadas e maltratadas da força extraordinária com que fez aquela jornada, assim para chicotear e fazer andar o cavalo, como para lhe sustentar a carreira desabrida; sem que algum de nós tivesse a mais mínima reminiscência de estar ela ardendo em febre, meteu as mãos em cachaça misturada com água fria, e ali as conservou por espaço de meia hora: retirou-as finalmente daquele banho fatal, mas quando o fez já tinha as articulações tolhidas, inchadas, e não era mais senhora de si; não obstante o quê, viajou ainda três léguas até o Riachinho, onde pousamos, sem que ela pudesse conciliar o sono toda a noite, sofrendo violentas e acerbadas dores por todo o corpo, e com especialidade na garganta, nos pés e nas mãos, que as tinha excessivamente inchadas. De maneira que, na manhã seguinte, 5 de setembro, querendo partir, já ela não pôde montar a cavalo por si só, e foi além disso necessário que um escravo lhe segurasse as rédeas todo o caminho das quatro léguas que andamos até à fazenda do Brejo.

O Sr. Vicente, proprietário desta situação, nos ofereceu francamente sua casa para que aí fosse tratada minha mulher: havia bom pasto para os animais, água excelente, muita verdura, bom leite, carne mimosa: tudo, em uma palavra, tudo concorria para realçar grandemente o agrado e o modo fagueiro do nosso bom hóspede, que buscava todas as maneir-

ras de nos cativar, empenhando-se ativamente no restabelecimento da minha enferma, cuja amizade requintava em meus afetos, quanto mais eu a via perto de pagar à natureza inflexível o tributo da morte. Mas a casa era muito pequena; a sala onde estava a doente, e que era todavia o maior quarto, apenas teria 15 palmos em quadro, além de ser o telhado muito baixo. Minha mulher sentia um calor excessivo, que muitas vezes, tolhendo-lhe a respiração, lhe aumentava incessantemente a febre. Deliberei-me, portanto, a abandonar aquele aposento, e saímos pelas 3 horas da tarde de 7 de setembro para a Jacobina Nova.

A doente ia em rede aos ombros dos escravos, e levava uma coberta para se resguardar do vento: mas, a pretexto de sentir muito calor, desviou de si aquele pano, e foi exposta toda a jornada, que era de três léguas, e durou cinco horas, à agitação do caminho e ao ar ambiente, que apanhou; tudo isto concorreu sem dúvida para dar tom à moléstia. A bília enferma resolveu-se em urinas, de que lançou copiosa porção oito vezes que pediu o vaso; nos intervalos dormiu com profundo sossego; e quando chegamos à vila noite fechada, achou-se inteiramente livre da febre. Levantei as mãos ao Céu e lhe rendi graças por me haver restituído aquela que eu mais amava. O juiz de paz me facilitou decente e cômoda aposentadoria; aí tratei minha doente, não como discípulo pitagórico dos aforismos de Hipócrates, mas como um lógico eclíptico, que tinha seu lusco-fusco de filosofia. Minha mulher teve ainda dois ataques fortes de ar interno que a sufocava, em virtude da debilidade extrema a que se viu reduzida, quando passou dois dias sem tomar alimento algum, não só por fastio, mas também por se achar com a garganta muito apertada e dorida. Eu a salvei de tão perigosos lances porque era seu marido e me interessava desvelado em sua existência: ela morreria sem dúvida, se fora entregue à ciência de algum Esculápio

De termos gregos sem ideia cheio
Néscio, impostor, carrancudo, feio.

As minhas duas negrinhas mais pequenas adoeceram também naquela epidêmica travessia: o que aliás não aconteceu a todos os outros escravos, que até o Rio de Janeiro gozaram sempre de boa saúde, porque

se forravam diariamente com uma boa dose de cachaça. Alguns me censuravam este ramo de despesa, mas eu, rindo-me de sua crítica, sentia os bons efeitos da economia da minha viagem, não consentindo jamais que minha gente bebesse daquelas águas estagnadas e quentes, sem que tivessem bebido antes cachaça, cujos profícuos resultados só desconhece, em uma longa jornada, quem não sabe que aquela aguardente é antídoto mais eficaz contra o veneno dos cascavéis de que abunda a província do Ceará, por toda a parte dá-se a beber ao enfermo tanta quantidade, que ele fique inteiramente embriagado e vomitando a miúdo, lança fora o veneno todo, derramado no seu corpo. Dir-se-á que algum outro diluente vomitivo, ou tônico, produz o mesmo efeito *Sub distinctione data concedo; mas a parte rei nego*: e a coisa é que a cachaça se leva com uma grande facilidade, com que decerto não se toma a jalapa ou qualquer outro ingrediente farmacêutico. A cachaça não tem resguardo colaxante, pode jazer sem risco em pleno ar da meia-noite, expor-se ao rigor de todas as estações: e levantando vapores no cérebro, o estado da embriaguez e letargia tira todo o sentimento das dores violentas causadas, assim pelo veneno, como pelos esforços do motivo. Minha mulher se restabelecia diariamente, mas a reincidência se agourava infalível, no caso de continuar ela o caminho a cavalo, exposta aos ardores do sol, se bem que já trilhávamos clima saudável: com estes receios e pressentimentos fiz preparar pelos meus escravos (que vinham providos de ferramentas) uma paviola bem ornada com assento de pano, cortinas e cobertas, puxada a dois cavalos como uma liteira, para servir à enferma durante a viagem toda. Ajustei com o Sr. Vicente uma rês gorda, curtida ao sereno da noite, com pouco sal (é o costume daquela terra), que ficou excelente, e sabia um pouco a presunto. E depois de me haver provido de tudo quanto precisava, saí de Jacobina em 19 de setembro, tendo-me previamente despedido do vigário, juiz e mais ilustres habitantes daquela vila, que me honraram com suas visitas e obsequiosas atenções.

CAPÍTULO IX

O AUTOR CHEGA À VILA DE
CACHOEIRA, E VAI DEPOIS À
BAHIA: SUCESSOS NOTÁVEIS
DESTA IMPORTANTE VIAGEM.

De Jacobina seguimos em direitura à famosa vila de Cachoeira, onde chegamos no 1º de outubro, havendo feito em 13 dias uma boa jornada de 62 léguas, sem alguma outra novidade, além de notarmos a diferença dos climas e terrenos tão místicos. As primeiras 24 léguas da margem meridional do rio de São Francisco não prestam para nada; à proporção, porém, que se vai descendo para a Bahia, tudo muda e melhora consideravelmente. A estrada é mais povoada: aqui a Natureza já não é aquela mãe infecunda que faz brotar ali xique-xique, somente a cabeça-de-frade: mas é uma natureza alegre, risonha, que anima sempre aos viventes com sua fertilidade prazenteira e mimosa. Criação imensa a cada passo, plantas úteis, vegetação por toda a parte, e o viajante, sensível aos encantos daquela terra, mil vezes perde de vista sítios amenos que lhe deixam saudades. Antes de chegar à vila da Cachoeira, despachei um próprio ao Sr. Fróis, juiz de fora daquele território, suplicando-lhe que me fizesse aprontar um rancho, onde me recolhesse com a minha gente. O ministro achava-se então gravemente enfermo, e nada podia fazer: mas o Sr. José Moreira Guimarães, que estava com ele, se ofereceu espontânea e generosamente para me dar hospedagem. Com a volta do criado, seguimos para a vila e entramos na bela casa que o Sr. Moreira nos destinou, a qual achamos ricamente mobiliada, pronta de tudo, com a mesa posta e excelente ceia, entre cujos pratos distinguimos a saborosa petinga, que comemos pela primeira vez, e de que gostamos infinito. Minha mulher estava já inteiramente boa da sua moléstia: mas os cavalos iam em decadência, e muito magros; era mister dar-lhes repouso de alguns dias e, para esse fim, solicitei o favor do Sr. Padre Navarro, filho do Sr.

Conselheiro Luís Navarro, que se dignou de os ter e fazer tratar no seu engenho vistosamente situado à borda do rio muito perto da Cachoeira. Esta vila é grande e todos os dias se aumenta com soberbos edifícios: seu comércio considerável; seus habitantes ricos, laboriosos e dados à religião: não vi povo mais devoto; todos os domingos e dias-santos que ali passei, havia sempre uma festa de igreja e uma procissão. Um barbeiro meu vizinho tinha sua banda de música sagrada, era o mestre dela, e me atordoavam aos ouvidos, desde manhã até alta noite, com os seus trinados e bemóis das trompas e clarinetas dos seus discípulos. Um dia, porém, que eles se dispuseram e ataviaram airosamente foram expulsos pelo comandante da tropa de primeira linha, porque (dizia o tal comandante) uns músicos que não são militares não têm o poder de se arrogarem a faculdade de tocar a meia lua de campainhas. Não sei que razões havia para um tal arrazoado; cuido eu que era uma das muitas questões tratadas e decididas *in jure gladii*, pois que o som de umas campainhas arranjadas em semicírculo não creio que possa quebrar um braço, vaziar um olho, derramar sangue, matar, únicos usos e terríveis efeitos dos instrumentos militares, como a espada, a lança, o canhão, a espingarda. Passei momentos preciosos todo o tempo que estive na Cachoeira: meu hóspede sobremaneira grandioso buscava todos os meios de me recrear, e sua ilustre e mimosa consorte, a Sra. D. Ana, mostrava-se desvelada em agradar a minha mulher, que lhe é devedora de uma afeição extremosa. Ainda hoje não nos podemos recordar sem terna saudade dos instantes que passamos juntos no delicioso alegrete que tinha o Sr. Moreira na ribeira do Paraguaçu, onde nos entretínhamos quase as tardes todas na companhia agradável daqueles senhores e de seus inocentes filhinhos, Clementina e Felicíssimo, tão belos e mimosos como seus honrados e virtuosos pais. Que fundo de alma boa que descobri no meu hóspede! Há certamente poucos homens como o Sr. Moreira.

Nós não tínhamos precisão de passar pela Bahia; nosso destino era seguir o caminho de Minas Gerais, atravessando o rio para a povoação de S. Félix, que faz uma parte da vila da Cachoeira, para daí prosseguirmos nossa jornada. Entretanto minha mulher tinha desejos de ver aquela cidade famosa do Brasil, pois era a primeira vez que saía de seus lares e ninho paterno, e nada ainda tinha visto do mundo. Eu quis por-

tanto satisfazê-la; e pedindo ao Sr. Moreira escrevesse a seu genro o Sr. Ildefonso, negociante da Bahia, para me aprontar o alojamento, dispus a partida por terra, não querendo expor-me de novo às vicissitudes do mar, posto que a viagem pelo rio houvesse de ser breve e divertida.

Sáímos da Cachoeira no dia 17 de outubro; e logo a saída apresenta os incômodos que tinha de sofrer naquela viagem. O caminho é péssimo; não há verdadeira estrada; anda-se por entre canaviais, cercas, terreiros e mesmo casas de engenho, dentro de alguns dos quais passei a cavalo com toda a minha comitiva. Tudo é morro, subidas e descidas; não há quase um palmo de terra plana e assentada; e o pior é haver imensos atoleiros e fendas profundas, que são outros tantos precipícios onde os cavalos correm perigo. Subimos com bastante custo a primeira serra íngreme sobranceira à vila; meus cavalos se definhavam diariamente com o carrapato infernal que os perseguia, e cada um deles não valia já o ruço zurrador de Sancho Pança: não desanimei contudo; e entregando-me a Deus e à ventura, continuei a jornada, e depois de havermos caminhado duas léguas, paramos no Iguapé para jantarmos. Que sítio pitoresco! É um vale deliciosíssimo, semelhante em tudo ao jardim do Ceará, exceto unicamente na povoação que aí não há, pois que seus edifícios são engenhos de açúcar separados uns dos outros, conforme a quantidade dos limites das terras.

De tarde caminhamos outras duas léguas e ao sol posto chegamos ao engenho chamado *do Brito*, onde o Campelo me fez uma pequena traição quando o mandei a pedir licença para pernoitar. Ele bem sabia que eu não gostava de festa, nem podia querer-me achar em um banquete, pela regra de não ir a batizado sem ser convidado, mormente naquela ocasião, em que só suspirava pelo sono, tranquilo restaurador das forças perdidas em uma enfadonha jornada. Observando, porém, que ali havia brincadeira, e tão grande que, não obstante ser noite, a cadasse² estava ao jantar; declarou em voz alta que chegara àquela fazenda o seu amo, que era um doutor de fama, bacharel em duas artes, erudito em

2 N.E.: Conforme o original. Não foi possível encontrar, nem mesmo em dicionários da época, o significado desse termo.

dois direitos, magistrado em duas vilas, juiz de fora e órfãos, e do cível e crime com jurisdição e alçada sobre a honra, liberdade e fazenda de mais de 2 mil homens. Um semelhante recado e tão comprido excitou a gargalhada geral nos convidados, entre os quais reinava bastante alegria, e todos clamaram que viesse o senhor doutor. Voltou o Campelo azafamado, crendo que tinha metido uma lança em África, e me referiu o caso tim-tim por tim-tim; mas, no mesmo momento, perdeu todo o gás, e deixou cair a viseira e os beiços, arranhando a cabeça e as coxas, porque observou que me desgostava, e com efeito fiquei aflito e confuso; dei voltas ao juízo, mas, vendo que seria faltar à civilidade se deixasse de me apresentar àqueles senhores, que se apressavam a honrar-me com seus obséquios: aproximei-me à casa, cuja proprietária a Sra. D. Maria, recebendo-nos com toda a cortesia, e afabilidade, nos agasalhou em um quarto separado da sua companhia e nos fez os mais generosos oferecimentos de sua aia, e de quanto nos fosse mister, que todavia agradei sem aceitar. Acomodei minha mulher e o resto da minha gente, e fui passar alguns momentos entre os convidados. A festa se fazia em honra da ilustre e muito bela viúva do marechal Luís Paulino Pinto de França, que tinha vindo da Bahia visitar seu genro o Sr. Coronel Brandão, irmão da dona daquele engenho. A companhia era escolhida; todos os ricos lavradores do Iguapé ali apareceram; reinava a profusão e alegria por toda a parte; e a deusa, a quem se dedicavam tantas oferendas, fazia a alma daquele congresso respeitável. Eu lhe ouvi cantar uma breve ária, a doçura de sua voz encantou meus sentidos, e fez em mim a mesma impressão que Vênus fizera no pai dos deuses, quando *as láteas tetas lhe tremiam* no concílio celeste congregado para decidir da sorte dos lusitanos nos mares da Índia. Fazia-se porém tarde e eu tinha de viajar no dia seguinte; despedi-me em consequência e fui dormir, deixando-os a folgar no festim, que durou toda a noite.

De manhã, 18 de outubro, havendo caminhado três léguas, chegamos pelas 10 horas ao engenho chamado *do Conde*, cujos escravos nos receberam com uma algazarra e alarido extraordinário, alegres pela pitança que iam ter em recompensa do seu trabalho em passar meus cavalos e bagagem para a outra banda do rio de Santo Amaro, a fim de pousarmos no Alambique das Brotas. É, porém, de notar que, se nós chegássemos à

vila de Santo Amaro, teríamos atravessado o rio a vau, sem precisar de adjutório, nem fazer despesa alguma. Entretanto, um maldito africano, que me conheceu novato naquela estrada (porque já não trazia arrieiro e o impertinente mestre José Joaquim havia terminado e preenchido sua missão na Cachoeira); aquele maldito preto, achando uma ocasião de se forrar comigo no pagamento de um conselho, e vendo ele que eu ia a sair já do engenho para a vila, disse-me que devia atravessar ali mesmo, pois em outra qualquer parte o não poderia fazer. Em consequência, passamos o rio no porto do engenho do Conde; os cavalos iam a nado, e um homem, sentado em uma canoa, os sustentava pelo cabresto, enquanto outros remavam: chegando a uma ilhota próxima à praia do pouso, em que devíamos ficar, aquele mesmo homem saltava na água e conduzia o seu animal até lá. Por esta forma passaram todos os cavalos em quatro canoas, que iam e voltavam. Seguiu-se depois o transporte da bagagem e da gente, e, quando nos tocou nossa vez, houve uma calorosa e renhida disputa, entre os canoairos, a qual devia pertencer a condução de minha pessoa e da de minha mulher. Todos eles acreditavam com razão que a paga seria muitas vezes dobrada, visto que cada um de nós tinha de peso político mais trinta arrobas do que cada um dos nossos escravos. Chegamos enfim a salvo ao Alambique das Brotas, onde fiz dispersar a turbamulta, pagando-lhes o que era do costume, uma pataca por cada animal, além do frete da gente e das cargas.

Descansamos aquele dia e quase todo o seguinte, saindo pelas 5 horas da tarde de 19 de outubro, acompanhados de um guia, que tomei, para me não expor outra vez a pagar caro a passagem de algum rio, caindo em novo calote, igual ao que me pregara o tratante do engenho do Conde. Fizemos apenas um caminho de três quartos de légua e pousamos no engenho do Vanique, cujo morgado com suas jovens irmãs, gastando humor e traje cortesão, nos receberam agradavelmente e nos deram agasalho por aquela noite. A casa era grande; o dono dela nos havia cedido três aposentos, mandando armar no último um rico leito para nós. Eu lhe agradei aqueles incômodos, e me contentei com os dois mais próximos à escada, pedindo-lhe reservasse o da entrada para minhas escravas exclusivamente, que eu me servia de um só para dormir. Este ajuste feito, cada um tratou de se acomodar.

Reinava o silêncio em toda a natureza, e já o doce Morfeu me havia cerrado os olhos, quando acordei a uma voz que chamava brandamente por mim; era a Mãe Catarina, que vinha queixar-se do guarda-portão, um preto velho, feio e impertinente, o qual sem cerimônia se tinha arrumado para passar a noite no mesmo quarto onde estavam as negras, e cuja porta ficava aberta, para que elas facilmente pudessem entrar no meu, todas as vezes que sua senhora as chamasse, como tinha costume. Eu levantei-me e fui pedir ao preto que se retirasse; mas ele, com toda a pachorra, me respondeu que não queria. Alterquei com ele algum tempo, usei de todos os artifícios, ameacei-o com representações ao senhor; tudo foi baldado; o velho africano era uma rocha que não se abalava com os embates, nem de rogos, nem de ameaças. Vali-me portanto da última razão dos reis e das leis, ordenando a três escravos meus que pegassem nele, e à força o pusessem fora no terreiro da fazenda: neste momento saiu-lhe do corpo o diabo, e o preto velho mais que depressa levantou-se e foi, sem precisar de pajem que o ajudasse. Desta sorte acabou aquela tragicomédia, que fez rir bastante a minha mulher, porque via os touros de palanque e não representava a cena. Não vi nunca mais nem guarda-portão, nem seu senhor: saímos pelas 7 horas da manhã, e o dono da casa ainda dormia, prova evidente de ser grande fidalgo, pois que um homem nobre, e que é ao mesmo tempo senhor de engenho, não deve levantar muito cedo, mas antes goza do direito feudal de dormir todo o dia, brincar de noite e deixar ir o mundo como vai, sem lhe importar que a água corra para cima ou para baixo. Depois de duas léguas, pousamos no engenho da Petinga: é um grande e excelente casal da família do barão do Rio de São Francisco. Seu administrador, homem laboriosíssimo e muito diligente nos seus deveres, me hospedou com toda a polidez e me deu alguma ideia dos forais daquele solar ilustre, cuja antiguidade (dizia o meu hóspede) *data desta casa*: o que, sendo para mim muito concludente, inferi com certeza que a família era nobre desde os mais remotos tempos, pois que a casa tinha uma construção e arquitetura algum tanto gótica. O administrador demais disso tinha já de sua conta uma oficina de refinar; e seu açúcar (me confessou ele mesmo) era sem contestação superior ao de Amsterdã e Hamburgo. No dia 21 caminhamos de manhã duas léguas e

paramos no Alambique da Passagem, para tomarmos algum alimento; e de tarde, fazendo a mesma marcha, fomos pousar no engenho novo do coronel José Moreira, que então se achava ausente; mas uma senhora respeitável por seus anos, aia de suas meninas, franqueou-nos a casa, e nos deu magnífica hospedagem. Foi nesta fazenda que se levantaram os escravos, poucos dias depois de havermos lá estado, segundo correu na Bahia estando nós nesta cidade. Em 22 de outubro, depois de jantarmos na Olaria, que é uma velha e arruinada fazenda do barão do Rio das Contas, arranchamos no Cabrito, havendo feito esse dia quatro léguas de jornada. Este engenho famoso na história da Independência do Brasil, por ter sofrido calamidades imensas da parte dos lusitanos, pertence ao Sr. Bitancourt, que se incomodou bastante conosco aquela noite, e continuou a incomodar-se tendo ali meus animais todo o tempo que estivemos na capital, onde entramos no dia seguinte (23) pelas 8 horas da noite e fomos pousar no teatro; aí o meu amigo o Sr. Ildefonso nos foi encontrar, porque lá tinha arranjado nossa hospedagem. O alojamento era no último andar; a condução da bagagem devia levar tempo bastante, por ser necessário subir muitos lances de escada; demoramo-nos por conseguinte à entrada, até que tudo estivesse com segurança e ordem; o que feito peguei em minha mulher por um braço e a conduzi a uma boa casa de pasto para lhe mostrar o que era uma casa onde se dava de comer a gente por dinheiro. Ambos tínhamos vontade e fome: mas a excelente companhia do Sr. Ildefonso e do seu inseparável amigo o Sr. Domingos (nobre, honrado e rico padeiro da Bahia) nos excitou o apetite por maneira tal, que tivemos uma ceia regalada na presença do Campelo, o qual em mesa separada foi servido de pão e carne para dois, vinho e cerveja para quatro. Não tínhamos a fazer na Bahia mais do que passear e ver: eu levava minha curiosa viajante em cadeirinha aos lugares mais célebres da cidade, praças e edifícios públicos, com especialidade templos e conventos de freiras. Minha jovem mulher nem por isso aplaudiu muito os gostos destas sagradas e carcomidas celibatárias, porque (dizia ela) é sem dúvida melhor e mais santo gozar atualmente de um esposo que faz suas delícias do que esperar para outra vida o gozo de um outro, cujos encantos ninguém há de sentir senão moralmente; o que é aliás contra o sistema de Buffon, para o qual no amor nada havia de bom

mais do que o físico. Não tive demora alguma em satisfazer os desejos ardentes que tinha de topar-me com os Srs. Cerqueiras, pai e filho, que no Pará entretiveram comigo as mais íntimas relações de pura amizade e que eu não tinha mais visto desde o ano de 1824, quando estiveram no Rio de Janeiro e dali foram despachados para a vila da Barra do rio de São Francisco. Eles se alegraram infinito com a minha vista, e eu não menos com a fortuna brilhante em que os achava. Habitando na mais bela casa do mundo, honrados por seus amigos, temidos por seus contrários, cada um deles poderoso nas obras e nas palavras (*poteus in opere et sermone*), os Srs. Cerqueiras passavam a vida no meio de uma feliz abundância e tranquilidade: o pai julgando, o filho advogando, sua casa devia ser naturalmente mais frequentada e respeitada do que o fora em outro tempo o oráculo de Delfos.

Mas que horror tive eu, vendo a espantosa cicatriz da punhalada com que foi assassinado o Sr. Cerqueira Sênior! Ainda hoje estremeço e meu corpo se cobre de frios e suores, e o sangue se ajunta gelado de medo... Ah! Quem diria que um ministro de letras, primeiro magistrado criminal de uma cidade policiada, homem boníssimo, assaz atencioso, prestável, obsequiador e digno da mais alta estima por suas virtudes e patriotismo, havia de ser assassinado em pleno dia na sua casa, às 2 horas da tarde, na rua a mais pública, junto ao quartel de uma grande guarnição militar, e por um militar, comandante de uma companhia!!! Elas vêm muitas vezes perdidas do baralho. A verdade e os desígnios da Providência são inescrutáveis, daquela Providência que levanta os humildes e abate os poderosos, que tira aos pobres, dá aos ricos, fere e mata indistintamente, sem dar satisfações a ninguém. Mas como era possível perpetrar-se um tal assassinio? Só com premeditação. E quem o podia tentar! Só quem tivesse a proteção de grandes vias, a cuja sombra pudesse abrigar-se. Dizem que a S. Pedro Deus disse: *quem com ferro fere, com ferro será ferido*. Se assim é com efeito; cumpre contribuir aos decretos autógrafos do Altíssimo, que assina sem rubrica nem guarda, a missão dada àquele anjo noturno, montado em cavalo branco, que exterminou da superfície da Terra o monstro suspeito de maldades tantas. O meu hóspede e amigo, o Sr. Ildefonso, teve a bondade de nos apresentar sua amável consorte a Sra. Clementina, filha do Sr. Moreira, da

Cachoeira, não menos generosa em sentimentos e virtudes, que herdara de seu ilustre pai; ela se ligou bem depressa com minha mulher, e nos fez a honra de convidar para assistirmos à representação teatral no seu camarote. Havia uma peça que me tocou vivamente; era o imperador de Alemanha José II, que viajava incógnito pelos seus estados, e verificando com a evidência de seus próprios olhos os desacatos com que o governador de certa província vexava a ondas o uso que o bom rei pode fazer do seu exército; chamou os soldados, e lhes ordenou prendessem aquele perverso, que foi punido como merecia. Este passo arrebatou a plateia que rompeu em aplausos extraordinários: eu me deixei penetrar da mais forte sensibilidade por um tal rasgo de justiça, minha alma se encheu de prazer exuberante e chorei de gosto, não por ter diante de mim o espetáculo horroroso de um homem perdido e desgraçado, mas por ver a humilde inocência salvar-se das garras de um déspota malvado, de um terrível facinoroso. Minha satisfação, porém, murchou bem depressa, caindo em mim do êxtase em que estivera, observei que a coisa era apenas uma ficção poética: de resto até hoje ainda estou para ver pela primeira vez punida uma grande autoridade que tenha abusado do poder. Estivemos 14 dias na Bahia, e havendo já satisfeito menos mal nossa curiosidade, tratamos de regressar para a Cachoeira. A viagem que fizemos desta vila para aquela cidade estragou meus cavalos; o carrapato acabou de os arruinar; eles ficariam sepultados nos atoleiros, se porventura retrocedêssemos por terra. Demais disso o incômodo de mar era breve e pequeno; consistia em atravessar duas horas até a foz do rio Paraguaçu, cuja viagem se me representava, e é com efeito belíssima, e muito agradável. Fretei por conseguinte um barco para me conduzir a mim com toda a minha família, bagagem e cavalos; e foi uma condição expressa de fretamento, que nenhum outro passageiro ali embarcaria. Chego à praia, vou embarcar; eis que vejo a câmara cheia de gente, homens e mulheres, e baús, e o diabo a quatro. Fiquei escandalizado bastante contra o arrais, com quem já o Campelo havia arrazoado muito, mas sem poder vencê-lo a que despedisse os intrusos; e tomava enfim o partido de sair a fretar outro barco, quando ele se determinou e resolveu a lançar fora o imenso mundo que alastrava o convés e a câmara, ficando todavia algumas pretas no porão. Tolerei,

e fizemo-nos à vela ao meio-dia de 7 de novembro, afastando-nos com pesar da vista do nosso bom hóspede, o senhor Ildefonso, que patenteou sempre o mais fervoroso zelo em nos obsequiar, e servir, até o momento da nossa partida.

CAPÍTULO X

O AUTOR ATRAVESSA O
PARAGUAÇU PARA S. FÉLIX E
CONTINUA SUA VIAGEM ATÉ
PASSAR O RIO DAS CONTAS.
NOTÍCIA DE UM FAMOSO
CALOTEIRO E TRATANTE.

A viagem da Bahia para a Cachoeira por mar, posto que muito curta, não deixou contudo de me incomodar bastante. A perspectiva da enseada era agradável, havia bonança, pouco vento, o barco limpo, a câmara grande, mas levei enjoado todo o tempo; ainda que não vomitei, não pude comer com satisfação. Entramos no rio, passei melhor, e porque o barco encalhou com a vazante, só pudemos seguir com a outra maré e chegamos à Cachoeira pelas 2 horas da manhã de 8 e aí estivemos ainda 11 dias gozando da hospitalidade do Sr. Moreira, de quem por fim nos separamos atravessando o rio para S. Félix no dia 19 de novembro. Pouco antes eu tinha ido a esta povoação procurar um alvergue onde me agasalhasse: por casualidade topei o Sr. Felizardo Ferreira Nobre, que prontamente se prestou a tudo e a mais certamente do que me era mister. Ele nos deu uma bela casa situada no morro sobranceiro à povoação, ensinou-me a curar o carrapato dos animais com mel de fumo; recomendou-me a toda a gente do Regapé; alugou-me parte da tropa do Sr. Clemente Alves, que chegara naqueles dias à sua consignação; e procurando todos os meios de nos agradar: seus filhos, sua velha mãe, sua estimável Xexe (uma boa mulher que lhe serve de caseira e aia), todos, em uma palavra, todos daquela casa souberam cativar nossas almas e gratidão por mil maneiras obsequiosas e distintas. Eu gostava infinito de conversar com sua mãe, a qual, posto já ser octogenária, recordando-se

com saudade dos penates que deixou na sua terra de Almada, na outra banda de Lisboa, misturava sempre seus ditos com aquele sal picante, com que o filho tão bem costuma temperar com sabor sua conversação agradável para divertir os hóspedes e companhia. O Sr. Felizardo é um dos mais ricos proprietários do arraial de S. Félix e correspondente de quase todo o sertão da Bahia pelo lado de Caititi: ele frequentou as letras, quando rapaz, e posto ser já ancião, nada tem hoje perdido de sua bem polida mocidade.

No dia 25 de novembro, saímos de S. Félix, acompanhados do Sr. Felizardo e de seus filhos, que mostraram alguma satisfação, vendo a ordem e regularidade com que marchava a minha tropa, em linha reta, *unus post alium*, pelo meio da estrada, e para cada animal um arrieiro e almocreve. O Campelo já nos tinha deixado na Cachoeira, todo cheio da empresa de ser negociante de milho, que comprava na vila por oito tostões o alqueire e vendia na cidade por duas patacas, intimamente persuadido de que, com duas ou três viagens destas, bem podia em pouco tempo vir a ser um formidável banqueiro de Londres ou Amsterdã. O comandante da tropa debaixo das minhas ordens ou seu guia por consequência era o Brás do Regapé, um escravo do capitão Clemente Alves, que o Sr. Felizardo encarregara de nos ensinar o caminho e tratar dos animais que pertenciam a seu senhor. Nós buscávamos o lugar do Curralinho, onde tínhamos de comprar barato o mantimento, por ser aí uma grande feira, a que concorriam todos os lavradores semanalmente a vender seus gêneros e colheitas: lá chegamos ao segundo dia de jornada quase à noite. O rancho estava tomado por um tropeiro; não havia outra estalagem, nem eu queria pernoitar ali, por ser um lugar afeito a furtos de animais: continuamos portanto a caminhar para a fazenda da Cruz, que distava ainda légua e meia. A noite era escura bastante, e o bosque denso que cobria a estrada tornava as trevas muito mais espessas. Paus caídos e atravessados, frequentes escavações; tudo nos antolhava precipícios e sustos. Saímos enfim deste labirinto a salvo; e chegamos pelas 11 horas da noite a tempo que já dormia o dono daquele casal, mas um fâmulos seu, que velava ainda, nos deu agasalho em outra casa, que estava sem gente e servia de escola acadêmica a seus filhos.

No dia seguinte o Sr. Francisco José da Rocha, proprietário daquela fazenda, quis transferir-nos para a sua bela casa de vivenda, ao que não anuí, contentando-me de ficar no mesmo alojamento primeiro, todo o tempo que ali nos demoramos, enquanto mandava comprar mantimento no Curralinho. O Sr. Rocha desvelou-se em nos obsequiar com aquela grandeza e urbanidade que tem de costume praticar com todas as pessoas que passam em sua fazenda; nada poupou para que nosso trânsito fosse acompanhado de prazer e de toda a comodidade: sua polidez e conversação instrutiva me obrigou em extremo, pareceu-me um homem de corte, educado nas letras, a quem a riqueza e o amor da independência dão um realce demais para ser um homem completo. Ele foi o primeiro que me deu notícia de um famoso impostor que por lá passou no ano de 1825, e que se fez célebre em toda a estrada até o Rio de Janeiro; ora inculcando-se rico proprietário e senhor de três engenhos no Pará, ora dizendo-se principal sócio da casa Bandeira da Bahia, e por esta forma pregou imensos logros e calotes aos moradores daqueles caminhos, e o mais é, tendo o desaforo de declarar o seu verdadeiro nome Antônio Joaquim de Bitancourt e Sá. No Regapé, Caititi, e Minas, fez altas cavalarias e no Rio de Janeiro meteu-se com os criados do Paço e teve até a habilidade de impor grandemente e enganar a imperatriz Leopoldina ao ponto de ser enfim vigiado e perseguido pela polícia que lhe deu caça, mas infrutuosamente. O Sr. Rocha me confiou um crédito passado por este ilustre cavaleiro de indústria, para me informar a seu respeito na corte: indaguei, e pude saber do major Tupinambá do Pará que o tal herói se chama com efeito Antônio Joaquim Bitancourt, que é um português residente algum tempo na vila de Santo Amaro da Bahia; e que depois passou a residir no interior da Província do Pará: e que, sendo por toda a parte um refinado velhaco e tratante, no Pará tem sido várias vezes preso e perseguido por causa de suas galantes esperanças. Eu me interessei bastante nestas averiguações, porque me vexava de suspeitar-se que um homem, oriundo do meu país natalício, fosse capaz de ser tão grande cavaleiro; o meu natural e ardente patriotismo me fazia favorável aos filhos da terra dos Maciéis Parentes, nem eu concebia que um paraense pudesse ser um ladrão de estrada, como se os salteadores devessem ser sempre estrangeiros. Magoava-me portan-

to ouvir a relação deste fato; mas tive de ouvir por toda a parte durante minha viagem, porque o tal maganão excedia sem dúvida ao grande D. Rafael, amigo e companheiro do imortal Ambrósio Lamela. Honra e glória porém aos paraenses, meus conterrâneos, que estão livres desta nódoa. Deixamos saudosos o Sr. Rocha e sua ilustre família em 30 de novembro e no dia seguinte à noite chegamos a Guixaba, em cujos limites, subindo a montanha, tive um susto tão grande ao rinchar um dos meus cavalos, como o tiveram os marinheiros de Cook à vista de um cabeludo espanhol deitado em uma praia deserta a que tinham aportado. Uma parte da minha comitiva demorou-se atrás com o guia, que estava a consertar umas cargas; eu, minha mulher, algumas negras e um moleque avançamos para diante, porque aproximava-se a noite, a qual nos veio apanhar em um bosque, por onde mal rutilavam os claros raios da Lua. Ali paramos; e meia hora depois uma escrava nos diz que avistava ao longe saindo do mato dois homens. Este aviso nos encheu de pavor; rincha um cavalo, ficamos pior, o medo redobrou e a Mãe Catarina começou logo a benzer-se e a rezar a *Magnificat*, crendo como eu e os mais que íamos ser atacados por uma quadrilha. Eu, a falar deveras, não me achava com disposição para brigar àquela hora: ou fosse fraqueza (o que não afirmo) ou sentimento de filosofia que me inspira ser um crime contra a natureza o derramamento de sangue humano, posto que seja em defesa da sua própria pessoa, bens, ou direitos; o certo é que estava resolvido a deixar-me roubar impunemente, porque ali não havia uma arma com que pudesse defender-me e, por maior desgraça, a minha preta cozinheira Margarida aquela tarde não trouxe o espadão original que costumava trazer à cinta. Felizmente, porém, recobramos o sossego, porque o cavalo que rinchava e os dois homens do mato eram parte da minha comitiva que vinham seguindo seu caminho para o pouso da Guixaba, onde entramos satisfeitos e contentes, como se tivéramos vencido realmente um encontro de salteadores e ganhado sobre eles completa vitória depois de um bem disputado e renhido combate. Caminhamos em 10 dias 30 léguas, passando por estâncias mais ou menos sofríveis, algumas inabitadas, quase todas desprovidas de mantimentos; e chegamos pelas 2 horas da tarde de 11 de dezembro ao sítio chamado Passagem de Sant'Ana, onde tínhamos de atravessar o rio das Contas.

Que imperdoável negligência da parte dos governantes do Brasil! Uma estrada tão trilhada, de tanto comércio, de tantos moradores ricos e generosos, não tem uma só estalagem e, naquele passo tão perigoso, não há uma ponte, uma barca, uma pequenina canoa. As condecorações e os títulos, os prêmios da pátria são muitas vezes conferidos a homens inúteis e prejudiciais ao Estado: enquanto que os Srs. Francisco José da Rocha da Cruz, Clemente Alves, Antônio José Martins, João José Dourado e muitos outros do Regapé, em uma palavra, os ilustres e poderosos herdeiros de ambos os capitães-mores de Caititi e Rio de Contas, não têm uma comenda, um título, sendo que as honras e privilégios de condes, marqueses, duques, e príncipes, conferidas àqueles senhores com a condição expressa de terem prontos os caminhos do seu território, fariam aparecer em quatro meses uma boa estrada de 100 léguas, postas e cavalgadas, estalagens boas, e cômodas hospedarias. A expressão, porém, dos governantes é anunciada nos livros sagrados: *Comedamus et bibamus, oras enim morriemur*: comamos e bebamos que o mais é história; quem vier atrás que feche a porta. O rio não estava cheio, quando ali chegamos, e contudo prometia bastante risco: já no dia antecedente, passando a tropa do capitão Clemente Alves, a mula da cabeça (a primeira do rebanho) tinha ido à garra com a correnteza, quase morre e bem assim o seu respectivo almocreve, e a carga perdeu-se. Eu sabia disto, e tomei portanto as medidas e cautelas necessárias para que a minha comitiva atravessasse a salvo. O meu perito e hábil Palinuro, o Brás do Regapé, apenas chegamos, olhou para o rio, e instou comigo que atravessássemos logo e logo; mas eu, respeitando muito sua prática experiência, não quis submeter-lhe entretanto minha teoria, porque um pouco de lógica me fez ponderar o perigo evidente a que expunha os animais e a gente que chegavam cansados de uma viagem de três léguas desde as queimadas, abrasados por um sol ardente. Em consequência, mandei arriar as cargas e dar algum alimento e descanso à tropa. Todos comeram e beberam, só eu bebi apenas uma gota de café. Tanto estava angustiado e aflito com a proximidade das desgraças que aquele passo arriscado me agourava! Não que eu temesse morrer, pois, não podendo caber-me o provérbio grego *Nem nadar sabe*, confiava bastante na agilidade dos meus braços; e a não estar tão aflito teria tomado

por divertimento passar o rio a nado: mas a vida de alguns dos meus escravos, que não sabiam nadar bem, era para mim assaz cara e preciosa, e para que deixasse de sentir-me atribulado no momento em que os via em perigo de a perder. Depois de haver a tropa descansado, mandei que toda ela descesse e se postasse na praia, indo cada um animal seguro pelo cabresto, para que não tomasse o rio desordenadamente. Em consequência, começaram a passar primeiro os animais de carga, cada um dos quais era conduzido por duas pessoas: imediatamente os cavalos que não sabiam nadar. Passou depois minha mulher, a qual, posto soubesse nadar, foi acompanhada por quatro valentes nadadores, que a podiam facilmente sustentar sobre as águas ao menor tropeço do animal. Eu atravessei em último lugar, chegando à outra banda quando vi toda a gente salva, chorei de prazer e brindei meus escravos de novo com a competente cachaça, com que já tinham aliás forrado largamente contra o frio e demais disso lhes dei uma pequena quantia em dinheiro, proporcionando o pagamento ao trabalho que cada um teve. Seguimos a derrota e fomos pousar dali a meia légua no sítio denominado Estreito. Aqui estivemos dois dias e depois apareceram duas mulas que se tinham desgarrado do rebanho no pasto; continuamos a jornada até a fazenda do Brejo, 25 léguas em cinco dias, ora pousando em desertos, ora em campos habitados. Havia já algum tempo que ou nada se encontrava para comprar-se ou não queriam vender, topei homens tão rústicos, que nem queriam encarar os viajantes e menos tratar com eles negócio algum; a carne-seca já enfastiava e eu tinha desejo de refrescar a minha gente com alguma rês nédia e gorda. No Brejo apareceu apenas meia dúzia de ovos; saí desta fazenda, e passando por uma outra de bastante gado vacuum e lanígero, solicitei a compra de uma cabeça, e respondeu-se-me que se vendia; levantando então minha alma e coração aos céus, invoquei com fervor o auxílio da Providência, a qual ouviu minhas preces e me deparou um mimoso e inocente cordeiro, que, a uma légua de caminho daquela fazenda, saiu do bosque e se agregou à tropa. Três vezes o expulsei do meu rebanho, outras tantas tornou-se a misturar nele: rendi graças por conseguinte à mão benéfica de Divindade, crendo-me um outro Paulo, a quem o corvo trazia o pão cotidiano, e ordenei à minha gente que se purificasse e se dispusesse para celebrar

comigo a Páscoa no rancho do Lajedo, onde comemos o cordeiro, que sem dúvida era de Deus, no dia 19 de dezembro, com infração manifesta do Sabiníssimo judaico, que não permite celebrar aquela festa antes do dia 14 da lua de março. No dia seguinte, 20 do mês, depois de haver-mos jantado no Mocambo, que é um sítio agradável, já quando tínhamos caminhado meia légua, observei que faltava na comitiva a minha cozinheira Margarida, aquela mesma intrépida e valente escrava, de quem disse anteriormente costuma trazer na cinta um espadão formidável, proporcionado em todas as dimensões geométricas de longitude e latitude e profundidade. Conjecturei que tinha ficado a dormir no pouso de onde saíramos e não me enganei nas minhas conjecturas. Fiz portanto parar a tropa e enviei alguns escravos em busca dela, que veio por fim muito tarde, e a tempo que não era mais possível chegar ao rancho em que devíamos pernoitar. Uma falta semelhante não era pouco considerável; importava não menos que a perda de uma boa jornada, assim como a necessidade de dormir em um deserto; exigia um gênero de castigo novo, e apenas devia igualar a culpa. A criminosa nunca em seus dias montara a cavalo, o cabeludo era muito manso e apto para a empresa; mandei Margarida montar nele, e isto serviu de espetáculo interessante aos meus domésticos, que levaram o resto da tarde a galhofar e rir à custa de *madame La cuisinière*; a qual, sendo franco-americana e natural do Cascene, invocava em sua língua materna os mais pios céus e todos os santos de França para que lhe acudissem. O cabeludo mal podia dar um passo tão fraco estava; e assim a nova cavaleira, a modo de quem anunciava a comédia para a noite, rodeou o campo, e levou bastantes apupadas que lhe serviram de correção para nunca mais ter longa sesta em prejuízo da jornada. No dia 21, jantamos à borda de uma lagoa; e de tarde, havendo feito igual caminho de quatro léguas, ficamos na fazenda do Jacaré, que é propriedade de uma senhora excelente, já velha mas alegre e espirituosa, irmã do capitão Anselmo, um e outro ricos lavradores daquele país. Tivemos lauta e esplêndida ceia e a dona da casa dignou-se acompanhar-nos até alta noite, rodeando-nos com todas as suas servas, netos e afilhados, que não cessavam de nos olhar e ouvir com gosto e admiração uma palavra, um aceno de seus novos hóspedes, à maneira do palácio de Cartago, quando o pio Eneias rela-

tava seus sucessos à misérrima Dido. Em 22 do mês, caminhamos somente quatro léguas até chegar ao rio das Antas, uma fazenda do Sr. Clemente Ribeiro, que, juntamente com o seu ilustre e honrado pai, o Sr. Capitão Ribeiro, nos fizeram um agasalto extraordinário, e de quem nos despedimos com saudades no dia seguinte para nos dirigirmos ao Regapé, onde tínhamos de ficar algum tempo na casa do Sr. Clemente Alves, a quem íamos recomendados pelo Sr. Felizardo de S. Félix.

CAPÍTULO XI

ENTRADA DO AUTOR NO REGAPÉ,
E SEUS DIVERTIMENTOS NESTE
CASAL. FESTA DO MENINO
JESUS. UM REI MAGO LADRÃO DE
CAVALOS. O BRÁS ESCOLHIDO PARA
NOIVO PELA COR. O SR. JOAQUIM
CHATO. O VINHO DE AÇAÍ.

Eram 11 horas da manhã de 23 de dezembro de 1829, quando chegamos ao vistoso e grande casal do Sr. Clemente Alves. Nossas descargas e salvas retumbavam nas concavidades dos montes e vales daqueles contornos: toda a gente se alvoroçou com a vinda dos novos hóspedes, que tinham de fazer a alegria de sua aldeia por muitos dias. O dono do casal e seu velho pai e seu ilustre cunhado o Sr. Antônio José Muniz nos vieram encontrar cheios de indizível prazer, e patenteavam em seus rostos aquela complacência e satisfação próprias de suas bem formadas almas, cuja candura e sentimentos não poderão nunca mais riscar-se de minha lembrança. Meus cavalos deviam restabelecer-se dos estragos do carrapato nos pastos abundantes do Regapé e nem eram suficientes para me conduzir ao rio Pardo, onde meu hóspede voluntariamente prestou-se a fazer-me transportar na sua tropa, a qual entretanto era mister descansar primeiro das fadigas da jornada longa que acabava de fazer de S. Félix àquele lugar. Estabeleci, portanto, meu quartel de inverno em uma casa separada da família do meu hóspede, e aí fiquei, como se fora um outro proprietário e morador daquele continente, que se acha dividido pelos herdeiros, do ilustre capitão-mor da vila de Caititi, a qual dista seis léguas deste sítio, de sorte que o Regapé é um extenso casal

habitado por mais de 50 famílias, todas unidas por laços de parentesco, amizade e recíprocos interesses.

Festas e mais festas: o gênio jovial e alegre do Sr. Clemente Alves não lhe permitindo um só momento de tristeza, ele passa a vida mais prazenteira no meio das mais penosas fadigas e trabalhos austeros do comércio, agricultura, e mineração das amatitas, a que se tem dedicado simultaneamente. E se houvera cursado algumas escolas acadêmicas, *ut post formatus doctor foret honor parentum*: meu hóspede em talento só e perspicaz bastante levaria muitas vantagens ao insigne Malhão, posto que de caráter diverso quanto ao amor da independência e riqueza, porquanto o Sr. Clemente Alves, à custa dos seus suores, viveu sempre abastado e rico, e nunca experimentou a sorte mesquinha daquele mísero vale de outeiros, que fazia versos às freiras de Celas para ganhar tigelinhas de manjar branco, com que saciava a fome e escorava sua indigência. Todos os ricos lavradores de Regapé se apressaram a festejar-nos; e a família do Sr. Dourado e da Sra. D. Joana, sogra do meu hóspede, concorreram à forma de uma luzida e constante reunião, que nos serviu de excelente companhia, todo o tempo que ali nos detivemos; e nossa longa estada no Regapé foi uma série não interrompida de espetáculos, jogos, passeios e divertimentos. A transfiguração Tabor não tocou mais vivamente a S. Pedro; e eu dizia muitas vezes como aquele Príncipe dos Apóstolos: *Bonum est nos hic esse*. Bom é estarmos nós aqui toda a vida. À noite do dia subsequente ao da minha chegada celebrava-se o Natal, e era a primeira festa que meu generoso hóspede devia dar-me. Mandou vir da aldeia do Gentio o capelão frei Manuel; eu me entretive bastante com este virtuoso e sábio carmelita, o qual, não obstante fazer mais uso do comércio do que da regra carmelitana, era contudo um bom filho do santo profeta Elias: ele celebrou as três missas e depois apresentou o Menino Jesus, que todos beijamos com a mais alegre e respeitosa devoção, pagando-se por uma contribuição pecuniária a arbítrio de cada um, para recompensar o sacerdote não o sacrifício incruento, que é sempre gratuito e espiritual, mas o trabalho de vir a cavalo, ter boa mesa e cama, tomar os paramentos e pronunciar as palavras do Cânon; o que tudo são incômodos e objetos temporais e físicos, pelos quais bem se pode pedir pagamento sem temor de incorrer em simonia. Os escravos celebraram diversas danças em honra

do himeneu do famoso Brás, daquele meu guia material e estúpido, quis atravessar o rio das Contas com toda a sem-cerimônia, estando os animais e a gente muito suados e cansados. A noiva era linda como os amores, trigueira bastante, mas bonita: negra *sed formosa*, escrava mas honrada e virgem; e sua senhora, a velha mãe do meu hóspede, a fazia casar com o Brás pela cor; isto é, por ser castanho queimado e o menos preto de todos os mais escravos, de sorte que, se eu fora solteiro, persuado me teria toda a preferência para contrair o tal matrimônio, visto que a escolha do noivo derivava só da cor, eu era branco como neve, e o Brás escuro como noite de trovada. Veio a festa da Epifania, que, longe de nos divertir, nos encheu de amarguras. Eu fui incomodado alta noite pelos magos, os quais, bem diversos dos magos da Palestina que faziam dádivas de ouro, incenso e mirra, exigem entre nós que se lhes dê alguma coisa: tive pois de concorrer com uma grande moeda de prata para as bebedeiras destes ilustres personagens. Ao meu hóspede, porém, aconteceu pior. Um dos magos julgou ser muito indecente andar a pé um rei, que vinha do Oriente visitar o recém-nascido. Messias deliberou-se por conseguinte a tomar na estrebaria a mais andeja e vistosa cavalgadura que houvesse de conduzir Sua Majestade aos seus longínquos e remotos reinos. No dia seguinte deu-se pelo furto: o Sr. Clemente Alves despachou logo caminhoneiros para todos os lados, e o cavalo foi achado em distância de três léguas a pastar num bosque, não sem alguma certeza da pessoa que o furtara, e que era com efeito um soprano ou tenor da canção dos Reis. O Sr. Antônio José Martins como que apostava com seu ilustre e generoso cunhado qual dos dois, e suas respectivas famílias se desvelariam mais em obsequiar-nos e entreter-nos a mim e a minha mulher. A nédia vitela, o gordo capado, o pato, a galinha, a bela fruta, em uma palavra, nada poupavam uns e outros, para nos tornarem agradáveis e deliciosos os momentos que ali passamos. Eu devo a estes senhores uma grande e sincera amizade não sei se de simpatia, ou se por causa da recomendação do Sr. Felizardo de S. Félix, a quem ambos eles são afeiçoados em extremo. Nós íamos passar muitas vezes ao casal do Sr. João José Dourado, que é casado com uma prima do meu hóspede, e que tem uma numerosa família de filhos, netos, genros, sobrinhos e aderentes, os quais todos formam um pequeno povo muito bom e muito unido. E que belo moço que

é o Sr. Bento, genro do Sr. Dourado! Ele nos entretinha diariamente com sua agradável e excelente companhia, e era uma perna forçada do *trinta e um* a vintém, com que passamos o tempo, rindo muito à custa do seu engraçado irmão o Sr. Joaquim, cuja figura esquisita não posso dispensar-me de escrever. Três palmos e meio de altura, ventre assaz volumoso, beijos grossos, nariz espalhado para os lados, olhos acesos e sempre inflamados, orelhas longas e um pouco asininhas, pescoço curto, cabelo afogueado, espáduas, ombros e peitos salientes e a cabeça metida dentro como de uma concha de tartaruga, eis o Sr. Joaquim do Regapé tão chato, que este nome lhe ficou por antonomásia e alcunha. Um dia que jogávamos, demorando-se ele a contar os pontos pelos dedos, diz-lhe o Sr. Demétrio: *Que cartas vossa chatosidade?* Esta graça repentina e inesperada nos fez rir como uns perdidos e mais ríamos quanto mais se enfadava o Sr. Chato, que, exceto na figura, no mais tudo é um moço amável, ativo e laborioso. Eu fiz um pequeno serviço ao meu hóspede e aos habitantes daqueles contornos, ensinando-lhe a tirar proveito dos coquinhos do palmito, dos quais não faziam entretanto uso algum. O coquinho do palmito é o célebre fruto que na província do Pará chamam *vaçaí*, e que lá serve de alimento precioso e nutritivo para toda a casta de gente, ricos e pobres, brancos e negros, senhores e escravos. Sua planta é uma alta e fina palmeira que vegeta e cresce nos terrenos úmidos e pantanosos, e se encontra por conseguinte em os grandes bosques de todas as províncias do Brasil, nas quais tem o nome de árvore do *palmito*, exceto no Pará, onde se chama *vaçaizeiro* e no Maranhão *juçara*. A madeira deste vegetal serve para ripas, e canos ou bicas; o palmito para comer com arroz, feijão, carne, empadas ou por outra qualquer maneira; e o fruto (o coquinho) para uma bebida excelente, a qual, feita os caroços servem para engordar porcos. Aquela bebida (*açaí*) fabrica-se pela forma seguinte: sobre uma grande porção de coquinhos (medida de quarta ou meio alqueire), lança-se uma quantidade de água quente (não muito) que cubra todos os frutos em um alguidar ou outra vasilha fora do lume, para amolecer brandamente, o que também pode ser expondo o fruto em água ao ardor do sol. O caroço fica sempre duro e o que amolece é só a casquinha roxa que o cobre exteriormente. Para se conhecer quando está mole, aperta-se um coquinho entre o polegar e outro dedo, e repete-se a experiência por mais três ou quatro, tirados

ao acaso de lugares diversos da vasilha; quando todos eles largam facilmente a casca entre os dedos, é sinal de estarem no ponto que se deseja para continuar a operação.

Deita-se fora então a água em que estejam infundidos e uma pessoa ajoelhada junto à vasilha amassa com ambas as mãos os coquinhos todos, revolvendo-os a miúdo até que todos, assim descascados, lança-se-lhes uma porção de água fria, remexe-se com a mão, e passa-se por uma peneira fina para outra vasilha, onde escorre o líquido todo, ficando sobre a mesma peneira os caroços e as fezes das cascas. Este líquido roxo e um pouco oleoso, mais ou menos grosso conforme a quantidade de água que se lhe deita, é o que se chama vaçaí: bebe-se com farinha de mandioca como um caldo, e com açúcar ou sem ele; de todas as formas é sempre uma bebida saborosa e tão nutritiva que outro alimento. Guarda-se de um dia para outro o vaçaí já pronto; e posto que fique um pouco azedo, mistura-se no mingau de farinha de mandioca e é o alimento ordinário dos escravos de tenra idade. No Regapé, Minas, e mais províncias derrubam a árvore para tirarem o palmito, enquanto que no Pará, querendo apanhar os coquinhos, sobe um menino ou mesmo um homem maduro, com uma peia nos pés, faca na cintura, e chegando ao alto da palmeira, dá uns golpes na parte em que o cacho está preso à árvore, arranca-o assim facilmente e desce com ele em uma das mãos. Quando está embaixo, fabrica um alforje feito das palhas da mesma palmeira, apanha então os coquinhos do cacho e os deposita nele, trazendo-o às costas seguro na testa por uma tarja feita da mesma ou de outra folha, e por esta forma conduz para casa meio alqueire de coquinhos, que viriam a cair pelo caminho se os trouxera no cacho. Este fruto colhido conserva-se bem 24 horas, sem ser amassado; daí por diante começa a secar, e então, perdendo o óleo e o gosto, pouco destila, e não presta para fazer a tal bebida; é pois mister colhê-lo e dentro de poucas horas amassá-lo e depois de haver amolecido em água quente, como acabei de dizer. Meu hóspede o Sr. Clemente Alves gostou muito do vaçaí, e passou imediatamente a prevenir um vizinho seu, que costumava derrubar as árvores do palmito, para que não continuasse a fazer semelhante estrago, a fim de que pudessem todos tirar proveito daquele fruto tão útil e tão delicioso.

PARTE III

VIAGEM DE 148 LÉGUAS,
DESDE O CASAL DO REGAPÉ,
NA PROVÍNCIA DA BAHIA, ATÉ
A CIDADE DE OURO PRETO,
CAPITAL DE MINAS GERAIS

CAPÍTULO XII

PARTIDA DO REGAPÉ.
O SR. MOREIRA, CAÇADOR
DE PERDIZES COM ARTE.
MINERAÇÃO DE AMETISTAS.
REGISTO DO RIO PARDO. O
ABRAÃO BRASILEIRO.

Já os animais tinham descansado tempo suficiente para podermos com eles prosseguir nossa jornada: o Sr. Clemente Alves havia já feito os arranjos precisos com aquela grandeza própria do seu gênio e caráter oficioso; seus domésticos, que deviam seguir-me na sua tropa até o arraial do Rio Pardo, já tinham recebido suas ordens respectivas. Assim, nada mais faltando, com mágoa bastante nos despedimos da gente do Regapé e saímos no dia 15 de janeiro de 1830, acompanhados por meu hóspede, seu cunhado e o Sr. Bento, os quais, não cessando de nos procurar todos os agrados, quiseram dar-nos ainda um espetáculo interessante, fazendo desta jornada até o Salto das Pedras, cinco léguas, uma caçada de perdizes, em que o Sr. Clemente Alves era tão perito e hábil, que manejava a espingarda com ambas as mãos e nunca perdeu um só tiro. Havia por ali um cidadão muito honrado (era o Sr. Moreira), homem maduro, que roçava já nos seus 50; ele se prezava de saber a fundo as regras e preceitos da arte venatória, e podia bem ter exercido o nobilíssimo cargo de monteiro-mor em França, se vivera no tempo d'el-rei Pepino. Sabia, além disso, música vocal e instrumental; cantava a ladainha como um donato da Cartuxa; e tocava viola como Timóteo o Tebano, de quem dizem fazia o que queria de Alexandre Magno com os dois sons frígio e dórico de sua cítara encantadora e feiticeira. Este insigne caçador e músico, o Sr. Moreira nos fez, portanto, a honra de

sua companhia na caçada; mas nunca deu um só tiro, porque nunca as perdizes lhe voaram segundo as regras e preceitos da arte. Meu hóspede, que aliás não caçava com arte, mas que nem por isso deixava de matar sempre aquelas aves, não podia suportar o riso todas as vezes que olhava para a catadura do Sr. Moreira, e um tiro dado, uma perdiz morta, era sempre um princípio de contestação a respeito dos axiomas venatórios, disputando o Sr. Moreira com tanto fogo, vivacidade e ardor, que parecia um peripatético endemoninhado a argumentar sobre os universais e categorias de Aristóteles.

Com esta brincadeira levamos o dia todo e era já quase noite, quando chegamos ao Salto das Pedras. Meu hóspede tinha aqui um estabelecimento de mineração a cargo de seu cunhado o Sr. José Francisco e de seu sócio o Sr. Joaquim Pereira, ambos os quais nos fizeram a honra da hospedagem. A ceia foi lauta e divertida: brindamos muitas vezes aos preceitos e regras venatórias do Sr. Moreira, o qual entretanto não teria comido perdiz aquela noite, se meu hóspede não fora tão ignorante dessa ciência, que o Sr. Moreira tanto nos elogiava, e cujos preceitos nunca ele pôde executar com algum proveito seu e nosso. Na manhã seguinte eu fui examinar os diversos trabalhos de mineração. O arraial consta apenas de humildes casas de palha; fica no vale formado por uma alta montanha de rocha dura e escarpada; nas entranhas desta pedra é que está a mina das ametistas, descoberta e lavrada pela primeira vez no ano de 1812. As roxas são as melhores porque sua cor e polimento são naturais; e as amarelas, havendo sido cristais brancos em sua origem, contraem no fogo a cor deste alimento. Grande foi noutro tempo a exportação deste gênero para a França pelos portos da Bahia e Rio de Janeiro; seu comércio, porém, diminuiu muito depois que os diamantes se vulgarizaram na serra do Grão Mogol e se desprenderam daqueles imensos obstáculos, com que uma política néscia, absurda, despótica e cega arruinava famílias inteiras por uma simples denúncia dada na Intendência do Tejuco contra um homem que achava um grão de diamante, e queria tirar proveito dele. Meu hóspede e seus ilustres companheiros nos seguiram ainda meia légua além dos Saltos das Pedras; separamo-nos por fim, e eu trouxe comigo saudades imensas, que o tempo e os sucessos não têm podido apagar. Não foram os divertimentos e recreios

do Regapé que fizeram em minha alma tanta impressão: a amizade, a candura, os bons ofícios de sinceridade são dádivas mais preciosas, de que só pode fazer apreço um homem que ama a solidão e gosta de viver no retiro, entregue somente à meditação da natureza.

Nesse dia (16 de janeiro) andamos cinco léguas e fomos pousar já dentro dos limites da província de Minas Gerais, na bela fazenda chamada *Lagoa do Coelho*, pertencente ao Sr. *Gabriel*, clérigo secular, e rico lavrador, que noutro tempo exerceu as funções de pároco no arraial do Rio Pardo. Que boa laia de homem! Mostrou bastante complacência com a minha chegada porque (dizia ele) já falava com gente que sabia dar razão de seus ditos e das coisas do mundo. Tratou-me além disto com a maior franqueza possível, e não querendo reserva alguma, teve a bondade de me abrir sua despensa, cozinha e refeitório, deixando inteiramente ao meu arbítrio e escolha a matéria e forma do sacramento da ceia. Eu julguei celebrávamos a quinta-feira *in coena Domini*, que é dia de jejum; e por isso escolhi bacalhau com repolho, suspirando, havia tempo, por um prato de peixe salgado, do que sou assaz apaixonado. O Sr. Gabriel nos fez as honras da mesa, e não fiquei pouco surpreendido de encontrar naquelas alturas um vinho muito generoso, de que abunda sempre com providência a adega de casa. No dia seguinte, depois da missa que nosso hóspede celebrou no seu oratório, tivemos almoço de excelente vitela. O Sr. Gabriel é franco e grandioso nas suas hospedagens; e posto receba com agasalho a todos os passageiros indistintamente, não podemos contudo deixar de lhe agradecer os desvelos distintos com que nos obsequiou. Saímos da Lagoa do Coelho, e fazendo diariamente uma jornada de cinco léguas, conforme as distâncias dos pousos, entramos no arraial do Rio Pardo pelas 8 horas da noite de 21 de janeiro de 1830; dia fatal, que teve de ser origem de sucessos desastrosos em consequência do meu trânsito naquele registo, avezado de longos tempos a toda espécie de vexações, fraudes, violências e despotismo contra todos os viajantes, sendo coisa mui digna de pasmar que ali tenham passado muitos magistrados territoriais, e que nenhum deles tenha descoberto e extirpado os abusos criminosos que eu encontrei e fiz esforços para corrigir, a despeito dos meus interesses, reputação e sossego. Já no dia antecedente, na fazenda de S. Bartolomeu, nos tinham dito que a gente

do registo costumava prender todos os passageiros que entravam de noite, com receio de que não passassem o arraial sem terem pago os respectivos direitos, que devessem pagar de suas fazendas, ou escravos. Eu não podia crer semelhante fenômeno, que equivalia bem a uma eterna suspensão de garantias civis e constitucionais; entretanto, com a minha chegada, constando-me que só por mera graça e favor do comandante e administrador foi que se me consentiu dormir aquela noite no meu alojamento fora do quartel do registo, verifiquei o fato e soube, demais disso, que quatro dias antes tinha ali sido preso o Sr. Laje, rico negociante e lavrador daquele lugar, só pelo motivo de haver entrado de noite. Na manhã seguinte de 22 do mês fui visitado por todos os cidadãos mais respeitáveis do arraial, exceto o administrador do registo, Manuel Pereira Rodrigues de Araújo. Este homem veio de Portugal em companhia de seu pai, que era criado de João José Lopes Mendes Ribeiro, secretário, e depois presidente da província de Minas Gerais. Sem educação nem luzes algumas e com bastante altivez e orgulho, ele é tão insolente com todos quanto submisso e humilde com seus superiores. Mania esta de sevandijas adúladores, e déspotas ferozes; quando súditos, fazem-se vermes e reptis, mas, quando autoridades, não há quem os possa sofrer: vilões que foram, sempre mostram que o são. O comandante da tropa de primeira linha que garante o registo foi também cortejar-me, e falando-se a respeito dos impostos de escravos, pedi-lhe que me fizesse ver as leis, ordens e instruções que regulavam a exação daquele tributo, a fim de me esclarecer sobre as dívidas que tinha, pois não podia conhecer que houvesse lei ou ordem alguma da junta de fazenda que decretasse pagamento de direitos de escravos de serviços e uso do viajante, só porque entravam no território da província de Minas. Despediu-se o comandante, e daí a pouco remeteu-me com efeito um livro manuscrito e dentro dele alguns papéis avulsos: o livro e os papéis continham todas as ordens e provisões pelas quais se regulava a arrecadação dos impostos naquele registo. Qual foi, porém, minha admiração e surpresa, quando li, reli, e devorei quatro vezes o livro e os papéis sem jamais encontrar uma só ordem que mandasse cobrar direitos de escravos de uso, mas antes achei um requerimento da própria letra do administrador, no qual confessa à junta de fazenda

em 1822 que o arquivo do seu registo nunca teve ordem para cobrar tais direitos, mas que ele administrador sempre os exigiu e cobrou não obstante ser isso contra a prática do registo da Malhada, onde escravos ladinos e de uso nunca pagaram direitos!!

À vista de tão claros documentos, escrevi uma arenga jurídica para resolver a questão, deposei o dinheiro no juízo de paz, e queria entrar em tela judiciária: o administrador, porém, não esteve nunca pelos autos, fez um espalhafato, pôs a tropa em armas, ordenou ao juiz de paz que lhe mandasse a quantia depositada, e decidiu por fim todas as dúvidas, proferindo em última instância sua sentença de pólvora e bala, que eu me não dispus a embargar. O leitor curioso achará no fim desta obra o papel que escrevi a respeito da questão e que enviei ao administrador. Os excessos e abusos do registo do Rio Pardo eram tão graves que não posso dispensar-me de referir alguns. O rio Verde, que é estreito e pequeno, serve de limite às duas províncias da Bahia e Minas; alguns dos seus habitantes têm terras de uma e outra margem, pois que o rio é limite das províncias, e não marco das fazendas e campos. Ora, não há coisa mais natural do que estar sempre o gado e a gente a passar de um lado para outro. O registo apenas topa no território mineiro um escravo do Sr. Baiano, isto é, do senhor que mora na outra banda do rio, prende-o e assim o conserva, ou vende em hasta pública, enquanto seu dono não aparece a pagar por ele 7\$800 rs., se é crioulo, ou 12\$800 rs., se é africano; e isto, seja qual for o motivo que lá tenha levado o mesmo escravo, ou fosse passear, negociar, e ouvir missa, ou fosse buscar alguma rês que havia passado o rio. Fatos desta natureza são muitos, e mais de um morador do rio Verde tem pegado em armas para se defender de tão violentos salteadores. A Sra. D. Clara, proprietária da fazenda da Tábuia, na freguesia do Rio Pardo, foi certo dia de festa ouvir missa no arraial, levando consigo duas pequenas escravas que ali entravam pela primeira vez. O registo, portanto, obrigou-a a pagar 7\$800 rs. por cada uma, saindo-lhe bem caro o cumprimento de um dever tão religioso e santo, qual é, com efeito, de ouvir missa em um dia solene consagrado ao culto da Divindade.

O arraial do Rio Pardo é bom em tudo, exceto no registo, e se não fora este cofre de Pandora, o arraial estava hoje feito uma grande e opulenta

cidade. Os tropeiros e negociantes baianos têm fugido daquela estrada para se não exporem a precipitarem-se com semelhante gente, que não tem rei nem roque, e que, à força das armas, cometem sempre os mais enormes desatinos, posto que nem o comandante, nem os soldados tenham alguma culpa nisso, porquanto só obedecem e só fazem o que lhes manda o administrador. E o mais galante é render o registo por ano 7, e gastar 900 mil réis!!!

O Sr. *José Cândido de Sousa*, que é um dos mais ricos negociantes daquela povoação, foi quem me fez a honra da hospedagem e me obsequiou grandemente. Devi também muitas atenções ao juiz de paz o Sr. Zeferino, e ao vigário-coadjutor, o Sr. Donato, sendo todos estes três senhores os que mais pugnaram em defesa da minha causa na terrível questão que tive com o administrador. Não posso todavia ocultar que o Sr. *Júlio de Melo*, anspeçada e segundo comandante da guarnição, moço de honra e bem-educado, portou-se admiravelmente naquele conflito, concorrendo muito para o restabelecimento da tranquilidade pública, e mostrando sempre vivo sentimento de ser militar em uma ocasião em que via dominar o direito da espada contra os mais claros ditames da razão, e da natureza.

Quem suspirava mais por ver de pernas ao ar o registo era o meu velho vizinho o Sr. *Leandro Machado*, proprietário abastado, e famoso picador, que me aturdia os ouvidos manhãs inteiras, referindo-me a dolorosa sensação da morte de um cavalo seu que adestrava segundo as regras equestres do sábio *Rego* para merecer a dignidade de cônsul, quando o dedicasse ao imperador do Brasil, o qual então se achava na Bahia. Aquele cidadão pardense tinha sofrido vários vexames no seu comércio da parte do administrador, e vendo, além disto, que era um grave obstáculo para a prosperidade e fortuna de seu país, levantava seus pequenos olhos aos céus, e prometia uma missa rezada a Nossa Senhora se o governo brasileiro abolisse o registo do Rio Pardo. Estivemos 11 dias neste arraial esperando se aprontasse a tropa do mestre *João*, insigne ferreiro e homem honrado, ativo e laborioso, com o qual me ajustei para me conduzir até o arraial de Tejuco, supondo encontrar aí nova tropa que alugasse. No dia 2 de fevereiro saímos acompanhados pelo Sr. José Cândido, e fomos pernoitar à fazenda do *Barreiros*, propriedade do Sr.

Padre Bento, que nos recebeu e agasalhou com extrema afabilidade. Ele foi fundador da igreja do Rio Pardo, e achando-se ao depois em avançada idade, recolheu-se à sua terra, onde vive retirado e feliz no seio de uma numerosa e boa família, aplicado a plantar e colher seus legumes, e a dizer missa nos domingos e dias-santos na sua pequena, mas bonita e asseada capela. Aí nos separamos do Sr. Cândido com bastante pesar e mágoa; e prosseguimos nossa viagem no dia seguinte (3 de fevereiro), caminhando cinco léguas até a fazenda denominada Pilões. Que homem extraordinário o dono desta fazenda. A candura e inocência reinavam no seu todo, desejava, por assim dizer, que entrássemos no seu coração, aplaudia com prazer nossos mais frívolos gestos, e consultava a miúdo com sua mulher amada que devia fazer para nos contentar. Um franginho assado para nossa ceia, eu lho aceitei como uma dádiva celeste, vindo de uma alma cheia de virtudes, pura, sem sombra alguma de hipocrisia. Tenho bastante pesar de haver perdido seu nome, mas conservo em minha lembrança perpétua suas ações de heroísmo, e não deixarei nunca de o canonizar em meus processos, posto que não seja sumo sacerdote, que possa abrir e fechar o reino dos Céus a quem queira. Aquele Abraão brasileiro tem 73 anos de idade; é casado pela terceira vez; continua ainda a propagar sua espécie; e conta vivos 120 descendentes, filhos e netos, a maior parte casados e aplicados à cultura desta terra fecunda em prodígios da natureza. Eu fiquei assombrado com tanta geração; e tive sempre na ideia os serviços extraordinários deste pai admirável, quando lancei no meu Projeto do Código das Recompensas os diversos artigos relativos aos meninos do matrimônio e população. Que os meus votos se completem, e os governos animem a lei prima do Universo, a lei mais santa, a mais útil, a reprodução dos seres.

CAPÍTULO XIII

O AUTOR CHEGA AO ARRAIAL DA
ITACAMBIRA, E COMPRA A LAVRA DA
CHAPADA. DESCRIÇÃO DESTE CASAL,
E DE SEU GABINETE FILOSÓFICO.

O RIO DAS MUCAÚBAS, E O DA
JEQUITINHONHA. O DOUTOR JOÃO
FERNANDES. O TEJUCO E A JUNTA.
O REDATOR DO *ECO*. O COMÉRCIO
DOS DIAMANTES.

Saímos do casal de Pilões buscando o arraial da Itacambira a 30 léguas, que caminhamos em 15 dias, tendo algumas falhas a viagem nas diversas fazendas de S. Jerônimo, Lagoa da Garça, Cristais e Moinho. Nesta última, encontramos o Sr. Simão Caetano, guarda-mor de Lavras, que se propôs a hospedar-me. Ele nos alojou na herdade da Sra. *Feliciano*, boa mulher, viúva honesta, e muito agradável, ambos de mãos dadas nos procuraram todos os cômodos, de maneira que ficamos muito bem agasalhados. Meu hóspede me havia inspirado ardentes desejos de comprar alguma das lavras que naquele distrito estavam abandonadas por ausência de seus donos. Deliberei-me, portanto, estabelecer meu quartel no arraial, a fim de poder tratar melhor deste negócio. Deixamos o lugar do Moinho no dia 19 de fevereiro, e seguíamos para Itacambira, quando encaramos um espetáculo horroroso: era a cabeça de um cruel assassino, que expiara com o último suplício três mortes feitas em um momento, numa só casa, numa só família da minha pobre e inocente hóspede, a Sra. *Feliciano*.

Aquele tigre ou demônio súcubo (não tenho pena de haver perdido seu nome) quis forçar uma jovem a satisfazer sua impudente lascívia; a donzela resiste, ele a mata: grita de susto uma prima dela, o bárbaro a mata igualmente, acode a mãe da primeira, comete ainda terceira morte. Parecia estar possesso de uma legião de diabos, que lhe tiraram todo o sentimento e remorsos, quando perpetrrou tantas crueldades a sangue-frio, e a rir-se. Foi preso com facilidade, e sendo conduzido à capital da província, aí sofreu a pena de Talião, posto que uma só vez morresse, tendo feito aliás perder três vidas: seria melhor que ainda hoje vivesse trabalhando para pagar os danos que causou seu crime. Passamos admiravelmente no arraial da Itacambira, alojados no aposento que nos preparou com antecedência o Sr. Simão Caetano. Os habitantes nos fizeram excelente companhia, distinguindo-se entre eles o Sr. Vigário Eusébio, o Sr. Prates com toda a sua ilustre gente, que se desvelaram para conosco em obsequiosas e repetidas atenções. O arraial já não é pequeno, e bem podia ser uma vila independente da jurisdição de Minas Novas: é uma povoação agradável, vistosamente situada em um vasto plano coberto, de um lado, por serras altas de mimosa verdura para criação de gados; e seus contornos encerram minas abundantes e ricas de ouro e diamantes, e de toda a espécie de minerais preciosos. Três léguas ao sul deste arraial está a lavra da *Chapada*, formosa por seu ouro de bom toque, senão o melhor, pelo menos igual ao mais belo ouro de toda a província de Minas. Ela foi aberta e fundada pelo célebre *Landim*, administrador da Extração Diamantina do Tejuco; por sua morte foi à praça, e havendo passado a diversos possuidores, já por compra, já por herança, fazia parte do patrimônio do Sr. Vercelense, quando eu fui vê-la, conduzido pela fama que corria dela. Achei o sítio sumamente delicioso; um rio bojudo rega-lhe o terreno, atrás das montanhas o pó louro e a pedra refulgente espalhada por toda parte do seu leito precioso, e vai despejar com ímpeto no rio das Mucaúbas, cujos diamantes são melhores sem dúvida do que os de Jequitinhonha. Estas águas auríferas e diamantinas fertilizam seus campos, onde vegetam plantas utilíssimas, que nutrem e engordam a ovelha, a cabra, o porco, a vitela. E a casa rústica, antiga mas bem construída, promete um asilo seguro e tranquilo à sombra de um bosque, que lhe forma o pomar, e arvoredo de toda a espécie: a lima, o limão, o jambo e a laranja.

Tudo atraíu meus sentidos, tudo me encantou; e o momento de chegar, e ver, foi também o momento de me fazer senhor da lavra da Chapada. Ajustei, paguei, e tomei posse dela, demorando-me alguns dias, que passei mais livre e desafogado, porque enfim já comia, andava, e dormia em uma casa minha, depois de haver estado sempre em casas alheias, desde que comecei a viajar por terra. Minha mulher não sentiu menos prazer com a bela aquisição que acabávamos de fazer, agourando-se um retiro delicioso e agradável com os inocentes recreios de achar um pequeno diamante de quatro oitavas, uma folheta de ouro de vinte arrobas, e outras bagatelas deste gênero. Despojando-me de alguns escravos dos que me acompanhavam em benefício do meu novo casal, entreguei a administração dele ao Sr. Simão Caetano, de cuja probidade e honra eu fazia tanta confiança, como Alexandre Magno do seu médico, não obstante a intriga que lhe armaram, de ser falso e traidor a seu amo na propinação de veneno. Ficou ajustado entre nós que, chegando eu ao Rio de Janeiro, ordenaria meios suficientes para se instituir na Chapada um vantajoso estabelecimento de mineração, ou fazendo remessa dos escravos necessários, ou voltando eu mesmo a presidir aqueles trabalhos tão úteis quanto agradáveis; trabalhos que preenchem admiravelmente os desejos do ilustre amigo de Augusto e Mecenas na confissão do mais bem acabado sistema de vida, pois topa certamente com o belo prefeito da natureza aquele homem que, ao seu campo aurífero, adamantino, e criador, reunindo um pouco de inteligência e discrição, tem a fortuna de ver no seu gabinete, a par das bateadas de ouro e papelinhos de pedrinhas, papel e tinta para escrever, e os bom gênios de filosofia, Horácio, Newton, Buffon, Filangieri, Moisés, Davi, Paolo de Sarpi, Raynal, Aristóteles, Tácito e muitos outros desta categoria, com quem se instrua e aprenda a olhar para as coisas deste mundo, como elas são na realidade, tendo sobretudo, ao canto mais próximo da cabeceira da cama, a pachorenta alma de Demócrito, que o esteja balouçando a miúdo para dar suas gargalhadas de riso, especialmente quando vê povos e governos lutando mutuamente e sem cessarem nunca: estes porque têm o dedo mínimo mais grosso do que o lombo do seu pai antecessor, como o tolo do Roboão; aqueles porque nada têm a herança de Davi, nem com o direito de propriedade eterna dos seus governantes,

como os iforaclistas. A alma gaiata e cassoante daquele filósofo colocava-se então entre uns e outros, e voltando-se aos primeiros lhes diz: *Muitos pedaços de asnos sois vós, que contra vós o povo se levantou; andai pois a plantar batatas e deixar o lugar que não sabeis ocupar*. Depois se volta aos segundos: *É bem feito, toleirões – sede mais discretos para outra vez, quando quiserdes entregar vossos destinos a alguém. Falar muito não é saber coisa alguma, não falar nada é ser desmarcadamente estúpido. Quem fala pouco é sempre acertado e sempre em favor do interesse alheio; é esse o sábio da natureza amável, a quem só deveis obedecer e honrar*. Eis o quadro fiel do retiro filosófico que me prescrevi nos arranjos do meu novo casal, que passei a denominar Conceição da Chapada, para o submeter à imediata e eficaz proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus, de quem fui sempre muito devoto desde a mais tenra infância. *Sancta Virgo Virginum, ora pro nobis. Mater Conceptionis Chapatae, ora pro me, ut dignus efficiar, quidomum meam est pote magnam et per magnam, auro adamantequem videam semper plenam hodie, heri, crastinaque die, per omnia saecula saeculorum. Amen*. Recomendei muito ao meu administrador e amigo, o Sr. Simão Caetano, que não se descuidasse de encaixar este versículo na ladainha, visto ser ele tão devoto, e não passar noite sem rezar o seu rosário; e saí finalmente da Conceição da Chapada no dia 4 de março de 1830, voltando de contínuo meus olhos lânguidos para aqueles saudosos penates, eu que era o senhor, e que só com a minha presença podia fazer vicejar as flores e reviver as plantas, bafejando meu ser sobre montões de ruínas, que mão estranha faz sempre nas coisas alheias, segundo a verdade deste provérbio: *Fazenda e mulher, na mão de seu dono*. Andamos aquele dia três léguas, e fomos pernoitar na fazenda chamada Ilha, cujo proprietário o Sr. Veloso nos recebeu e agasalhou de um modo satisfatório, sem deixar nada a desejar: é um moço bastante prestável e obsequiador, e membro de uma das famílias antigas e ilustres da Itacambira. Sua fazenda estava além das Mucaúbas; nós atravessamos este rio em lugar que dava vau, posto que a água tocou sempre na *barriga* dos cavalos. O rio das Mucaúbas é também adamantino, e a administração nacional do Tejuco ali teve noutros tempos um serviço de diamantes: não dando, porém, grandes vantagens, foi abandonado e entregue aos cuidados de quem quisesse ter o enfadonho trabalho de procurar aquelas pedrinhas,

cuja utilidade é, sem contestação alguma, menor do que a de um lajedo ou pedra de cantaria, que serve para fazer casas e cômodas habitações em benefício e proveito do seu possuidor, enquanto que o diamante serve só para luzir aos olhos de quem o enxerga, e não dá por conseguinte utilidade a quem é cego. O nome deste rio vem da excelente palmeira que na província de Minas chamam *mucaúba*, no Pará *mucaíá*, e no Rio de Janeiro *coco-de-catarro*. Nesta última província comem apenas a massa amarela e viscosa, que cobre o caroço, na do Pará, além disto, fazem uma bebida da mesma massa, e na de Minas extraem dela azeite, de que fazem uso bastante; saindo da fazenda do Sr. Veloso, pousamos na do *Farias*, duas léguas; e no dia 7 de março, havendo caminhado outro tanto, atravessamos pela primeira vez o famoso e célebre rio de *Jiquitinhonha* (que é o viveiro perpétuo e fecundo manancial de bem polidos diamantes) na passagem de Santa Ana, onde achamos uma pequena canoa, que serviu ao transporte da bagagem e da gente, posto que a moderada corrente não dificultasse o trânsito, que venceram sem o menor trabalho dois escravos nadadores aos quais encarreguei a condução dos animais para outra banda. Eu me refresquei deliciosamente no banho e quis atravessar o rio a nado; os espantos, porém, do meu prudente e atencioso arrieiro o Sr. Mestre João Simões exigindo a mais voluntária condescendência, se bem que eram irmãos germanos do assombro que lhe causou nadarem meus escravos, vesti-me e passei embarcado. Chegando da outra banda estabelecemos aí nosso quartel debaixo de sombrios e copados arvoredos, onde passamos dois dias muito regalados com os saborosos bagres, anojas e traíras, de cuja pesca muito gostava o meu almocreve, que não deixava passar um palmo de água sem deitar o seu anzol, por mais que fosse um charco de rãs e sapos. No dia 9 fizemos uma jornada de quatro léguas, e armamos nossa barraca no bosque imediato ao terreiro da fazenda denominada *Pé do Morro*, onde não quisemos pousar, fugindo ao incômodo das etiquetas, e da bulha de muita gente que ali havia. Este grande casal é um morgado anfíbio instituído pelo nunca assaz louvado *João Fernandes de Oliveira*, primeiro contratador de diamantes do Tejuco, que era certamente o herói do *Palito Métrico*, nem tinha vindo do monte a Coimbra por acaso, pois soube ajuntar riqueza tanta que deixou no Brasil um extenso pa-

trimônio, ao mesmo tempo que em Portugal fundou a casa riquíssima Oliveira. Eu vi entretanto um autógrafo deste doutor (único papel talvez que escreveu em todos os dias da sua vida): era a doação privada que fez às suas sexagenárias filhas; eu tive toda a indulgência com a sua ilustre memória e ricas cinzas, perdando-lhe a crassa ignorância literária, em compensação de sua vasta ciência de economia doméstica em que foi eminente, e trinta vezes mais sábio do que Smith, Malthus e Say. Deus nunca pôde aliar grande saber com grande riqueza; Salomão, o rei sábio, fez exceção desta regra; o doutor João Fernandes de Oliveira parece, por consequência (já me retrato), haver sido o Jam Fernandes cantado pelo insigne vate do Palito, de quem era coevo e contemporâneo provavelmente sem coisa alguma que interesse às nossas observações. Prosseguimos dez léguas, e chegamos no dia 12 de março ao *Medanha*, que todavia se tem tornado célebre por uma outra passagem do rio Jequitinhonha, que aí se atravessa por uma grande e sofrível porta de madeira. Nós fomos pousar um quarto de légua além do rio, debaixo de umas frondosas quixabeiras, e junto a um ribeiro aprazível, onde nos banhamos eu e minha mulher em um profundo e claro tanque de pedra talhado pelas mãos da sábia e providente natureza. Neste sítio ameno e delicioso passamos aquele e o dia seguinte: enviei um próprio a solicitar do Sr. *Justino Machado* aposentadoria no Tejuco, que distava ainda três léguas, e com a volta do correio partimos para este arraial famigerado, onde entramos pelas 7 horas da noite, e nos recolhemos à bela instância que nos preparara nosso bom hóspede sem perda alguma de tempo, não obstante as aflições e penas que sentia naquela ocasião por causa de um desastre acontecido a sua menina de tenra idade, a qual, das mãos da aia, se precipitara casualmente da janela do sobrado sobre as pedras da rua. Este funesto acidente, que devia retalhar o coração de um pai tão amoroso e terno, qual é sem dúvida o Sr. Justino, não lhe embarçou todavia o exercício de uma das suas mais nobres faculdades, a energia, que é nele um princípio, fazendo de outras muitas virtudes, entre as quais brilha sobremaneira a beneficência e a prestabilidade com que sabe atrair a mais firme e decidida amizade de todos aqueles que têm a fortuna e a glória de o tratar, ainda nas coisas mais pequenas. Sua linda e amável esposa, a Sra. D. Maria Cândida, não cessou de obrigar minha

mulher com seus afagos encantadores; e ambos ficamos devendo muito as honras multiplicadas com que nos obsequiaram estes senhores todo o tempo que estivemos em Tejuco.

O Tejuco é muito mais populoso e grande do que muitas povoações condecoradas com o título e prerrogativas de cidade. A riqueza dos seus habitantes transluz na grandeza e elegância de seus edifícios; a agricultura e o comércio aí prosperam cada dia. A plantação da araruta e o negócio dos diamantes lhe têm trazido um aumento rápido, o qual data aliás do governo tolerante do Sr. *Câmara*, cuja bondade e natural filosofia moderava o rigoroso despotismo e torpe necessidade do regimento da Intendência, que até agora não tem visto a luz pública; e que bom é ser para sempre mergulhado nas águas do Letes, a fim de não vir ele macular os prelos da tipografia.

A instrução é um dos artigos que mais tem avançado neste arraial, por toda a parte se assinam periódicos, por toda a parte se gosta de ler. Publica-se ali uma folha instrutiva e liberal intitulada *Eco do Serro*. Seu redator ilustre é um moço brasileiro de uma habilidade e talento raro: a um tempo erudito e mecânico, ele mesmo fundiu os caracteres, e fez a máquina e se constituiu escritor, redigindo um jornal impresso em uma oficina, onde tudo é seu, nada alheio; tudo gênio brasileiro, nada do governo português. E não é isto uma prova que o Brasil bem podia vir a ser um grande povo, se mãos hábeis conduzissem o espírito nacional?... Em Ouro Preto aparece igual fenômeno na pessoa do Sr. *Batista*; no Pará fez outro tanto o Sr. *Madureira*, inventor também do navio de relójo no Rio de Janeiro. Mas qual o modo por que o governo tem sabido a vigorar na terra estes ânimos celestes?... Grande Deus! Tudo é imbecilidade, tudo insipiência nos governantes, *et non est qui faciat bonum, non est usque ad unum*. Os ilustres empregados da Junta da Extração me fizeram também as honras distintas, assim como os mais grados cidadãos daquela terra em geral. Havia chegado quase ao mesmo tempo o intendente o Sr. José Cesário de Miranda, meu condiscípulo em Coimbra, o qual, à frente de seus honrados subalternos e companheiros, prodigalizou comigo as deferências próprias do seu caráter. Todos eles, em uma palavra, tiveram comigo tanta condescendência, que até me abriram as portas de suas sessões e me permitiram assistir a uma delas, em que se fazia a

divertida operação de pesar os diamantes, que tinham de ser enviados para o tesouro, capital da nação. Lá vi eu a tarifa dos preços dos diamantes; que se facultaram na serra de Santo Antônio a todo o mundo, com a condição de os ir vender à junta do Tejuco. Há porém nisto um jogo de empurra, que não sei entender bem. Chega um pedrista como seu diamante: vai oferecê-lo à junta para o comprar; responde-se-lhe que não há dinheiro, e assim é; ei-lo metido entre a cruz e a caldeirinha, porquanto, se o vende aos negociantes, comete o crime de contrabando, e se o leva à administração pública, esta não lho paga, porque não pode. Que fazer, pois? Guardá-lo na algibeira para brinquedo de suas crianças. Não há coisa mais galante do que tal maneira de governo! Parece que o governo tem sempre caçoado com isto de diamantes; e para prova do que assevero, vede o que aconteceu aos tristes empregados do Tejuco. Eles eram obrigados a receberem seus ordenados na corte do Rio de Janeiro, cujo papel-moeda não corre naquele arraial; temos já os empregados perdendo o troco no câmbio, além da comissão de seu procurador, e despesas imensas da condução do cobre. Instava o procurador zeloso por fazer a cobrança, e no tesouro se lhe respondia sempre não haver dinheiro. Repetiu as instâncias, pagou-se-lhe enfim, quando estava já sepultado o decreto que proibia a exportação do cobre; mas, feito o pagamento hoje, amanhã ressuscita o decreto com todo o vigor de sua mocidade, e os empregados do Tejuco a roerem as unhas, porque o governo era maricas ou fazia-se tolo. Felizmente, porém, vai o povo abrindo os olhos, e a lei dos contrabandos caindo em tal desuso, que o costume contrário parece a tem já derogado. Não há quase um só homem que tema comerciar em diamantes; eles se procuram, e acham, e guardam por toda a parte; e por toda a parte se compram e se vendem com a maior publicidade. Nacionais e estrangeiros, todos lhe acodem sem timidez e com ânsia. E, ou seja fraqueza ou tolerância do governo, o certo é que ele não pode mais suspender a franqueza de tal comércio. E causa em verdade bastante admiração que ainda hoje subsista a lei do monopólio, lei triste e odiosa, parto de estupidez muito mais que de maldade.

CAPÍTULO XIV

VILA DO PRÍNCIPE. UM RÁBULA SUJO
DE SEMPITERNA JAQUETA. ERRADA
NOTÁVEL DE CAMINHO. FORMA
CÍNICA DE BEBER ÁGUA. O ARRIEIRO
FAZENDO TUTU A UMA CRIANÇA PARA
TOPAR COM O SEU AMO PERDIDO.
O FADO TOCANDO MATRACA EM
QUARTA-FEIRA DE TREVAS.

Em 25 de março partimos do Tejuco; e havendo passado pelas estâncias de Borbas e José Pereira, nas quais pousamos os dois primeiros dias, ao terceiro entramos na Vila do Príncipe, onde estivemos algum tempo hospedados pelo Sr. *Santos*, mui digno membro da câmara municipal, de quem recebemos infinitos obséquios e favores. Este brasileiro faz honra à sua pátria em sentimentos filantrópicos; ele ama a liberdade sem hipocrisia. Alguns outros cidadãos me obsequiaram também com os seus cumprimentos; o Sr. *Carneiro*, rico negociante daquela vila, e seu fiel amigo o Sr. Antônio José Vicente da Fonseca, ouvidor da comarca. Aqui se verificaram na minha pessoa as insinuações que a um outro fazia o doutor Máximo: *Qui Athenis magister est, exeat et discat*. E tive ainda de tomar novas lições de direito, depois de haver sido um pequeno ulpiano da minha aldeia. Eis o caso: eu tinha comprado a tropa ao meu almocreve, com a condição de me acompanhar até ao Rio de Janeiro, onde deveria receber o pagamento não só de suas cavalgadas, mas também do seu trabalho da jornada. Este ajuste feito, consignou-se a escrita por letra própria de um parente seu, clérigo do Tejuco, e que era homem de alguma instrução e de bastante honra e probidade. Eu não

fiz mais do que assinar o papel e acrescentar ainda um breve artigo em favor e benefício do mestre João Simões. Tudo porém estava reduzido a muito poucas palavras: eram quatro linhas curtas, escritas em um quarto de papel ordinário. Disto entretanto é que me veio mal; e já me não causa espanto ser a falta de um tiro de canhão motivo justo para que Pedro da Rússia declarasse guerra à Suécia, pois eu também na Vila do Príncipe tive de sofrer algum fogo, porque celebrando um contrato com o meu almocreve não fui exato em o fazer *em forma* com todos os efes e erres, pontos e vírgulas, em quatro folhas de papel velino, edição nova, estereotipo de Didot. Chegados que fomos àquela vila, topou o mestre João Simões um rábula sujo, de sempiterna jaqueta, doutor estercado das cavalariações de Justiniano; e isto a tempo que um e outro iam refrescar as goelas no venerando alcaçar do Supremo Númen que esquentava o estro ao autor das *Tristes* e das *Metamorfoses*. E como, em regra, cada um fala na sua demanda, mormente estando ao pé de letrado e de procurador de causas, a conversa rolou naturalmente sobre o contrato, cujo instrumento andando sempre na algibeira, como Santo Lenho no pescoço, foi mostrado *in continenti* ao sandeu escória de Vanguerve, e Manuel Mendes. Um rápido golpe de vista, nada mais lhe foi preciso. “Isto não presta”, diz o doutor muito fresco. “Olhe, aqui falta um *diz*, ali um *dou fé*; nesta linha um *ponto*, naquela uma *vírgula*. Não vejo o *saibam quantos este instrumento virem*; e sobretudo falta o *ano do nascimento*, e por isso está tudo ilegal, escrito, nulo, e de nenhum efeito.” – Que fazer pois? – Ora, essa é boa? Dê-me você três partes, que eu lhe arranjo obra fina e primorosa. – Pronto: ei-las. – Como gato a bofes, lança-se o bom do rábula a escrever no balcão; e entre os copos, que lhe exalavam o gênio, acabou uma longa e horrenda tirada de eloquência, digna de ser gravada em letras de excremento nas eternas paredes do mosteiro d’Alcobaça, que foi de frades bernardos, os mais sábios oráculos da famosa ciência dos disparates. A obra lida, aplaudida, brindada, e aperfeiçoada; cliente e patrono, ambos seguem a minha residência. Bate palmas o mestre João, entra, e diz que um senhor me procura; pergunto-lhe quem é e o que me quer, responde balbuciando e tremendo que é um doutor que havia feito outro papel dos nossos ajustes, visto que o primeiro não estava bem feito. Pego então no papel, e ob-

servando com a leitura dele a arrojada estupidez de seu velhaco e tratante autor, que conheci, logo o fizera só para roubar dinheiro ao pobre do meu almocreve; fui onde estava o tal doutor e lhe descosi as orelhas fortemente. Em remate, perguntando-lhe eu se queria que lhe mandasse escovar a jaqueta, a qual tanto precisava de limpeza; eis o sujo praxista, mudo mas não quedo, fazendo mais que depressa meia-volta à esquerda, e pondo-se no andar da rua, qual outro porco miserável, que engolira as fumaças de ser mestre de Minerva, servindo de origem ao provérbio: *Sus Minervam*. No dia 6 de abril, saí da Vila do Príncipe, dando a todos os diabos o praxista e o foro, a rabulice, a crassa ignorância de direito, a chicana, a arte de furtar e de enganar aos tolos demandistas, e fui dar ao meu espírito atribulado o refrigério e sossego preciso na herdade de D. Rosa, a três léguas. Aquela senhora nos recebeu com todo o agrado e fez quanto estava ao seu alcance para que aí tivéssemos todas as comodidades de uma hospedagem boa, vendendo-nos, por conseguinte, um leitão que foi apanhado com a maior algazarra de meus escravos (de tudo faziam festa), e depois assado, e afinal comido com a mais completa satisfação. Relato estas miudezas para fazer ver ao leitor que já então me não importava a mim o foro, nem a canalha dos praxistas, que só sabem o direito de Vanguerve, Manuel Mendes, Ferreira, Paiva, Lobão, Fernandes, Tomás, Pereira e Sousa, e *Ordenações Lusitanas*: o que tudo junto e socado não vale um só pensamento filosófico do mestre André, que era poeta e barbeiro de Voltaire. No dia seguinte, 7 de abril, passando pelo arraial da Tapinhocanga, eu, minha mulher e um pajem erramos o caminho e nos separamos do resto da tropa, que vinha muito longe de nós. Tínhamos andado já uma légua, quando encontramos uma choupana com gente, e pouco mais adiante um prado vistoso, no qual corria um cristalino ribeiro por entre arvoredos sombrios e copados: fizemos alto e nos apeamos, para esperarmos a tropa, que eu julgava teria de passar naquele lugar. Já eram passadas duas horas depois da nossa chegada; a fome apertava-nos, à porta do casal havia uma rês morta que se preparava; e cheguei-me ao caseiro para conversar e pedir-lhe informações do caminho. Então conheci o engano em que estava; e vendo que só poderia chegar muito tarde ao rancho destinado, roguei-lhe me vendesse uma pouca de carne

e farinha; mas ele, dizendo-me que a carne não era para vender, fez-me oferta gratuita dum pedaço acompanhado de alguma farinha de milho. Eu nunca tinha comido desta farinha, que, aliás, na província de Minas é a mais usada, com especialidade na mesa dos escravos; era, portanto, a primeira vez e foi também a última que a levei ao estômago, e com tanto gosto quanto tinha de apetite comedor. Não havia o licor que fez dar cabeçadas ao Baco; estava, porém, ali o néctar dos outros deuses, que a grande mãe natureza unge sempre de seus formosos e abundantes úberes em favor da existência de todos os entes da Terra. Avancei-me ao riacho, e bebi à moda de Diógenes, mão no rio, pedradas d'água na boca. Comida feita, companhia desfeita, montamos a cavalo e, despedindo-nos do nosso caridoso benfeitor, seguimos pelo mesmo caminho, porque, segundo a informação dada, ia juntar-se com a estrada principal no rancho de *Samambaia*, que era justamente o pouso marcado para minha tropa. Chegamos com efeito a este lugar e a tempo que o dia acabava; já eu me supunha estirado na cama a repousar das fadigas que suportara naquela péssima jornada, quando uns soldados que estavam a montar a cavalo me disseram que a caravana tinha passado para o sítio chamado *Padre Bento*, que ainda distava duas léguas, e para onde eles iam também. Aproveitei sua companhia, e fui guardado por estes valentes pretorianos até o suspirado rancho, ao qual chegamos pelas 10 horas da noite, achando nossa gente aflita, porque julgava que teríamos sido devorados por alguma fera. Eu tinha mais vontade de dormir do que de ralar: entretanto, quis saber do mestre João Simões que razão teve para não ficar em *Samambaia*. Respondeu-me que um menino daquele sítio lhe afirmara ter visto passar adiante um branco, um preto, e uma mulher vestida de encarnado. Estes sinais foram decisivos e friantes para o meu almocreve, o qual ainda não sabia que uma criança é um animalejo tão falto de fé que seu testemunho não faz prova em juízo. E a coisa tinha sido que o arrieiro, atônito e zangado por não me encontrar, perguntara a um menino se tinha visto passar um branco, e um preto, e uma mulher vestida de encarnado; e perguntava isto berrendo muito, e os olhos bem abertos, como quem fazia cara de tutu para desmamar crianças. O menino, que era ainda muito pequeno e mal sabia falar, vendo tanta gente e cavalos, e de mais a mais um homem a

berrar para ele com os olhos esbugalhados, ficou assustadíssimo a tremer, e a tudo foi dizendo sim, com a cara e corpo de esquelha, armando a carreira, como é costume de todas as crianças, quando querem fugir da presença de um objeto que os intimida. E o arrieiro estava tão preocupado que nem lhe ocorreu procurar naquela casa outra pessoa de quem se informasse a tal respeito. Já tinha de acontecer tudo isto, e eu devia passar por tantas aventuras, porque enfim era dia aziago, quarta-feira de Trevas, e o fado andava comigo à matraca.

CAPÍTULO XV

CASAS DE ENCOMENDA.

OS NATURALISTAS CAÇANDO

TODOS OS DIAS. SERRA DO CARAÇA.

O CORPO DE S. PIO. O IRMÃO

LOURENÇO. ESTALAGEM DAS

CABEÇAS. O PAJEM DO SR. MANUEL

O INFELIZ. DIRCEU E SUA AMADA.

MARÍLIA DE APRINTO (PATRONI).

Deixamos no dia 8 de abril o pouso do Padre Bento sem mágoa alguma, posto que muito nos houvesse custado alcançá-lo, contra a regra, aliás, de se amar sempre mais aquilo que é mais difícil de conseguir-se. Atravessamos o arraial da Conceição à hora que o povo se ajuntava para a festa das Endoenças, que eu já tinha celebrado com antecipação na Lagoa do Coelho com o Sr. Padre Gabriel, como referi no Cap. XII. Ficamos esse dia no Sumidouro, e no seguinte fizemos três léguas até o José Pedro, onde pousamos com o desígnio de celebrar aí a Paixão e Aleluia; porque a gente da casa, pai, mãe, e filha, todos três serviam a propósito, como se fossem de encomenda. O velho José Pedro, dono do casal, tinha a mesma cara de José de Arimateia, e sua octagenária mulher, carcomida bastante, e sempre chorosa, era (escrita e escarrada) a Maria Jacó, uma das carpideiras que assistiram ao enterro do Nosso Divino Salvador. Estes dois já bastavam para a solenidade da Paixão em Sexta-Feira Maior. Quanto, porém, à filha, que assim mesmo era moça, não obstante rastejar pelos 40 anos: essa só servia para Sábado de Aleluia. Tinha cara de Judas, e nos modos parecia pertencer à raça cigana, que é sem dúvida originária dos limites de Canaã, e por isso mesclada

com a gente que tem rabo, como contam por aí. Ela estava sempre a brigar com sua pobre mãe: o que nos magoou bastante, todo o tempo que ali estivemos, porque não podíamos ser indiferentes e insensíveis aos repetidos insultos que sofria a mísera velha da parte de quem era antes obrigada a tratá-la com ternura, carinho e respeito.

Lancei mudos anátemas sobre uma filha tão insubordinada e ingrata; e se eu fora bispo de quatro séculos atrás, aquela endiabrada moçona sentiria os terríveis efeitos da minha cólera sagrada, ficando toda negra como um negro carvão, o que noutros tempos era sinal evidente de haver sido excomungada. Neste pouso fiz uma observação célebre. Os naturalistas alemães, empregados na fábrica de ferro do morro de Gaspar Soares, passaram todos os dias da semana a divertir-se na caça, porque não tinham que fazer na fábrica, a qual estava parada: não trabalhavam, e os soldos correndo entretanto, fazendo-se anualmente uma despesa de dois contos de réis. Que se não murmure dos sábios estrangeiros, não. Eu ouvi um doutor Carlos, ele mesmo lastimar-se da ociosidade em que estava por nímia insipiência e desídia do governo, o qual não aproveitava seu saber e energia para alguma outra coisa, quando mais nada, abrir e reger uma cadeira de ciências naturais ali mesmo ou na Vila do Príncipe, onde haveria bastante gente ansiosa da instrução filosófica. O doutor *Carlos* é um grande mineralogista, e podia ter prestado ao Brasil muitos serviços em descobertas utilíssimas, se porventura o governo soubesse tirar proveito dele. O domingo de Páscoa, 11 de abril, passamos em Ponte Alta; e daqui por diante nada mais houve de notável até o arraial de Catas Altas, onde chegamos em 18 do mês: e deixando aí a tropa com ordem de marchar para Ouro Preto pela cidade de Mariana, fui à serra do Caraça acompanhado somente de um pajem e de uma pequena escrava para servir a minha mulher, a quem eu queria fazer ver aquela tão célebre e famosa habitação da virtude e da sabedoria. O lugar parece ter sido escolhido de pensado para gruta de um ermitão, a distância por um lado, e de Capunema por outro, é de três léguas, e todo o caminho é péssimo sempre. Montanhas íngremes de difícil acesso, cheias de saltos de pedras, onde perigam os cavalos. Nós andamos de pé a maior parte, e por isso, havendo saído pelas 9 horas da manhã, chegamos àquele sítio pelas 3 horas da tarde, parando

só um quarto de hora enquanto almoçamos debaixo de árvores junto a uma corrente que se despenhava impetuosamente nas pedras, e cujo sussurro aumentava o terror de uma solidão triste e medonha. Apenas minha vinda foi anunciada ao Sr. Garcez, que então servia de superior do colégio; ele teve a bondade de me vir falar, e mandou imediatamente preparar uma das hospedarias separadas da casa, onde fomos alojados e servidos sempre com toda a decente comodidade como têm de costume aqueles padres fazer com todo mundo que ali vai por curiosidade ou negócio profano e religioso. Os devotos acodem com suas pias oblações a Nossa Senhora Mãe dos Homens, e ao corpo de S. Pio mártir e nós presenciamos a penitência de uma mulher que, depois da missa, foi de joelhos desde a porta da igreja até os degraus do altar-mor, levando nas mãos duas velas acesas que dedicou à Virgem Santíssima, entregando-as ao sacristão. O marido daquela devota e penitente Madalena estava ansiado por dedicar também uma vela ao corpo de S. Pio, cuja capela no adro do templo nem sempre está aberta; eu queria igualmente ver este Santuário, e fiz rogar ao superior que o mandasse abrir. Que precioso monumento da nossa religiosidade! A alma de Jacó me roçou na pele e ouvi dentro de mim mesmo: *Vae locus iste sanctus, et ego nesciebam!* Reparei, entretanto, que o bem-aventurado se intitulava mártir quando eu me não recordava de haver visto no calendário romano o nome de outro Pio, além daquele que foi papa, mais confessor; se bem que o calendário nesta parte não é muito seguro, porque deixa sempre a porta do Céu aberta a quantos queiram lá entrar, declarando que, além dos santos mencionados, ainda há muitos outros mártires e confessores e virgens dos quais não se tem feito menção alguma. O meu reparo não foi de propósito: corria geralmente que os padres do Caraça eram muito fanáticos, e eu quis observar por mim mesmo o que sentiam eles a respeito do corpo de S. Pio, que o vulgo crera com a maior simplicidade do mundo ser realmente de carne, e o verdadeiro homem, que vive além da morte, e não se corrompe nunca por ser bem-aventurado e como tal declarado pela Cúria Romana. Tive, porém, a complacência de verificar o contrário dos falsos boatos: o padre me respondeu ingenuamente que aquele vulto era uma das muitas estátuas que se fazem na Cidade Eterna, e que em certo dia o papa ou outro benze, consagra, e batiza, pondo

a cada uma o nome que quer, e com o qual passam ao poder de quem as compra; sendo, portanto, fora de dúvida que, assim como se faz, se compra e se vende a estátua de César, Vênus, Netuno, ou Rousseau, assim também é lícito fazer, comprar e vender a estátua, o busto, o retrato e o desenho de qualquer outro nome, porque enfim o que vale é o gosto de ter, possuir, ver, amar e adorar uma bela pintura de Rafael, Ticiano, Correggio ou Apeles, seja qual for o nome que se queira dar à obra. E eu visitei o estabelecimento todo, e por toda a parte encontrei ordem, asseio, regularidade, decência, virtude e filosofia. Os rapazes vivem satisfeitos, são tratados muito bem, e tratados como filhos. O Sr. *Garcez* é geralmente conceituado como pai dos estudantes, e merece por isso os mais distintos louvores; eu notei nele uma doçura extrema e muito bom método de ensinar, de todos quantos tenho visto, o mais aproximado à ordem regular da natureza, que em todas as coisas marcha sempre gradualmente, e se bem me ocorre, cuido que me disse ia reformar o plano dos estudos para que nunca mais se ensinasse latim aos estudantes, senão depois que eles houvessem adquirido bastantes conhecimentos na ideologia, lógica, retórica, gramática geral, ciências naturais, e história; pois que então bastariam só seis meses para se habilitarem na língua dos quesitos, em lugar de gastarem três e mais anos, como acontece atualmente sem proveito algum, porque enfim a língua latina não passa de ser um idioma que nada aumenta ao saber, senão como um meio de o adquirir nos livros do Lácio. Lá vi o retrato do irmão Lourenço, fundador daquele cenóbio: era um rico e ilustre ermitão, que, tendo bastantes meios de sustentar meia dúzia de confrades, atraiu ali alguns pobres e devotos fiéis para lhe fazerem companhia, e lhe ajudarem a tragar as penas e aflições que traziam sempre seu espírito atribulado. Sabe-se, porém, que seu nome era emprestado, e que tinha vindo de Portugal refugiar-se naquele centro e solidão para escapar ao golpe dado pelo marquês de Pombal na casa de Távora, a quem ele pertencia. Eram 8 horas da manhã de 21 de abril, quando saímos do Caraça para a cidade de Ouro Preto, a capital da província de Minas, atravessando o lugarejo de Capunema, onde nos detivemos um pouco para almoçar e dar milho aos animais, que aquele dia tinham de andar dez léguas por caminho muito mau sempre. Passamos pela volta da

tarde no arraial de S. Bartolomeu, que termina em uma alta e longa serra, na qual nos veio apanhar a noite assaz tenebrosa; de maneira que nos foi preciso caminhar muitas vezes a pé, para evitarmos os frequentes riscos em que nos víamos a miúdo, colocados entre Cila e Caríbdis, porque, mal se acabava de subir, começava-se logo a descer e, apenas se tinha descido, subia-se imediatamente. É este o grande defeito das estradas de Minas em geral. Entramos em Ouro Preto pelas 10 horas da noite, e pedindo agasalho na estalagem das Cabaças, respondeu-se-nos que todos os cômodos já estavam tomados. Instando, porém, com o dono da casa, o Sr. *Mariano*, que é um belo moço brasileiro, muito atencioso, obsequiador, e prestável: ele teve a bondade de nos declarar com franqueza que seu rancho não era decente para receber a pessoa e a mulher de um magistrado, mas que, todavia, querendo eu acomodar-me às circunstâncias, ele nos daria hospedagem e faria todos os esforços por nos contentar o mais possível. Gostei bastante da linguagem modesta e da ingenuidade do Sr. *Mariano*, que por suas maneiras conciliou imediatamente minha afeição, assim como sempre contrai a estima e amizade de todos os passageiros que ali vão hospedar-se, porque ele e sua mãe ambos são brasileiros americanos, e por conseguinte incapazes de nutrir na sua albergaria a perfídia, o furto, a insolência, e mais vícios e torpezas que moram eternamente nas estalagens da Europa. A jornada daquele dia me prostrou inteiramente, e eu só tinha vontade de me deitar e dormir; enquanto, porém, se preparava nosso aposento, fomos recolhidos a uma grande sala, que era de visitas e comum a todos os hóspedes. Ali estavam à janela muitos passageiros conversando com bastante interesse, vivacidade, e calor; a conversação rolava sobre o admirável e prodigioso pajem de um deles, que outro queria comprar. Elogios mil se teciam a este servo para encarecer demais seu mérito relevantíssimo. – Ei-lo, aí vem (diz o passageiro negociador): é este, é este mesmo servo venturoso o fênix dos criados, o pajem mimoso que os maiores cavaleiros, como Roldão, Oliveira, Amadis de Gaula e D. Quixote nunca tiveram a honra de possuir. Já eu nutria também meus desejos de fazer aquela preciosa aquisição por meio dalgum contrato, quando vejo entrar na sala o tal pajem; era um preto sujo e maneta, a quem faltava metade do braço esquerdo, e que, montado a cavalo para acompanhar um homem

sério, devia ser na verdade uma figura bem vistosa e importante. Caíram a rir os sujeitos todos, e eu não pude deixar de lhes fazer uma perna, posto que estivesse meio dormindo. Nós éramos tratados muito bem na estalagem das Cabaças: mas, como eu tinha intenção de me demorar algum tempo nesta cidade para decidir com a Junta da Fazenda a questão do Rio Pardo, tratei imediatamente de mudar-me para o centro dela por ficar mais perto daquela repartição. Por fortuna minha o Sr. Laje, porteiro da câmara municipal, tinha na ladeira do Ouro Preto uma casa devoluta que me ofereceu prontamente; aceitei seu generoso favor, e passei-me para lá. A mudança foi de noite, e esta, muito chuvosa, aumentara as águas, as águas corriam com mais estrondo: nós a pé e muito devagar, para não darmos alguma queda nas pedras lisas das multiplicadas ladeiras, que têm quase todas as ruas; em uma palavra, tudo era triste, e tudo excitava sensações fúnebres e melancólicas. Passamos em uma das pontes, e me veio à lembrança o desgraçado cantor de Marília bela!... A minha estava comigo, seu braço enlaçado ao meu, apertei-o, fiz contê-la, e começo a lhe dizer: – Aqui, meu bem, foi que estive o mimoso passarinho que o mais terno dos amantes, da prisão remota e injusta, enviou à sua amada para buscar novas dela. Esse mesmo passarinho foi aquele que eu mandei a buscar novas de ti, quando ímpios e ferozes ministros da Lusitânia algemaram iniquamente estas mãos, que já banharas com teus prantos de amor. Mas Dirceu, sempre infeliz, nunca se pôde ligar com aquela que adorava.

Só eu Marília	Assim iremos,
Venci o fado	Até que a campa
O céu, a terra,	Engula os dois,
O inferno, e tudo.	No mesmo dia,
Liguei-me ao teu	Na mesma hora,
Bom fado ou mau;	Que enquanto vivos,
E tu também	Ah! Certamente
Te uniste ao meu	Não tem Natureza
E já agora	Poderes – tantos,
Contentes ambos	Que me – separe
Ou ambos tristes	Dos teus encantos.

PARTE IV
VIAGEM DE 74 LÉGUAS, DESDE
OURO PRETO, CAPITAL DA
PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS,
ATÉ A CIDADE DO RIO DE
JANEIRO

CAPÍTULO XVI

A QUESTÃO DO RIO PARDO
DECIDIDA. SALUBRIDADE E
PASSADIO EM OURO PRETO.
SEPULTURA EM QUE ESTEVE
ENTERRADO O AUTOR.
INSTRUÇÕES PARA OS
REGISTOS.

Apenas cheguei a Ouro Preto, anunciei-me por uma carta ao meu colega e amigo o Sr. *Amaral*, ouvidor da comarca, e mal servia só de o procurar, imediatamente veio prestar-se benévolo e oficioso para tudo quanto me fosse mister. Aproveitando o momento, toquei-lhe na questão do Rio Pardo, e tive a fortuna de o encontrar de acordo com a minha opinião, a qual não podia deixar de ser a mesma que tivesse todo homem de inteligência, pois o contrário dela passava a meta de estrondoso absurdo.

O presidente da província, que então era o Sr. Marechal José Manuel de Almeida, foi prontíssimo em se decidir pela minha justiça, e até me contou haver passado no registo de Paraibuna com dois escravos de seu uso e serviço, e que lá não se lhe exigiu pagamento algum, nem era possível exigir-se (dizia ele), pois a lei é muito clara, e só manda cobrar direitos de gêneros, isto é, de coisas que se trazem para vender em Minas.

Os outros membros da Junta de Fazenda, o Sr. Brandão, que servia de procurador da coroa, o Sr. Fernando Luís Machado, tesoureiro, e o Sr. José Joaquim Guimarães, escrivão, todos estes foram igualmente concordes; de maneira que, não havendo dúvida alguma a tal respeito, meti a despacho o meu requerimento, o qual saiu como se esperava, e

o dinheiro que se me tinha usurpado no arraial do Rio Pardo foi-me prontamente restituído.

O negócio, porém, não parou aqui. O juiz de paz daquele arraial havia dirigido à Junta uma representação munida de documentos, queixando-se dos violentos ataques e vexames que sofrera da parte do administrador. Deliberou-se também de pronto a este respeito: o administrador e comandante foram demitidos, outros nomeados, e uma provisão ao ministro competente para devassar e conhecer dos crimes daquele homem de que o acusava o juiz de paz.

Eis aqui como terminou a famosa questão do Rio Pardo, questão que qualquer outro que tivesse cara de tolo e alma de jumento, e que fosse por conseguinte mais bom homem do que eu, teria certamente deixado ficar nas trevas e água morna do silêncio da estupidez. Não era pois a quantia de 93 mil réis o que me instigava a levar ao cabo esta luta (um mês em Ouro Preto me fez gastar o triplo); mas era um sentimento de puro patriotismo, que nutre em meu peito uma oposição sempre aberta aos velhacos e tratantes, que não tendo um vislumbre de filosofia se prevalecem dos empregos públicos para enganarem, roubarem, impor, e viverem afortunados à custa do suor alheio, e da simplicidade dos cidadãos.

Eu não posso deixar de oferecer aos membros ilustres da Junta de Fazenda de Minas Gerais um testemunho de reconhecimento público em nome da pátria pela pronta e justa decisão deste negócio, posto que seu expediente consumisse uns vinte e tantos dias que fui obrigado a deter o processo de minha jornada. Não posso igualmente deixar de agradecer-lhes as privadas deferências que obraram comigo, pois mereci a honra das visitas e mais obséquios que em tais ocasiões costumam praticar os homens benévolos, polidos, e respeitáveis.

Gozamos de muito boa saúde todo o tempo que estivemos em Ouro Preto e mais ainda restabelecemo-nos inteiramente de algumas pequenas queixas da higiene que não deixavam de nos incomodar bastante. O clima é magnífico, o alimento sadio, saboroso, abundante, e barato; e junto a isto o boníssimo caráter de seus habitantes, tudo concorreu admiravelmente para fazer da nossa internada ali uma das melhores primaveras da nossa vida. A bela vizinhança do Sr. *Peixoto* e do Sr. *Laje*

meu hóspede não contribuiu pouco para aquele feliz resultado. Estas duas almas sãs, de noite e de dia, não cessavam de dar ao seu hóspede vizinho um sinal evidente da afeição que lhe tinham; assim como o Sr. *Luís Maria*, secretário do governo que morava também mui perto de nossa casa. Fomos grandemente obsequiados por todos estes senhores e suas respectivas consortes, às quais deveu minha mulher repetidas atenções e afago imenso.

Nossa residência era algum tanto estrambólica, de oriente a ocidente, e de norte a sul não lhe entrava claridade. Grandes rótulas nas janelas de alto a baixo, a casa não tinha pátio, a cozinha a terminava, e a sala de jantar, que era no centro, alumiava-se por uma claraboia fosca em demasia, que mão de limpeza não tocava *ab aeterno*. E nesse mau salão (sepulcro em cima da terra) nos enterramos em vida, e o mais é, contentes e satisfeitos da sorte que o presidente nos deparava a seu jeito. Minha mulher, tão sozinha, passava dias inteiros nesta espelunca de trevas, enquanto que eu me ocupava nos negócios lá na rua, ou em casa a escrever. Aí fiz as instruções que dei à Junta de Fazenda para regular os registos, de que tenho um documento que vai no fim desta obra, e a minha amada também bordou-me aí uma bolsa (bacalhau de carambola) para trazer ao pescoço, quando fosse tomar posse do lugar de magistrado com aquele ar imperante, próprio do grão consulto, que é a um tempo juiz, ornato das letras, intérprete das leis, sacerdote de Áustria, e carrasco da justiça.

Não me restando mais nada a fazer naquela cidade, ordenei os arranjos para poder prosseguir a viagem, fiz novos ajustes com o meu almocreve que foi despedido, e tomei a resolução de viajar só com gente minha, sem guia nem arrieiro, diminuindo contudo a quantidade da bagagem, e entregando parte dela ao Sr. Manuel Joaquim Rebelo, mercador ambulante, que tinha de vir para o Rio de Janeiro com uma boiada, e que em tudo me serviu e satisfez com honra e com generosidade. Assim tudo arranjado, e disposto, saímos da capital de Minas Gerais no dia 28 de maio de 1830.

CAPÍTULO XVII

O MAR DE ESPANHA COBERTO DE
CAPIM. O VOLTA TU, NÃO VOLTO EU.
A ORDEM DÓRICA DO SR. PADRE JOSÉ
PINTO. OS ANARQUISTAS DO XIPOTO.
AS CANELAS DA MÃE CATARINA
NA CAMA. O LUGAR COMUM DAS
HISTÓRIAS DO CAMPELO. O TENHO
MEU MOINHO. O SR. VIDAL E
OS BOLETINS DO IMPERADOR. O
REGISTO DA PARAIBUNA.

A aurora nos raiou fora do Ouro Preto na estrada que se denomina Mar de Espanha, e uma daquelas que se encaminham diretamente ao Rio de Janeiro. Havia questão de preferência, cada um ajuizava como queria, eu não sei por que escolho a do Mar de Espanha. O certo é que bem depressa me arrependi da eleição, pois, não tendo ainda caminhado meia légua, um macho deu comigo de encontro à parede da estrada em um sítio apertado e tão estreito que o meu cavalo se deixou cair para salvar assim sua vida e a minha.

O macho trazia uma grande e volumosa carga de capim e seu dono o acompanhava. Minha mulher e o resto da tropa, que iam adiante, pararam a uma banda onde o caminho lho permitia por ser mais largo e disseram ao capineiro que suspendesse a marcha do seu animal, para que eu pudesse unir-me à minha caravana. Mas o maldito, que tinha em vista sem dúvida os brocárdicos do direito comum, decidiu que tanta razão havia para que ele parasse como eu retrocedesse e por conseguinte

deixou ir seu estúpido e travesso macho, que quase por um triz comete dois crimes ao mesmo tempo, a morte de um homem e um homicídio.

Estes sucessos devem ser de pouca entidade para os governantes que têm achado sempre muitos milhões para se gastarem na guerra e na matança; nunca tiveram um real para se mandar fazer boas estradas. Um filósofo, porém, não pode ser insensível a tanta negligência e desídia que é causa de tantos infortúnios e desastres.

Não havia muito tempo que um tropeiro tinha morto outro nesta disputa de volta tu, não volto eu, para tu, não paro eu. Fizemos, portanto, neste dia uma viagem não muito boa de duas léguas e meia até ao arraial da Chapada, onde jantamos e dormimos. No seguinte, passamos melhor, e ao terceiro, 30 de maio, atravessando o arraial da Espera, onde não quisemos ficar, porque todo o povo estava a festejar na rua o Espírito Santo; avançamos cinco léguas e meia com bastante trabalho e enfado, e fomos pousar na grande fazenda do Sr. José Pinto, clérigo secular, e lavrador poderoso, que reúne as letras a bastante cabedal, e que portanto passa uma vida venturosa na sua bela casa de campo, a primeira que eu conheci com ar de casa de gente por sua elegância, construção e aseo. Ele nos recebeu e agasalhou com toda a decência, polidez e grandeza, e é esse estilo do seu proceder brioso com todos os viajantes que passam naquele sítio. Um grande pátio na frente da casa é circundado todo de bem-feitos ranchos que rematam no portão, o qual dá entrada ao vasto edifício. Os ranchos, uns servem de armazéns para guardar os mantimentos e colheitas, outros para oficiais diversos, muitos para habitação dos escravos, e o resto para domicílio dos porcos, que ali se criam em quantidade prodigiosa e que vivem debaixo de boas telhas como gente. A casa é de sobrado e por toda a parte desta grande obra se conhece o dedo do seu autor.

Saindo daqui tencionávamos fazer o pouso em São José do Xipoto, distância de três léguas; mas naquele arraial nos aconteceu o mesmo que no da Espera: achamos o povo todo no meio da rua a festejar o Espírito Santo, posto que sem empório, nem coroa, nem cetro, nem trono.

Não havendo nada disto, havia por consequência anarquia, e reinava a desordem, pois tudo estava aberto e escancarado, janelas e portas abertas e a gente sentada, ou em pé a olhar para a rua sem fazer nada, ou

quando muito conversando uns com os outros em boa paz, harmonia e sossego, o que aliás é falta de ordem para certos sabichões políticos, que fazem consistir a arte de governar em bater, ferir, matar por portarias e decretos quatro dúzias cada manhã, obediência às autoridades, assim o quero e mando, e a última razão é a espada e o canhão. Irra, meu Deus! Para que é tanta besta? Parece que vem aí um elefante pela madre da montanha fora, e de resto nasce um ratinho pequeno, *ridiculus mus*.

Eu, pois, que nunca gostei de me achar onde houvesse empório, trono, coroa, e cetro, não quis ficar naquela sociedade civil e anarquista, avancei mais meia légua até à fazenda denominada Contrato, pertencente a uma senhora tão velha como sua herdade, que também estava no arraial à porta da rua e, vendo-nos passar, ficou inclinada a olhar para minha mulher e prerrrompeu neste êxtase: “Hem! que coisa tão bonita Deus Nosso Senhor fez! Benza-te Deus!” Não pude ser invencível à candidez desta criatura inocente, muito mais porque, sabendo ela que nos dirigíamos ao seu casal, mandou prontamente seu filho e uma escrava, ordenando-lhes que nos prestava todos os bons ofícios da hospitalidade.

No 1º de junho, descansamos para jantar no rancho do *Gabriel*, e mal tínhamos acabado de montar a cavalo para prosseguir a jornada começou a chover. O tempo não denotava o que veio a dar depois, choveu muito toda a tarde e os caminhos ficaram alagados, os atoleiros quase nos engoliram. A Mãe Catarina, sendo aquela que mais se enterrava na lama por causa de suas extensas e finas canelas, caiu, e sujou-se toda; a sua queda excitou uma risada geral na gente da comitiva. Ela, então, cheia de raiva, invocou aos altos Céus para que punisse aqueles escarnicadores com pena de Talião. Os Céus lhe ouviram seus rogos; e como não se tratava de punir mancebos loucos que zombaram de um profeta, não veio fogo celeste, mas veio água etérea ainda mais do que havia e cada um dos escravos foi caindo sua vez. Grande galhofa entretanto faziam todas as vezes que cada um deles caía, e até eu não pude forrar-me àquelas apupadas inocentes por um engano que me fez *madame* Margarida. Ela viu um brilho muito à beira da estrada, meteu-se nele e aconselhou-me a seguisse. Poucos passos tínhamos andado, grita *madame* adiante: *Eh bien monsieur voilà un galimatias de la route?* Eu tinha dado ordem ao meu cavalo que se entendesse com ela a respeito

daquele caminho tão fora da vila e termo, falando-lhe, porém, francês, que não é língua para bestas, o cavalo achou-se de improviso em um salto de três palmos de altura que, pulando sem cerimônia, escorregou e caiu, e eu também junto com ele. A queda não me ofendeu, se bem que me fez suspirar pelo Sr. *Leandro Machado*, aquele insigne picador do Rio Pardo que sabia entender a linguagem dos jumentos sem haver sido discípulo de Pitágoras, somente com a lição do sábio Rego.

Molhados, enlameados, sujos, mas não enfadados, chegamos ao arraial das Mercês, em cuja entrada havia uma estalagem; seus donos, marido e mulher, boas pessoas, me fizeram recordar das histórias que o Campelo contava aos meus rapazes e que todas elas começavam sempre assim: “era um vez um velho e uma velha”. Fomos tratados muito bem. Os escravos mudaram roupa de verão, bastante cachaça, cearam e dormiram a sono solto, e no dia seguinte, fazendo uma jornada de cinco léguas muito grandes, mas sem chuva nem quedas, pousamos na fazenda chamada Viúva Gorda, com o destino de sair do Mar de Espanha e buscar a estrada de Barbacena, que é sem dúvida melhor, mais povoada, enxuta e larga.

O dono daquela herdade, posto que sua casa não tivesse cômodos suficientes, nos recebeu contudo, e nos agasalhou como pôde, não poupando meio algum de nos satisfazer, e servir: e sobre isto nos entreteve, e divertiu bastante com a franca e sincera confissão dos seus teres, contando-nos e repetindo-nos muitas vezes que tinha o seu moinho, tinha o seu monjolo (formais palavras). Minha mulher gostou imenso de o ouvir, e não podia ter-se com riso, porque o homem, falando sempre com presteza, vivacidade, gosto conveniente, lhe fazia lembrar o reto e cômodo do Sr. Cruz da Vila do Jardim do Ceará. No dia 3 de junho, passando por Maria Vicência, ficamos de noite em casa do Sr. Francisco José, que nos deu um tratamento digno dele e de nós: é um moço brasileiro muito polido e tratável, possui em cabedais os mais nobres e esclarecidos sentimentos em favor da pátria. Na manhã seguinte, entramos na grande estrada pelo sítio do chamado Chapéu de Uvas, e, fazendo esse dia uma ótima viagem de cinco léguas, jantamos na estalagem de *Luís Antônio*; dormimos na fazenda de *Joaquim Vidal*, que nos obsequiou e tratou com aquela grandeza que é própria do seu caráter e seu costume

hospitaleiro. Não há um só viajante que não tenha experimentado sua munificência; e os boletins publicados na Viagem do Imperador assaz provam seus rasgos de ínclita grandeza e generosidade.

Saímos da fazenda do Sr. *Vidal* penetrados da mais viva saudade do nosso bom hóspede, e caminhando seis léguas pernoitamos em uma palhoça situada nas raías de *Matias Barbosa*, que era antigamente um registo famoso, espanto e terror de todos os viajantes, e que está hoje abolido depois que se fundou o do rio Paraibuna. No dia seguinte, 6 de junho, caminhamos de manhã légua e meia até um lugarejo de meia dúzia de casas, a maior parte de palha que àquela hora se achavam todas fechadas sem gente, e apenas vimos uma preta. Jantamos aí, e de tarde fizemos uma marcha de seis léguas e meia até o registo de Paraibuna, onde nos recolhemos na estalagem do Sr. *Clemente*, que nos deu boa hospedagem, e nos tratou otimamente, todo o tempo que ali nos detivemos.

Aquele estabelecimento é uma das melhores oficinas públicas que há no Brasil. Uma ponte soberba atravessa o rio, é coberta de telha, o assento de madeira, mas o vigamento fixo em grandes bases de pedra muito bem trabalhada: o quartel é pomposo e elegante, muito bem repartido, e com suficientes cômodos para os empregados, além do mirante reservado para pouso do imperador quando ali passa. E quanto aos homens que lá encontrei, só posso dizer que, se os empregados dos outros registos fossem sempre como estes, não teria certamente havido tanto ladrão petulante e sem vergonha, como desgraçadamente por vezes tem aparecido nas diversas estações de fisco, onde algumas harpias famintas de suor alheio bem mereciam sentir os efeitos da primeira e única raiva que fez sair do seu sério o nosso brandíssimo e prudentíssimo redentor. O qual, não podendo jamais suportar o desaforo dos republicanos no templo, os levou todos a chicote, e chicote bem grosso feito de cordas de boi.

O comandante da guarnição era o Sr. Manuel Caetano Monteiro, tenente de cavalaria, um moço de gênio excelente, muita probidade e doçura, e de sentimentos belíssimos. O segundo escrivão que, na ausência do administrador, exercia este cargo, o Sr. José Belisário, tinha igualmente bastante capacidade. E o escrivão do registo, o Sr. *João Nepomuceno Simões Borges*, tenente-coronel do batalhão nº 11, é um homem

respeitável por todos os títulos, e não foi sem razão que ele mereceu do imperador os mais distintos elogios e sinceros louvores, seriedade, honra, energia, probidade, candura, polidez, e prestabilidade: tudo se encontra em sua pessoa, e basta encarar seu aspecto e semblante para se presumir com acerto que aquele exterior grave reveste as mais sólidas e brilhantes virtudes de um coração bem formado. Não tem aquela sofreguidão de arrancar as entranhas aos cidadãos laboriosos para amontoar dinheiros no fisco em favor unicamente das sanguessugas do Estado. Se a lei declara terminante, a lei se executa como soa; mas, se tem escuridade que abre a porta a disputas, ele se decide pelo que dita a razão: sem letras nem estudos, ajuíza sempre bem, e o raciocínio de um homem qual o Sr. João Nepomuceno é decerto a base prima da mais sã filosofia, que vem só da alma reta e não de palavras várias.

CAPÍTULO XVIII

O *QUI PRO QUO* DE PARAÍBA.
A SRA. ANA E O PATI DO ALFERES.
A SRA. CLEMÊNCIA E O CARÁTER
BRASILEIRO. OS OLHOS CEGOS
DO GOVERNO. OS LADRÕES DA
CORTE. O PINHAL DA AZAMBUJA.
FIM DA VIAGEM.

No dia 8 de junho saímos do registo de Paraibuna e, depois de uma fastidiosa viagem de quatro léguas, chegamos à povoação de Paraíba, situada à margem do rio do mesmo nome. Aqui também encontrei o fisco, ele tem duas propriedades divinas: e é imenso, e aparece em toda a parte, é onipotente, e pode mais do que um raio; justíssimo e sempre tem razão e nunca perde sua demanda senão nos bons governos, como dizia a Trajano o seu panegirista. Naquela repartição há um *qui pro quo* de termos, relações, e guias, não sei para quê: cuido eu que é para se exigir mais dinheiro. Pagou-se a passagem atravessando o rio na barca, fomos pousar na outra banda em um rancho, cujo taverneiro nos serviu como podia, e muito mal; tudo era o diabo aquele dia, e o que nos compensou tais enfados foi o agasalho magnífico que à noite tivemos na Várgea: o dono desta grande fazenda, poderoso (honrado ancião), nos recebeu e hospedou com toda a bizarria; de manhã nos mostrou seus armazéns, colheitas e plantações, e gostei de ver a ordem e o arranjo de seus rústicos trabalhos. É pessoa muito respeitável, e bem podia ter sido aproveitado para a função da ponte em Paraíba, a cujo respeito colhi ideias sãs e todas dignas de apreço.

Já tínhamos deixado à mão esquerda o caminho da serra da Estrela meia légua depois que passamos o rio; e devíamos procurar a vila de Pati

do Alferes a fim de podermos entrar na cidade do Rio de Janeiro sem que nos fosse preciso embarcar: informaram-me, porém, que naquela vila não havia estalagem, nem eu conhecia pessoa a quem pudesse dirigir-me para pedir agasalho. Em consequência, saindo da Várgea no dia 9 e passando na fazenda do capitão-mor daquele território, topei um fâmulos seu que me deu notícia de uma Sra. Ana, viúva pobre que costumava dar hospedagem, e cujo sítio era quase às portas da povoação. Adiantei-me à tropa, e chegando eu só ao casal, onde não via, entretanto, viva alma, violei seus muros, entrando pela portinha de uma decrépita cerca de varas, no meio do terreiro; bradei muitas vezes pela gente da casa, a qual estava toda fechada na frente, posto que eu a ouvia falar, ou no pomar, ou onde quer que fosse. Ninguém me respondia, e eu estava feito ali a voz do que clama no deserto, até que por fim se abriu um postigo, onde apareceu uma mulher meio velha arrenegada, e feia: era a Sra. Ana, que se pôs a argumentar comigo a respeito da hospedagem; pois que (dizia ela) uma viúva não podia receber homens em sua casa: – Mas minha rica (disse-lhe eu), que tem ser viúva para dar agasalho por uma noite a um viajante que traz consigo sua mulher e escravos, os quais não lhe hão de tocar em coisa alguma sua além de se lhe pagar bem todo o trabalho que tiver? A este tempo chegava a tropa e, vendo ela que vinha com efeito minha mulher, mudou de tom e disse-me que, visto eu trazer comigo minha mulher, podia entrar. Sua alteração, porém, já me tinha enfadado e por isso não quis servir-me do seu agasalho, que se conhecia bem ser feito com algum constrangimento. Seguimos para a vila, e lá encontramos o Sr. *Leandro*, que nos deu um rancho devoluto fora da povoação, e se constituiu por acaso nosso hóspede: tratou-nos otimamente e nos fez toda a qualidade de obséquios; o escrivão do lugar, que era homem polido e discreto, veio-me cumprimentar imediatamente e ofereceu-me sua casa ou a casa da Câmara para pernoitar, e, como visse que não aceitava sua oferta, quis obrar uma outra generosidade, recomendando ao Sr. *Lucindoro* que me prestasse tudo quanto me fosse mister com o fim de satisfazer ele as despesas. Não anuí também a esta proposta, mas nem por isso fiquei menos obrigado às atenções e extremos que mostrou para comigo.

Esta viagem da Várgea para o Pati foi muito pesada e incômoda para

os animais e a gente que vinha de pé: seis léguas sem terem descanso em parte alguma.

Eu não queria estafá-los, e por isso no dia seguinte andamos só duas léguas e meia e ficamos no casal das Pedras. Que boa mulher a Sra. Clemência, dona deste casal! Nada havia que não fizesse para nos agradar. Deu-nos um jantar esplêndido, a nós e à nossa comitiva, teve bastante trabalho conosco, e todavia só levou pagamento do milho que os animais comeram. Que grande diferença entre América e Europa, entre Brasil e Portugal. Aquela mulher não tinha relações algumas, nem de amizade, nem de dependências: e por que me obsequiou ela tanto? Por que tantos outros me obsequiaram também? A hospitalidade nasce da liberdade, e esta é um dos atributos do caráter brasileiro. Na Europa é mister encontrar-se gente polida para se achar nela agasalho e urbanidade; mas no Brasil os indígenas abrem suas choupanas a todo o mundo, seu peixe, sua caça, é comum ao branco e ao preto. Dir-se-á que por isso eles não têm nada, concedo, mas também é certo que eles não cometem as torpezas e indignidades próprias do nímio amor do dinheiro.

Do lugar das Pedras começa a grande serra do Verneque, que tem uma légua de subida, e outra légua de descida, nós a varamos no dia 18 com algum enfado e custo, bem que algumas vezes ofereciam-se aos nossos olhos vistas agradáveis.

No fim dela nos achamos em um grande atoleiro; sinal evidente de estar perto ao governo, eu fiz sempre esta observação durante minha longa viagem: quanto mais um dever está contíguo à autoridade superior, tanto mais ele é desprezado inteiramente. Nas portas da capital de Minas foi que o burro de Capim quase me magoou a alma. Nas portas da capital do Império é justamente onde se acham os maiores atoleiros que não é possível passar sem risco de ficar engolido.

Depois que descemos a serra, andamos ainda meia légua até um rancho de palha, onde paramos um pouco enquanto se aprontava o jantar, findo o qual seguimos imediatamente, e atravessando a povoação de Aguazão fomos dormir dali meia légua em uma sofrível estalagem, onde passamos menos mal a respeito de comida, quanto ao mais eu não dormi com sossego, meu espírito atribulado antevia os perigos que as conjecturas ameaçavam de momento a momento. A carta se tinha

tornado um perfeito covil de ladrões; as quadrilhas deles habitavam nas ruas mais públicas, falavam, riam, tratavam e negociavam com as autoridades de os perseguir e exterminar; eles enfim se preparavam de dia para roubarem de noite, e os preparativos, a limpeza das espingardas, pistolas e espadas, tudo se fazia à vista, debaixo mesmo dos olhos de quem era, aliás, obrigado a puni-los. A proximidade do Rio de Janeiro me enchia de susto e me fazia tremer.

Amanheceu entretanto o dia 2 de junho de 1830 sem alguma novidade desagradável, e ao romper da aurora nos pusemos em marcha, caminhando sempre com a maior presteza possível para podermos chegar ao Rio de Janeiro antes da noite. A passagem de Irajá me parecia o pinhal da Azambuja, mas era preciso parar naquele sítio para tomarmos algum alimento e refrescar também a tropa.

Tomei portanto as medidas e cautelas necessárias para prevenir qualquer acidente funesto, e ordenei a um dos meus escravos mais destemidos que nunca desamparasse as armas, junto às quais devia postar-se, vigiando um e outro lado todo o tempo que estivéssemos parados em alguma parte.

Suspendemos com efeito nossa marcha em uma das estalagens do Irajá, onde nos demoramos muito pouco, e apenas comemos, continuamos a caminhar com a mesma pressa com que tínhamos vindo sempre até ali, de maneira que chegamos pelas 4 horas da tarde ao campo de São Cristóvão. Eu vinha com hábitos caminheiros, grande chapéu de oleado, perneiras oleadas também; se os cortesãos me vissem trajado assim, suporiam talvez que eu me tinha escriturado em alguma companhia de cômicos. Recolhemo-nos portanto em uma daquelas hospedarias para me preparar. Esperamos a noite, e com a vinda dela entramos no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1830.

Completando portanto um ano de viagem.

FIM DA VIAGEM DE PATRONI.

ROTEIRO

DOS LUGARES EM QUE ESTEVE E PASSOU O AUTOR DESTA VIAGEM

PRIMEIRA VIAGEM – DA CIDADE DE FORTALEZA (CAPITAL DO CEARÁ) À VILA DE ICÓ

	Léguas
Alagadiço Novo	3
Aquiraz (vila)	3
Cajueiro do Ministro (arvoredo)	3½
Cascavel (arraial)	3½
Lagoa do Xoró	2
Coruaú	3
Sucatinga	4
Carnaúba-sem-cabeça	4
Cruz	4
Lagoa das Pedras	3½
Lagoa dos Patos (bosque)	4
Pau Branco	3
Russas (vila)	2
Lagoa do Canto	1½
Miguel Pereira	1½
Sumidoiro	2
S. João (arraial)	5
Cabrito	3
Boqueirão	3
Pitombeira	3

Santa Rosa (arraial)	3
Defuntos	3
Jaguaribemirim	3
Torrões	3
Riacho do Brum	4
Icó (vila)	6
<i>Total</i>	83½

SEGUNDA VIAGEM – DA VILA DE ICÓ AO JULGADO DE
CABROBÓ NO RIO DE S. FRANCISCO

	Léguas
Santo Antônio	3½
Batalha	3½
Mangabeira	4
Calumbi	2
Crioulas	3
Tropas	4
Cachoeira	5
Chumbada	3
Engenho de Santo Antônio	2½
Crato (vila)	2
Lagoa de Luís Correia	4
Missão Nova (lugarejo)	4
Serra do Matos	3
Jardim (vila)	6
Cachoeira	4
Santo Antônio	2
Catolé	7
Cuité	4
Craoatá	3
Curralinho	5
Tapera	2
Cabrobó (julgado)	4
<i>Total</i>	80½

TERCEIRA VIAGEM – DE CABROBÓ PELA BEIRA DO RIO DE S. FRANCISCO ATRAVESSANDO PARA O SERTÃO DA BAHIA ATÉ JACOBINA NOVA

	Légua
Ponta da Ilha	4½
Aracapé	2½
Caraíba	3½
Igreja Nova (Boavista)	6
Tamaquius	4
Jequi	4
Boavista	3
Cruz da Aninha	2
Itaparica	3
Cruz da Velha Francisca	2½
Pedra	5
Juazeiro (arraial, passagem)	3
Carnaíba (deserto)	6
Caraíba	4
Curral Novo	4
Encruzilhadas	4
Flamengo (deserto)	3
Ranchinho	3
Brejo	4
Jacobina Nova (vila)	3
<i>Total</i>	74

QUARTA VIAGEM – DA VILA DE JACOBINA NOVA ATÉ À VILA DA CACHOEIRA OU S. FÉLIX

	Légua
Domingos Dias	3
Tamanduá	2
Boavista	2
Itapicuru-mirim	2

Olho d'água da Tiúba	3
Cabaças	3
Bebedouro	2
Queimadas (arraial)	3
Rio do Pará	4
Gravatá	3
Imbuaçu	2
Paulista	3½
Santa Rosa	1
Couto (arraial)	2½
Boca da Catinga	1½
Retiro do Padre	3½
Jenipapo	2½
Jurema	4½
Sepipira	2½
Pindoba	4
Tapera	3
Cruz	3
Cachoeira (vila)	3
<i>Total</i> ¹	63½

QUINTA VIAGEM – DA CACHOEIRA OU S. FÉLIX AO CASAL
DO REGAPÉ

	Léguas
Torto	2½
Venda Nova	3
Jenipapo (arraial)	5
Cruz (fazenda do major Rocha)	3½
Poções	4

1 N.E.: No original constava 84½, o que não corresponde à soma dos números de léguas informados anteriormente.

Mocó	3
Quixaba	3
Santa Rita	1½
Água Branca	2
Lagoa dos Patos	3
Formosa (deserto)	3
Três Lagoas (deserto)	2½
Quatis	1½
Cana Braba	3
Maracá (arraial)	1½
Camolongo	2
Caldeiras	3
Queimadas	5
Passagem de Santa Ana	3
Estreito	½
Roberto	4
Areão (sítio abandonado)	2
Barra do Gavião	2
Braúna	4
Jacaré	2½
Imbé	4
Sucuriú	2
Brejo	5
Cágado	3
Mocambo	3
Campo Seco (deserto)	½
Lagoa (deserto)	4
Jacaré	4
Rio das Antas (fazenda)	4
Regapé (grande casal)	3
<i>Total</i>	102½

SEXTA VIAGEM – DO REGAPÉ A CONCEIÇÃO, LAVRA DO
AUTOR

	Légua
Salto das Pedras (lugarinho)	5
Lagoa do Coelho (fazenda)	5
Conceição	5
Tábua (arraial, registo)	5
S. Bartolomeu	5
Rio Pardo (arraial, registo)	5
Barreiras	2
Pilões	5
Poções	2
Tapera	2
Santa Cruz	5
Extrema	3
João de Sousa	3
S. Jerônimo	5
Lagoa da Garça	4
Cristais	1
Ribeirão da Areia	2½
Moinho	1½
Itacambira (arraial)	1
Conceição da Chapada	3
<i>Total</i>	70

SÉTIMA VIAGEM – DA CONCEIÇÃO DA CHAPADA ATÉ OURO
PRETO, CAPITAL DE MINAS

	Légua
Ilha (fazenda do Veloso)	3
Justino	2
Santana (passagem do rio)	2
Pé do Morro	4

A VIAGEM DE PATRONI PELAS PROVÍNCIAS BRASILEIRAS

Capão Grosso	4
Retiro do Capão Grosso	4
Mendanha	2
Tejuco (arraial)	3
Borbas	4
José Pereira	3
Vila do Príncipe	3
D. Rosa	3
Padre Bento	6
Sumidouro	3½
José Pedro	3
Ponte Alta	2½
Rancho de Cima	3
Coimbra	3
Tanque	2
Bom Retiro	2
Cocais (arraial)	3
Santa Bárbara (arraial)	2
Catas Altas (arraial)	2
Inficionado (arraial)	2½
Mariana (cidade)	4½
Ouro Preto (cidade)	2
<i>Total</i>	78

OITAVA VIAGEM – DE OURO PRETO AO RIO DE JANEIRO

	Léguas
Chapada (arraial)	2
Santa Rita (arraial)	1½
Prepetinga	3½
Padre José Pinto	5½
Contrato	3½
Gabriel	2½
Mercês (arraial)	2½

Viúva Gorda	2½
Maria Vicência	2½
Francisco José	2
Luís Antônio	3
Joaquim Vidal	2
Rancho	3½
Matias Barbosa	2½
Simão Pereira	1½
Paraibuna (registro)	2½
Paraíba (passagem do rio)	4
Várzea	2
Pati do Alferes (vila)	6
Pedras	2
Irajá	4
Rio de Janeiro	4
<i>Total</i>	65

SUPLEMENTO PRIMEIRO – VIAGEM

	Légua
Iguape (vale povoado)	2
Brito	2
Conde (passagem do rio)	3
Vanique	1
Paraná-mirim	3
Alambique da Passagem	2
Engenho Novo	3
Haia	2
Cabrito	2
Bahia	2
<i>Total</i>	22

SUPLEMENTO SEGUNDO – VIAGEM DE CATAS ALTAS PARA
OURO PRETO PELA SERRA DO CARAÇA

	Légua
Colégio do Caraça	3
Capunema (arraial)	3
S. Bartolomeu (arraial)	4½
Ouro Preto	2½
<i>Total</i>	13

FIM DO ROTEIRO

ELUCIDAÇÃO JURÍDICA

DOS DIREITOS FISCAIS SOBRE OS ESCRAVOS LADINOS, OU DO USO E SERVIÇO DOS VIAJANTES NA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS FEITA PELO AUTOR DESTA VIAGEM, POR OCASIÃO DA CONTROVÉRSIA QUE TEVE COM O ADMINISTRADOR DO REGISTO DO RIO PARDO

Senhor Administrador,

Eu me achava estabelecido no Rio de Janeiro quando fui ao Pará no princípio do ano passado de 1828 a celebrar meu casamento, embarquei-me depois com toda a minha família para a corte, mas o enjoo extraordinário de que fui atacado no mar me obrigou a aportar ao Ceará, onde vim por terra com treze escravos dos quais já em caminho (na fazenda do Alagadiço Novo do Sr. Deputado Alencar) deixei duas negras, Catarina e Mariana, uma por ter parido, e outra para tratar daquela, e ambas com ordem de serem transportadas no primeiro navio para minha casa do Rio de Janeiro, e é por isso que agora só vêm comigo os escravos dos treze que, aliás, se acham relacionados no meu passaporte.¹

1 Todo este cavaco preciso para mostrar ao administrador que minha viagem a Minas foi casual e necessária, que as duas negras não tinham sido vendidas, nem naquela nem nesta província, e que, enfim, não era negociante de escravos, nem viajava ali para vender coisa alguma do uso, exceto se o uso era de mero luxo, ou se a lei (ímpia, e absurda, e estúpida) o determina expressa e claramente.

São nove as cargas da minha condução, três de roupa, uma de serviço de mesa, outra de utensílios de cozinha, uma de barris de água sempre fresca e limpa e três de mantimento, carne, farinha, feijão, toucinho, açúcar, manteiga, chá, café, vinho, cachaça para os negros, etc., etc., etc. Estas cargas vieram em mulas, mas trouxe também uma besta muar em que veio montada minha mulher, um cavalo de minha sela, três em que vieram meus escravos, e três soltos em pelo sem carga nem sela, sem freio, sem cabresto.

Ora, eu não sou negociante, todos o sabem, e, se o quisesse ser, teria empregado alguns fundos dessa pequena fortuna que possuo. Mas tenho um tratamento mediano qual convém ao decoro, ao caráter de minha pessoa, família, e emprego, ninguém o ignora, se pois eu não sou negociante, se nada do que trago é gênero de comércio, se tudo quanto vem comigo é coisa de meu uso e serviço; como poderei ser obrigado a pagar impostos que a lei só manda recair sobre coisas vendáveis e que entram nos registos para serem vendidas na província de Minas? O sistema financeiro ou tributário em direito é odioso e do direito mesmo é também o grande princípio de se dever sempre interpretar com restrição a lei odiosa assim como entender a quem só distribui favor.

O imposto recai sempre sobre a propriedade viva, ou comercial, e nunca sobre a propriedade morta, qual é em verdade aquela que só serve.

Na Inglaterra, apesar de ser demasiado austera e minuciosa para os contribuintes a economia política, todavia nunca a ninguém lembrou que um inglês devesse pagar tributos do comer que tem à mesa, da roupa no seu corpo, e do criado que o serve. Assim em todas as alfândegas do Brasil, nunca os homens de mar pagaram direitos dos baús de sua roupa nem dos víveres da tripulação do navio, nem dos escravos do seu serviço; ao mesmo tempo que pagaram sempre direitos das cargas de roupa, das de mantimentos, e dos escravos de negócio, porque, nesse caso, a roupa é mantimento e o escravo não é coisa de uso, mas gênero ou efeito de comércio e coisa vendável.

A lei, para ser executada, primeiro deve ser bem entendida, e a inteligência dela depende absolutamente da inteligência das palavras em que está concebida, e se num ápice nos desviamos da interpretação

lógica e jurídica, teremos então o preculcianismo,² que é a origem fatal dos mais estrondosos absurdos que fazem revoltar o entendimento ao homem mais rústico, ignorante e boçal.

Gênero escravo novo, cavalo em pelo entrar para Minas: eis aqui os vocábulos constantemente usados em todas as ordens, instruções e provisões que regulam e explicam o método da exceção no registo do Rio Pardo.

Em comércio e finanças se chama *gênero* aquilo, e só aquilo que se tem para vender. Assim, o dono de um navio nunca chama gêneros os mantimentos da tripulação, ao mesmo tempo que dá esse nome às carnes salgadas e bacalhau que o seu navio traz para vender.

O agricultor, quando colhe nos armazéns seus trigos e mais cereais, denomina os seus *gêneros*; mas, quando os recolhe na despensa para uso de sua casa, então já lhe não dá o nome de gêneros, mas sim o de mantimento.

Basta, portanto, lançar um golpe de vista para o princípio do *formulário* dado pelo contador de Ouro Preto por ordem da junta ao administrador do registo, em 20 de novembro de 1828, para se conhecer ao primeiro intuito que só pagam direitos as coisas que se trazem para serem vendidas, porque o formulário expressamente diz – *Preços que devem pagar os gêneros*. E é absurdo demasiadamente redondo chamar gênero a roupa que se vem vestindo e mudando durante a jornada, a carne que se vem comendo, o vinho que se está bebendo. E se há porventura tropeiros tão miseráveis que viajam com uma só camisa no corpo e duas rapaduras no fundo de um surrão, não está nessas circunstâncias qualquer outro homem que tenha um pouco de fortuna, pundonor e educação.

E se não fosse assim o que acabo de dizer, isto é, se se entendesse a letra e como soam as palavras do sobredito formulário, então eu deveria pagar direitos dos dois barricotes de água, pois eles fazem uma carga, e uma carga de água é exatamente uma carga de *molhado* ou de *líquido*, e o formulário não faz exceção da água, a qual também se vende em todo o

2 N.E.: Conforme o original. Não foi possível identificar a que instituto do Direito o autor se refere.

mundo e mesmo em barris, como é costume vendê-la no Rio de Janeiro, Lisboa e noutras cidades bem cultas e ricas.

Mas quem haverá que diga deva eu pagar direitos dos barris de água! Ninguém certamente, a não ter perdido o cérebro. Eis o que também se devem dizer dos meus cavalos que vieram soltos, sem sela, e sem carga. Vieram, sim, em pelo; mas nem por isso devem pagar coisa alguma, pois as palavras do formulário se restringem aos cavalos que se trazem para vender. Tanto é assim que, na provisão da junta da Fazenda de 23 de janeiro de 1811, assinada pelo conde de Palma, se faz diferença clara e específica de *animais novos*, que pagam direitos, a animais do *costeio* da tropa; porque, enfim, quem possui três ou quatro cavalos de sela, como eu possuo, bem os pode trazer todos na jornada, para ter mudas, e montar, ora num, ora noutro, como eu faço toda vez que me apraz.

Com estes dados preestabelecidos, é fácil concluir que jamais posso ser obrigado a pagar direitos dos meus escravos, porquanto todas as ordens e instruções de registo só falam de escravos *novos* positiva e claramente. E entre tantas ordens e provisões que tem o arquivo do registo, apenas o formulário de 1828 é que fala também em escravos *ladinos* feitos *gêneros*. Porém, o nome de escravos *novos* ou *ladinos* *gêneros* nunca em parte alguma competiu a uns escravos que não vieram para serem vendidos, mas só para acompanharem e servirem seu senhor, a quem de fato servem há anos, uns herdados, outros comprados, todos bem habilitados em alguma aplicação útil.

Ora, causa em verdade bastante admiração que, estando criado há tantos anos este registo, e havendo nele tantas ordens e provisões antigas, não se encontra todavia a expressão *escravos ladinos*, senão naquele célebre formulário de 1828 já referido, quando pelo direito positivo e claro da Constituição não era permitido nem mesmo ao imperador interpretar leis, se não é que esse formulário envolve uma lei puramente nova. Eu, porém, de bom grado quero crer que o contador extraiu aquele artigo de alguma ordem ou decreto anterior à Constituição. Contudo, nem por isso devem pagar direitos meus escravos porque já mostrei que esse artigo contempla os escravos *gêneros*, e este nome só compete aos escravos que se trazem para vender.

Além disto, sem embargo de haver o administrador requerido e solicitado esclarecimentos sobre escravos *ladinos* e mudança e regresso

dos tropeiros; contudo o negócio ficou no mesmo estado e as dúvidas não foram sanadas, porque nem o procurador da Coroa na sua resposta, nem a junta no seu último e definitivo despacho, nem o contador no formulário; nenhum deles declarou que devam pagar direitos dos escravos do seu uso e serviço os tropeiros que se mudarem da Bahia para Minas ou que voltarem de Minas para a Bahia; dizem unicamente que se observem as ordens existentes e que as ordens são pagar-se direitos dos escravos novos e ladinos. Quais são, porém, esses escravos? Serão todos indistintamente, ou são só aqueles que se tem para vender, por serem gêneros??? Se são todos os escravos, porque o formulário não distingue; então deveria também pagar direitos dos barris d'água, panelas de cobre e ferro, caixas de roupa, e bruacas de mantimento. E se não devo pagar destas coisas direito algum, apesar do formulário não distinguir; então não devo também nada dos escravos, porque a razão é sempre a mesma.

E que se me dirá, se eu fizer ver que aquelas palavras – *entrar para dentro dos limites de Minas* – querem dizer – *ficar vendido em Minas*?... Pois é assim com efeito: e para prova de ser exato o que assevero, basta ler-se a nota bem do formulário de 1828. Ali se exprime o contador pela maneira seguinte: “Se pelo registo passarem alguns efeitos para a capitania de Goiás, se descreverão os mesmos com essa declaração no livro do registo e se passará guia deles para ser apresentada ao comandante da vila de Paracatu, a fim deste arrecadar a importância dos direitos dos gêneros que aí se depuserem e não se conduzirem para a dita capitania.”

Quanto é exótico, absurdo e risível exigir tributo só pelo mero fato de entrar nas raías de uma província, como se fora isso negócio de ver touros de palanque, ou comédias de plateia!!!

Foge uma rês de um criador baiano e seu vaqueiro escravo corre para Minas após do gado fugitivo: ei-lo pagando 7\$800 réis por entrar em Minas. Vem o escravo de um baiano ouvir missa, passear ou refugiar-se em os limites de Minas, ei-lo pagando réis 7\$800 se é crioulo, ou 12\$800 réis se é africano, e isto por ter fugido, passeado ou ouvido missa. Passa um proprietário da Bahia que tem terras em Minas, com escravos a trabalhar no seu campo: ei-lo pagando por cada um escravo sete, ou doze mil e tantos réis. O senso comum, Sr. Administrador, não tolera tanto disparate, e asneira, nem tanta ladroeira.

Nem a provisão de 11 de maio de 1827 tem relação alguma com a es-

pécie presente da minha questão. Eu não pretendo isentar-me de pagar o que devo, pela razão de ser magistrado: o que digo é que não devo pagar porque a lei o não manda. Os magistrados nunca foram isentos de contribuir igualmente como os outros cidadãos, e sempre foi verdade eterna nos códigos de todos os governos, ainda os mais absolutos e despóticos, que a lei é igual para todos. A junta da Fazenda cometeu um erro grave, locupletando os tratantes, que, sob os auspícios do nome do magistrado, extraviavam os direitos nacionais, visto que encomendas daquela natureza são na realidade gêneros e não coisas de uso; porquanto o morador do Rio Pardo, por exemplo, mandando vir da Bahia uma barrica de bolacha, não pode usar dela, enquanto não entrar dentro de Minas e do registo e só depois que a tem no seu poder, ou por outra forma a recebe do tropeiro condutor, então e só então é que usa. De maneira que, sendo o uso posterior a sua entrada no registo, não se pode dizer que é de *uso* a fazenda registrada; tem sim potência para ser usada, mas não tem uso atual.

Pelo contexto da referida provisão se colige que ela só atendeu ao caso de ser a encomenda trazida por conta e risco do tropeiro, para ser depois entregue ao magistrado e então paga por este. O mesmo declara ela a respeito dos gêneros trazidos para serviço e uso dos armazéns nacionais: sinal evidente de tocar só essa espécie, porque, se se referisse também ao caso de vir o gênero desde a Bahia por conta e risco e na tropa da nação, se via uma loucura e brincadeira de meninos exigir a nação direitos de si mesma, como aquele avarento e tolo que pedia emprestado à sua própria gaveta, quando precisava de um vintém para sardinhas.

Fica pois fora de dúvida que aquela antiga isenção era realmente um privilégio concedido ao tropeiro, e não ao magistrado, pois que este ainda não tinha o domínio do gênero que passava pelo registo, e pertencendo ainda então ao condutor o direito real da coisa, devia ele pagar o imposto, por isso mesmo que trazia coisa *para vender* ao magistrado.

Eu creio haver demonstrado convenientemente não dever pagar direitos alguns nem das minhas cargas nem dos meus cavalos e escravos: aleguei razões bastantes, todas jurídicas, naturais, claras e fortes. Entretanto, se é ainda necessário alguma outra, eu a tenho e com ela vou finalizar minha arenga.

A prática deste registo na arrecadação dos direitos dos escravos ladinos foi sempre com os que entram em Minas vindo da Bahia. Assim o

confessa expressamente o Sr. Administrador na petição feita à junta em 1828 exigindo esclarecimentos. A junta, em seus despachos, confirmou tacitamente aquela prática e o fez expressamente na provisão de 19 de novembro de 1824: ora, eu não sou morador da Bahia, nem de lá venho; eu venho do Ceará, meu passaporte o prova evidentissimamente; logo, mesmo pela prática do registo, eu não tenho obrigação de pagar direitos. Quando se vem de Ouro Preto para Rio Pardo, não se diz que vem do Tejuco, sem embargo de haver estado naquele arraial; outro tanto me aconteceu a mim. Estive na Bahia, mas eu não vim da Bahia, vim do Ceará. E pois a prática do registo é entender tudo ao pé da letra e som das palavras; eu invoco essa mesma prática em meu favor.³

Espero em consequência que a honra e sincera probidade do Sr. Administrador façam o devido apreço das razões que acabo de enunciar, ficando, porém, na certeza de que eu procedo em boa-fé, e que estou pronto a dar o dinheiro, imediatamente que forem destruídos os argumentos em que fundei a justiça da minha causa.

Deus guarde etc. etc.

FIM DA ELUCIDAÇÃO JURÍDICA.

3 Aquela razão de não ter vindo da Bahia é sem dúvida uma razão de cabo de esquadra, e por isso a coloquei no fecho da arenga, depois de haver elucidado bem a matéria toda. Mas era um argumento capaz de convencer aquela gente, que à objeção dos barris de água me dizia: Oh! isso não, *porque é água*. – E as caixas de roupa? – Oh! não *porque é roupa*. – E os escravos? – Isso sim *porque são escravos*. Com juízes tais ninguém podia ser mordomo com efeito. Pouco mais, pouco menos, ouvi a um empregado da contadoria do Ouro Preto que se meteu na questão um dia que lá fui ver os papéis concernentes ao caso. – A roupa não devia pagar, porque eram só três cargas. – E se eu viajasse como o lorde Potenkin que só de músicos trazia sempre oitenta na sua comitiva! – Ficou o jurisconsulto embasbacado e meteu a viola no saco, pois nem penetrou o que eu disse.

E gente tal governando
Que mal sabe o a b c!
Geme o povo, ri-se o sábio,
Mas não ri sem ver de quê.

DOCUMENTO DE QUE SE FAZ
MENÇÃO NO § 8 DO CAP. XVI
DA VIAGEM

A junta da Fazenda, a quem foi presente o ofício de V. S.^a com o fecho de 24 do corrente, acompanhado do projeto de instruções para os registos estabelecidos nos limites desta província, me incumbiu de expressar a V. S.^a o seu agradecimento pelo zelo que V. S.^a neste trabalho manifesta acerca da boa ordem na administração dos mesmos registos em utilidade pública, e particular dos viandantes. O que com prazer levo ao conhecimento de V. S.^a, aproveitando a ocasião para significar os sentimentos da maior estima com que a V. S.^a considero.

Deus guarde a V. S.^a Imperial cidade do Ouro Preto, 27 de maio de 1830. Ilustríssimo Sr. Doutor Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parenti, juiz de fora eleito da Praia Grande e Maricá. – O escrivão deputado da junta, *João Joaquim da Silva Guimarães*.

FIM DO DOCUMENTO.

Este livro nasce de uma singular circunstância. Saindo do Pará, onde fora se casar, em janeiro de 1828, Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, nomeado juiz de fora em Praia Grande e Maricá, passa mal na viagem de navio e resolve fazer o percurso que faltava, em companhia da esposa, do Ceará até o Rio de Janeiro, não mais por mar, mas por terra.

Tempos depois, decide escrever sobre o que viu e anotou em sua longa viagem a fim de oferecer à sua esposa uma lembrança de sua aventura pelo interior do Brasil de então. Patroni redige de maneira tão eloquente e com precisão os dados que recolheu durante o trajeto que o volume passou a ser uma obra de consulta para os pesquisadores que desejam se familiarizar com a paisagem, costumes, dados e experiências vividas pelo autor nos caminhos percorridos e cidades visitadas.

Patroni relata a viagem por mar, depois os preparativos para enfrentar a viagem terrestre. O capítulo seguinte registra o trecho percorrido até a vila de Aquiraz, daí até o arraial de São João. De São João até Icó, Crato e Juazeiro, no São Francisco. De Juazeiro, parte para Jacobina Nova e embica até Caetité, na Bahia. Segue em frente: Paraguaçu, São Félix, rio das Contas, Regapé, Itacambira, os rios Mucaúbas e Jequitinhonha. De Ouro Preto até, finalmente, o Rio de Janeiro.

O leitor interessado em hábitos e costumes do início do século XIX no interior do Brasil terá aqui uma boa fonte de informação. E, para aqueles que se interessam por uma boa leitura, o livro fornecerá um curioso panorama da vida interiorana, com instigantes histórias presenciadas pelo casal nas suas quinhentas e cinquenta e uma léguas percorridas nos anos 1829 e 1830.



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

